

REVISTA DA SEMANA

N. 22 1-6-57 Cr\$ 8,00 em todo o Brasil

FOMOS A SUÍÇA PARA APRENDER MAS OS ARGENTINOS É QUE GANHAM TODOS OS CAMPEONATOS



Exclusivo e Sensacional

**Guerra e paz na
Política Brasileira**



● Ingrid Bergman voltou completamente ao noticiário. Na Itália fala-se abertamente de desentendimento com Rossellini. Nos EE. UU. diz-se com ares de certeza que ela voltará a Hollywood. E no resto do mundo o comentário é um só: Ingrid Bergman continua uma das mulheres mais bonitas do mundo, e uma das presenças mais fascinantes e encantadoras, na tela e fora dela.

An

DIE
Hel

CO
Aug
Car
tun
Alv
Tho

◆

Gu
Ret
Est
Os
Cor
Enc
For

Port
Seis
Reg
Seis

Reg
Seis

O

Fôde
O c
está
pela
não

Dire
Dire
Dire
Chef
Pag
Fot
Des
Lab
Red

Red
22-56

Na
434
aven
No
Mont
telef

◆ O
Abre
mere
Yllen

REVISTA DA SEMANA

Ano '57 — Nº 22 — Rio de Janeiro — 1-6-1957

DIRETOR
Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Guerra e Paz	4/9
Retrato sincero do Nordeste	10/13
Ester de Abreu	30/35
Os cartelas em «black-tie»	38/41
Comércio, coleguismo e... ..	48/53
Encontro com Mário de Andrade	54/56
Fomos à Suíça para vencer	57/59

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 650,00
Seis meses	Cr\$ 325,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 900,00
Seis meses	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 8,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 9,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores ..	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5502 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratória & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



♦ CAPA — A cada dia mais bonita Ester de Abreu, traço de união entre Brasil e Portugal, mereceu uma reportagem de Carlos Lemos e Yllen Kerr que vai publicada na página 30 e seguintes.

É CADA UMA!

● Realmente, só nas grandes cidades podem acontecer coisas assim tão estranhas, como as que ora estamos assistindo nesta cidade. Primeiro foi um incendiário, um nerozinho que chegava numa porta, arrumava velhos jornais encharcados em gasolina e tocava fogo. Quando o incêndio começava, ele fugia e se os donos do apartamento (o fato só ocorreu em arranha-céus) debelavam sempre o incêndio, jamais conseguiram prender o misterioso indivíduo. Um mau, um louco ou um bêbado? Ninguém até hoje sabe, pois a polícia jamais conseguiu prender o misterioso indivíduo filho do fogo e provocador de incêndios.

A polícia começou a caçada; débeis mentais foram presos, aqui e ali e apresentados nos jornais com seus dolorosos retratos, geralmente homens de cara imbecil, miseráveis tão famintos, tão rotos, que nem sequer conseguiam estampar maldade em seus rostos que as desgraças transfiguraram. Até hoje crimes misteriosos ficam sem descobrimento, criminosos continuam sem punição a não ser quando é arranjada uma vítima à última hora, apenas para que o público tenha uma satisfação. Muito inocente paga, porque é preciso que o criminoso apareça.

● Agora estamos diante de novos casos estranhos: desta vez é o leite que o amigo leiteiro deixa nas portas dos apartamentos, ou o pão que o pobre padeiro coloca embrulhadinho nas mencionadas portas que contém veneno, o pior dos venenos, cianureto de potássio, coisa que mata sem piedade. A primeira vítima (que comovedor foi o seu retrato publicado pelos jornais) foi um papagaio que apareceu hirtó e frio ao lado de um pão portador da morte. A guerra de nervos começou. O envenenador foi visto por alguém na rua tal, saiu para o Catete (Catete, Flamengo e Copacabana estão sendo muito visitados pelos criminosos envenenadores ou incendiários); andou por aqui, brada uma senhora, esteve ali, diz um senhor, e a polícia começa a prender débeis mentais, a arrastar nas famigeradas rádio-patrolhas, pobres desgraçados que entre um pão a envenenar e um pão a comer, naturalmente prefeririam o último. Roubariam mais facilmente do que matariam.

● Um mau, um louco, um bêbado? A mesma pergunta se repete, de tal modo que está a cidade vivendo dias aflitivos vendo veneno em tudo; há gente comparecendo aos distritos com tampas de garrafas furadinhas que são, com certeza, sinais evidentes de injeção de cianureto, ou ainda telefonando aflita para a polícia porque, quem sabe? um tipo que passou por ali tinha cara de envenenador. Ninguém naturalmente quer morrer, pois viver é ainda o único bem que nos resta, mas estamos todos mais do que nunca ameaçados por tantos loucos soltos, tanta gente má querendo cometer mortes e destruições.

Não nasci para Sherlock Holmes, nada entendo de crimes e criminosos, mas quer me parecer que já era hora da polícia realizar suas funções e buscar o louco (deve ser um louco) a não ser que em tudo isso haja excesso de imaginação ou ainda no último caso (do leite e do pão) criminosas concorrências agitando indivíduos criminosos.

Cuidado irmãos, cuidado irmãs. Os loucos perigosos andam soltos; nós, os loucos mansos precisamos ter muito cuidado.

ENEIDA

Políticos (da oposição e do governo) decidem entre

GUERRA E PAZ

OS QUE ESTÃO DE UM LADO E OS QUE ESTÃO DO OUTRO ★ JUSCELINO: GRANDE BENEFICIÁRIO DA PAZ ★ CARLOS LACERDA: O QUE MELHOR SE APROVEITARÁ DA GUERRA ★ BALBINO QUER A PAZ PARA DERRUBAR VIEIRA ★ COM A GUERRA VIEIRA AINDA PODERÁ ALMEJAR O GOVERNO DA BAHIA ★ AS RAZÕES DE BIAS FORTES ★ MAGALHÃES PINTO PLANEJA A PAZ PARA GANHAR O PALÁCIO DA LIBERDADE ★ NEREU, MACEDO SOARES, VITOR NUNES E A ALA MOÇA VEEM NA GUERRA A ÚNICA SALVAÇÃO ★ AFONSO ARINOS, PACIFISTA POR FORMAÇÃO, POR VOCAÇÃO E POR TRADIÇÃO

Reportagem de MAURO BRAGA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

A PALAVRA mais pronunciada da semana foi inegavelmente **pacificação**. Desceu de Minas (com escalas pela Bahia) ganhou a cidade, chegou à Câmara e ao Senado, dominou os meios políticos. Não se falou em outra coisa depois da votação da licença para processar Carlos Lacerda.

◇

Os "pacificadores" são Bias Fortes, Balbino, Afonso Arinos, Magalhães Pinto. E o grande beneficiário dela será o sr Juscelino Kubitschek.

◇

Os partidários da "Guerra" são Vieira de Melo, Vitor Nunes Leal, Nereu, Macedo Soares e toda a ala moça. Por motivos óbvios o beneficiário da "guerra" será o sr. Carlos Lacerda.

Ninguém acredita na pacificação, mesmo porque os grupos ainda não conseguiram se entender sequer na definição do que é pacificação. O PSD diz que a UDN quer postos no governo. O PTB vive apavorado com a idéia de perder as sinecuras ministeriais (e as outras), que conquistou com tanto trabalho. A UDN deu uma nota clara (até clara de mais), definindo o que considera pacificação e os termos em que ela pode ser conseguida.

◇

Mas vejamos rapidamente o que se oculta, os interesses que se agitam, os golpes que se tramam por trás disso que se convencionou chamar de pacificação. Vejamos um por um, os motivos e as razões dos homens que de um lado e do outro, dominam e comandam os acontecimentos.



ANTONIO BALBINO

★ Um dos poucos jogadores de xadrez da política, um dos homens que dominam a vida política brasileira. Chegou aqui como simples e desconhecido deputado, traçou seu caminho, executou-o sem o menor desvio ou hesitação. Pensa politicamente, age politicamente, vive politicamente. Se tivesse nascido em São Paulo ou em Minas, seria preciso arranjar um posto mais importante, pois Presidente da República seria pouco para a sua ambição. Tem na mão (bem fechada) o destino de todos os políticos baianos. O mais sagaz deles (Juraci Magalhães) «viu claro» na situação e preferiu uma paz honrosa a um combate inútil. Vieira, Oliveira Brito, Novais e tantos outros são simples peões do jogo de Balbino. E a diferença entre eles e Balbino é tão grande, que quando o Governador da Bahia grita «Xeque mate», eles se surpreendem pois ainda nem acabaram de arrumar o tabuleiro.

CARLOS LACERDA

★ Será o principal beneficiário da guerra. E o político brasileiro de mais talento, e o que melhor sabe tirar partido de uma luta. Dominando tôdas as formas de expressão (o jornal, o rádio, a televisão, a tribuna parlamentar, a praça pública), vai acumulando vitórias e infligindo pesadas derrotas a seus adversários. Quanto mais processos intentarem, quanto mais se encarniçarem contra êle, mais estarão construindo o seu futuro eleitoral. No momento em que o sr. Carlos Lacerda fazia uma pausa na sua combatividade e dava início a uma carreira quase burocrática (por lôrça das condições em que ascendeu a líder da UDN), os anjinhos do governo meteram-lhe uma metralhadora na mão, e passaram-lhe um atestado público de que estava usando essa metralhadora para defender a democracia, as instituições e o próprio povo. Depois, fazem-se de espantados e não compreendem como êle consegue 160 mil votos.



pos
do
go-
ine-
tra-
nin-
ode

que
con-
os
utro,

GUERRA E PAZ



O
Mas p
Pois
reabri
vida)

Men
do e f
lou su
muito
tou-se
o seu
tasma
tactos
dicou
corage
tório.
tribui
ocupa
pelo t
mente.
mesmo
mesmo
sam d
técnica
Europe
os), p
e nen
Faure
27 mir
mais f
de dar
A prin
absolu
pesso
amigo
(Natur
«conqu
sincero
com o
um ho
ções e

MACEDO SOARES

★ O Ministério do Exterior escapa-lhe das mãos, foge, vai para outras paragens. E ele luta para que isso não aconteça. Sua sorte está ligada a de Nereu, Vitor Nunes e Vieira de Melo. Mantido o dispositivo atual, a Pasta Ministerial está garantida. Feita a pacificação a Pasta está perdida. Por esse motivo procura torpedear todo e qualquer movimento mesmo que seja encabeçado pelo seu amigo Bias Fortes. Sua entrevista do dia 16 de Maio (logo depois da derrota do governo na Câmara) foi, do ponto de vista estratégico, extraordinária. Num relance o velho Embaixador pressentiu a que caminhos poderia levar o resultado da votação, e saltou na arena, provocando todo mundo. A reação não se fez esperar, horas depois Lacerda respondia na Comissão de Justiça, a paz estava torpedeada, e sua permanência no Ministério prolongada.



JUSCELINO KUBITSCHKE

O maior beneficiário da pacificação será o sr. Juscelino Kubitschek. Mas parece também que o último a perceber isto foi precisamente S. Ex^a. Pois logo depois de dominar a crise política e militar, insensatamente reabriu-as. Aliás, contraditória (e curiosa) tem sido a carreira (e a própria vida) do sr. Juscelino Kubitschek.

Menino pobre, adolescente quase frustrado, homem iteiramente realizado e feliz consigo mesmo. Egoísta tremendo e individualista feroz, conquistou suas melhores vitórias lutando contra tudo e contra todos. Mas mudou muito neste ano e meio de governo. Pelo menos aprendeu coisas. Adaptou-se algumas vezes, o que parecia quase impossível, num homem com o seu temperamento e com a sua personalidade. Nunca teve medo de fantasmas e demonstrou isso na campanha eleitoral. Mas nos primeiros contactos com o poder, intimidou-se, perdeu-se em protelações absurdas, abdicou de uma coisa que ninguém tinha em mais alta dose do que ele: coragem. Agora, recuperou-se em parte mas continua um homem contraditório. Irrita-se com facilidade mas se recupera com incrível rapidez. Distribui missões às pessoas que o rodeiam, mas esquece (ou não se preocupa) de apurar se elas foram devidamente cumpridas. Tem paixão pelo trabalho, mas sua ação se exerce desordenadamente, atabalhoadamente. Não é homem de planos ou diretrizes. Acredita de mais em si mesmo e na sua ação pessoal. Acha que pode superintender tudo ao mesmo tempo, e se enfurece quando percebe que as coisas não se passam de acordo com o figurino que traçou. Domina magnificamente a técnica de falar horas sem dizer nada. Provou isso nos EE. UU. e na Europa, quando se colocou à disposição dos jornalistas (surpreendendo-os), para responder a qualquer pergunta. Tem uma audácia sem limites e nenhuma inibição; na França, respondendo a um discurso de Edgard Faure (então Primeiro Ministro), falou de improviso e em francês (durante 27 minutos), assombrando todos os presentes. Foi considerado então «a mais fascinante personalidade estrangeira que já visitara a França.» Gosta de dar entrevista e é mestre consumado na arte de lidar com jornalistas. A primeira vista parece um homem extremamente simpático, mas tem absoluta incapacidade de manter amigos. Característica aliás, comum nas pessoas egoístas como é Sua Excelência. Não se conhece nenhum amigo dedicado do Presidente, o que vem confirmar a nossa observação. (Naturalmente não se computarão aqui, por motivos óbvios os amigos «conquistados» entre 31 de janeiro de 1956 e 31 de janeiro de 1961). É sincero nas suas aparições públicas e tem prazer real em manter contacto com o povo. Anti-aristocrata por formação e por convicção, é no entanto um homem refinado e de bom gosto. Naturalmente que suas preocupações estéticas são limitadas, e não sente maior atração por música, pin-

tura ou qualquer outra manifestação artística, embora dispense atenção (como Presidente) a todas elas. Tem admiração pela inteligência, mas sua escala de valores está meio desajustada e desatualizada, o que o faz cometer incríveis erros de julgamento.

No momento tem uma verdadeira obsessão: fazer um grande governo. Mas como não consegue dar forma aos instrumentos que lhe permitiriam alcançar esse resultado, sofre, se desespera, procura se multiplicar na busca de soluções salvadoras. Mas enquanto não se convencer (o que parece difícil de acontecer) que sem uma equipe afinada e ajustada ninguém dirige coisa alguma, vai continuar sofrendo, se desesperando, se afastando dos seus objetivos, e comprometendo o seu prestígio e popularidade.

É pessoalmente agradável, mas extremamente desconfiado. Está sempre fazendo testes com as pessoas que o rodeiam, e perguntando a todo momento: «o que é que você faria nesse caso?», «o que diria?», «como resolveria isso?», etc. E em 90 por cento dos casos não se deixa influenciar pelas respostas e toma as suas próprias decisões. Come sem se preocupar com a comida, bebe sem notar sequer o que está bebendo, fuma sem olhar para a marca do cigarro e quase sem saber que está fumando, pois sua ambição gigantesca e a extraordinária paixão que tem por si mesmo lhe roubam todos os minutos, comandam todos os seus gestos. Durante a campanha eleitoral, explodindo com o sr. Gustavo Capanema, afirmou: «Se você pensa que eu sou Getúlio Vargas está muito enganado. Haja o que houver não me suicidarei.» E realmente ninguém mais distanciado da figura de um suicida do que o sr. Juscelino Kubitschek, homem que adora a vida e que se inquieta e se agita com a aproximação da noite e com a obrigação de dormir por pouco que seja. Os homens não mudam fundamentalmente depois dos 60 anos. Mas como ainda está com 55 Juscelino pode mudar muito. Mas uma coisa, nele, se manterá indestrutível: a preocupação (e a esperança) de governar o maior tempo possível, mesmo acima e além das limitações constitucionais. A expressão de seu rosto, quando, em Portugal, uma quiromante, lendo a sua mão afirmou que ele governaria o Brasil por 10 anos seguidos, até hoje ainda continua viva na lembrança deste colunista.

A melhor ação e a mais perfeita estratégia para essa continuidade, seria evidentemente uma pacificação geral. Mas teimando em honrar uma tradição que o dá como contraditório, o Presidente Juscelino hesita, negaceia, se deixa dominar pelo grupo «guerreiro» que inegavelmente controla os porões do Catete e a liderança política do governo.

GUERRA E PAZ



NEREU RAMOS

★ Enquanto o sr. Oliveira Brito quer a guerra para conseguir o Ministério da Justiça, o sr. Nereu Ramos também quer a guerra, mas para mantê-lo. Veja-se que «selva impenetrável» é a política brasileira. Dois políticos da maioria (ambos considerados ladinos), lutando pela mesma solução, com o mesmo objetivo, mas se chocando frontalmente. O sr. Nereu Ramos nunca foi amigo do sr. Juscelino, lutou contra a sua candidatura, aderiu na hora exata, manobrou tão bem que acabou no Ministério da Justiça. No momento sua situação é perigosa. E se a pacificação for feita, seus dias estão contados.

VITOR NUNES

★ Está aborrecido com tudo isso, não tem nenhum gosto pelas disputas políticas. Mas acontece que no momento faz parte de um dispositivo que não pode ser desmontado individualmente. Quer deixar a Casa Civil, o Presidente quer também que ele saia (o decreto de nomeação de Tancredo já está pronto), mas a sua saída significa um voto de desconfiança a Vieira, Nereu, Macedo e a toda a ala moça. Só com a definição formal da situação (ou guerra declarada ou paz assinada), sua situação se esclarecerá. Então, poderá ser substituído isoladamente, sem que a sua destituição tenha reflexos sobre a situação de seus companheiros de aventura.



VIEIRA DE MELO

★ Sua situação política é insustentável. Não quer deixar a liderança da maioria, pois esse posto é vital para a cartada que pretende jogar na Bahia. Consentiria em trocar o lugar pelo de Ministro da Justiça. Mas a sorte de Nereu está ligada a sua, e no momento a queda de um provocará a do outro. Por isso ambos são pela guerra e procuram torpedear qualquer manifestação ou movimento pacifista. Contra Vieira existem ainda dois outros fatores muito importantes: a ação de Balbino (muito mais hábil do que ele), e as ambições de Oliveira Brito, que se afirmam gigantescas. Para Vieira só haveria uma salvação: um acordo com Balbino. Mas isso é mais difícil do que descobrir dignidade na vida pública do sr. Mendes de Moraes.





OLIVEIRA BRITO

★ Faz parte do grupo de baianos com pretensões federais. Está empolgado com a possibilidade de ser Ministro e para isso fará qualquer negócio. No momento a guerra serve melhor a seus objetivos do que a paz. Por isso o sr. Oliveira Brito procura manter o clima de exaltação, torpedeando na medida de suas forças (que não são muitas) as tentativas pacifistas. Sonha com o governo da Bahia (que só conseguirá com o apoio de Balbino), manobra no sentido de atrair o PTB para a sua candidatura (em prejuízo do sr. Vieira de Melo), perde a calma característica, se irrita, se desespera, fica insone, infrene e impaciente. Para o sr. Oliveira Brito, a Carta Brandi é mais do que um processo ou uma falsificação. É um trampolim. E ele quer saltar de qualquer maneira, mesmo que alguns amigos o segurem.



BIAS FORTES

★ A vocação pacifista do «velho Bias», manifestou-se um pouco tarde. Assim como catapora num homem já casado e com filhos. O irreverente sr. José Bonifácio tem razão: «quem nunca pacificou Barbacena não pode ter pretensões a pacificar o Brasil.» Mas o «velho Bias» não é bôbo. Sendo mineiro o atual ocupante do Catete, sabe que será muito duro impingir outro mineiro no próximo período. A não ser que haja um «amplo movimento de congraçamento e que a paz política seja assinada.» E é na crista desse movimento que o sr. Bias quer chegar ao Catete. Jogando com a ambição de muitos, conciliando aqui, prometendo ali, tirando de um lado para satisfazer o outro, o sr. Bias pretende alcançar seus objetivos. Mas mesmo tendo como aliado o sutilíssimo sr. Balbino, o Governador de Minas não vai conseguir coisa alguma.



MAGALHÃES PINTO

★ O dono da UDN mineira, é o homem que está puxando os cordões que movimentam o sr. Bias Fortes. Todo esse movimento de pacificação é obra sua. A primeira semente pacifista foi lançada por esse homem sereno e impenetrável, calado e compenetrado, mas que tem tantas (ou maiores) ambições que os seus adversários e correligionários. Quer ser o próximo Governador de Minas, e nada melhor para isso do que contar com o apoio do Governador de Minas. E isso que dito assim parece impossível até de imaginar, bem poderia se realizar num esquema de pacificação nacional. Bias Fortes para Presidente (com apoio da UDN) e Magalhães Pinto para o governo de Minas (com apoio do PSD). Que belo sonho para encurtar as noites longas e vazias do Dr. Magalhães Pinto.

AFONSO ARINOS

★ De todos os políticos do primeiro time, o único que tem uma posição autêntica e dela não se afasta um milímetro é o Dr. Afonso Arinos de Melo Franco. Não quer dizer que ele não tenha defeitos, que não cometa erros. Mas é sincero, autêntico, espontâneo. É pacifista por formação, por vocação e por tradição de família. Sendo um intelectual (atraído a política por circunstâncias), a guerra não o seduz, constrange-o, inibe-o. Seu melhor discurso continua sendo o de 22 de agosto de 54, mas como Afonso Arinos sofre por causa disso. Gostaria (com pacificação ou sem ela) de ocupar o Ministério das Relações Exteriores. Ambição autêntica, desejo legítimo de ocupar um cargo que seu pai ocupou com tanto brilho. Mas embora não esconda sua ambição não dá um passo para realizá-la. Em suma: se a pacificação dependesse de homens como Afonso Arinos ela já estaria feita há muito tempo. Pois não é à-toa que se usa o nome Melo Franco.



O RETRATO SINCERO DO NORDESTE

O NORDESTE SEMPRE TEVE UM GRANDE FUTURO, SÓ QUE TOMOU POR CAMINHOS ECONÔMICOS ERRADOS — O LATIFÚNDIO NEM SEMPRE É UMA CAUSA DE ATRASO ECONÔMICO — «MEU PROFESSOR PRIMÁRIO JÁ FALAVA ENTUSIASMADO DO DIA EM QUE FOSSE APROVEITADO O POTENCIAL HIDRELÉTRICO DE PAULO AFONSO» — O AUTOR DE «RETRATO SINCERO DO BRASIL» ESCREVEU UM LIVRO SOBRE JANGO

Reportagem de GASPARINO DAMATA

Foto de HÉLIO POLITO

A CIDADE de Caruaru, no Estado de Pernambuco, está comemorando o primeiro centenário de sua independência municipal; Caruaru e Campina-Grande, na Paraíba, são os dois municípios mais importantes do Nordeste. A grande cidade nordestina, que conta com um sem número de indústrias pequenas e várias fábricas de tecido (a indústria paulista de tecido projeta transferir em breve parte de sua maquinaria para lá!), tornou-se conhecida, também, por ser a terra dos Condés e de Alvaro Lins, atual Embaixador do Brasil em Portugal. E de Limeira Tejo, conhecido jornalista e economista de grande valor, cujo livro «Retrato Sincero do Brasil» (já na quinta edição), mostrou-nos a cru, sem lisonjas, para o incômodo de muitos, as nossas fraquezas e as nossas grandes possibilidades econômicas no futuro.

Limeira Tejo — o Tezinho, como o chamam os caruaruenses, publicou ainda há pouco um livro, «Enéias» — «memórias de uma geração res-sentida», que alcançou grande sucesso, tanto de livraria como da crítica. E ainda mais recentemente outro, com o título «JANGO»: «Debate sobre a Crise do Nosso Tempo», livro que parece ter sido recebido, ao contrário dos outros, com uma cortina de silêncio...

Na capital pernambucana, onde o repórter vai encontrá-lo, o autor de «Brejos e Carrascais do Nordeste», assim justifica:

— Tentei interpretar o fenômeno Jango em obediência ao ponto de vista segundo o qual os homens não são santos ou demônios — mas um produto dos seus meios e instrumentos de suas épocas. As cento e cinquenta páginas do estudo que escrevi — concluiu chupando no seu inseparável e já clássico cachimbo inglês, são mais um estudo do momento político brasileiro, do que propriamente uma biografia do sr. João Goulart!

UM VASTO MANANCIAL DE MINERAIS PRECIOSOS

E como o economista pernambucano está na terra, no momento de grande expectativa e curiosidade, em que centenas de técnicos norte-americanos se instalam, pelo interior a dentro, com armas e bagagens, numa súbita revalorização de uma terra desprezada pelos poderes públicos, asfixiada pelo latifúndio devorante, indagamos:

— Qual é a sua impressão do Nordeste? Acha que tem um futuro econômico certo, garantido, como andam agora apregoando?

— O Nordeste, meu caro, sempre teve um grande futuro, afirma com autoridade; só que sempre tomou por caminhos econômicos errados. Meu professor primário já falava com entusiasmo do dia em que fosse aproveitado o potencial hidrelétrico de Paulo Afonso. A única compensação para a escassez de chuvas é energia em abundância — prossegue — e essa abundância nós temos agora.

E como que desvendando um segredo:

— Região mineralífera, com um lugar a ocupar na produção nacional de metais leves — principalmente alumínio — só necessitava mesmo de eletricidade para o aproveitamento industrial de sua bauxita, sua mica, seu quartzo e, possivelmente, do seu urânio e seu tório! Isso sem se falar nos seus depósitos de calcário, sal gema, pirita, etc. Depois, o Brasil tem sessenta e cinco milhões de habitantes que, dentro de vinte anos, serão cem milhões. E não é só o crescimento vegetativo da população que se tem de levar em conta, mas também o aumento de sua capacidade aquisitiva — que é um fato, apesar de tudo. Quem vai produzir algodão para vestir essa gente toda? Só a região nordestina, com sua variedade arbórea da malvácea, de fibra longa, poderá atender às necessidades de consumo do imperium que será o Brasil dentro de dez anos.

TUDO É UMA QUESTÃO DE MÉTODOS. DE PROCESSOS

O grande atraso econômico do Nordeste, na opinião de muitos, é devido ao latifúndio, e principalmente à monocultura que impera em alguns Estados; por exemplo, a cana de açúcar, cujos métodos antiquados de plantio e mais as terras cansadas, de rendimento mínimo poderia ceder lugar ao cultivo e à industrialização da tamareira, da oliveira, etc. E também de uma florescente indústria de laticínios, pois como todo mundo sabe, trata-se de uma região que produz muito gado.

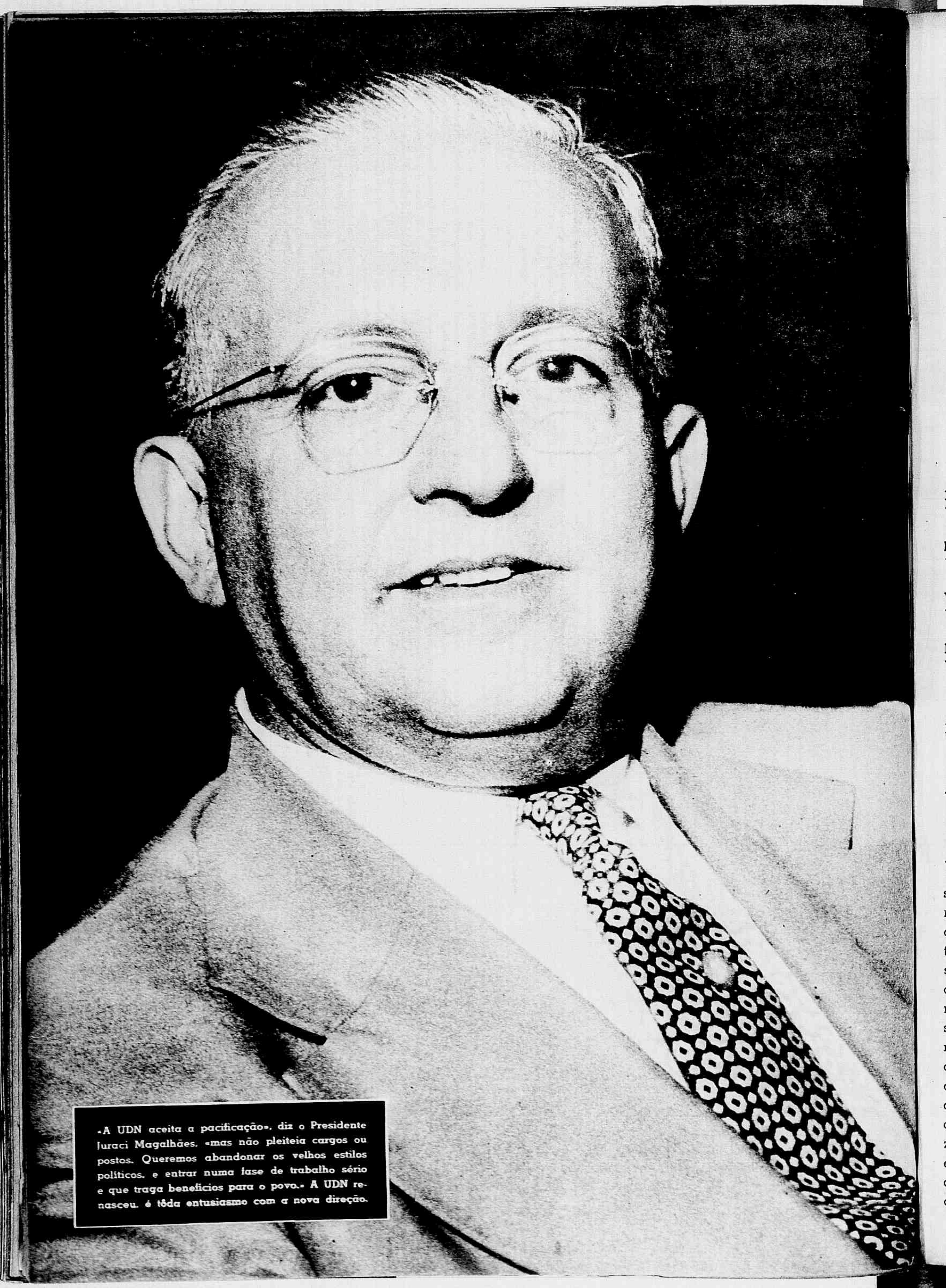
— O latifúndio nem sempre é uma causa de atraso econômico — observa Limeira Tejo. Na maioria dos casos, é uma consequência desse atraso. Quando se criam as condições para uma produção superior, as grandes propriedades improdutivas serão forçosamente exploradas e mesmo subdivididas. Qualquer observador verá que uma moderna estrada retalha as terras e modifica mesmo, com o tempo, a própria mata política, determinando o desmembramento dos grandes municípios. O problema, no Brasil, prossegue — não é o de milhões com apenas sete palmos, enquanto uns poucos são donos de espaços medidos a léguas de sesma-



Lima Tejo e seu inseparável cachimbo inglês. O escritor de Caruaru fez um dos mais completos retratos do nordeste.

ria. O problema é simplesmente o de provocar — ou esperar que a história provoque — a exploração agrícola ou extrativa de domínios territoriais que são belas adormecidas no bosque. Tem de aparecer o Príncipe Encantado que a desperte e esse príncipe — perdoem-me a retórica de sobremesa — é o progresso. Se esse progresso é levado para o interior por meio de planos do governo, o poder público poderá — em nome do interesse geral — desapropriar, repartir, «colonizar» os latifúndios, pois que então serão barreiras à distribuição e propagação dos benefícios proporcionados pelo Estado. E quanto à cana de açúcar — acrescenta —, é preciso distinguir entre a lavoura e a indústria da tradicional gramí-

nea e a estrutura política criada por seu poder econômico. Se se quiser dizer que esse poder econômico, baseado na atividade açucareira, é pernicioso ao Nordeste, então será possível armar o dilema que nos impôs a saúva. Como objeto de produção, simplesmente, não vejo como o açúcar pode ser um mal para a região. Pelo contrário. Se o sistema é anti-social é porque é anti-econômico e — em consequência — só pode ser atrasada a força política que nele se funda. Ao invés de segurar numa das pontas daquele dilema, prefiro formular outro: «ou liquidamos com os métodos e processos anti-econômicos da agricultura e da indústria da cana de açúcar, ou esses métodos e processos findam por nos liquidar!



«A UDN aceita a pacificação», diz o Presidente Juracy Magalhães. «mas não pleiteia cargos ou postos. Queremos abandonar os velhos estilos políticos, e entrar numa fase de trabalho sério e que traga benefícios para o povo.» A UDN renasceu. é tôda entusiasmo com a nova direção.

QUE O GOVÊRNO CONTINUE GOVÊRNO E A OPOSIÇÃO CONTINUE OPOSIÇÃO

RESPOSTA MESQUINHA DADA PELA MAIORIA AO MOVI-

MENTO ENCABEÇADO PELO SEU CORRELIGIONÁRIO, O GO-

VERNADOR BIAS FORTES ★ A UDN NÃO QUER POSTOS ★ NE-

NHUMA DESAVENÇA ENTRE CARLOS LACERDA E O PARTIDO

Reportagem de ELMO LINS

Foto de ALBERTO FERREIRA

● **NOTA DA DIREÇÃO** — Ao movimento de paz, encabeçado pelo sr. Bias Fortes, a maioria, por alguns de seus membros, respondeu com zombarias, insinuando inclusive que o que a UDN queria era participar do govêrno. Esta nota (excelente nota, diga-se) do Diretório Nacional da UDN, além de colocar as coisas nos seus verdadeiros lugares, define também o que a UDN entende por pacificação e o papel que aceitará representar nela. Por considerarmos que êsse documento é um dos mais importantes dos últimos dias, publicamo-lo na íntegra.

EM sua reunião de ontem, o Diretório Nacional examinou, entre outros assuntos, o que se refere à pacificação política, pôsto em foco pelo Governador de Minas Gerais, sr. Bias Fortes. Reconheceu os louváveis propósitos de S. Ex^{sa}, aliás sem qualquer correspondência entre os seus correligionários do Govêrno Federal. Vieram, efetivamente, dêsse setor, com interpretação menos leal das palavras daquele ilustre Governador, as reservas desnecessárias, contra a idéia de um acôrdo que envolvesse, em proveito da Oposição, a partilha de posições governamentais. Nunca a U.D.N. admitiu entendimentos com tais objetivos, e isso se torna ainda mais claro em face das manifestações reiteradas dos responsáveis pela sua direção. Confirmam-se, por exemplo, as declarações do seu presidente, senador Juracy Magalhães, que traduziu o pensamento do partido, ao afirmar: "Que o govêrno continue govêrno e a oposição continue oposição", bem como os discursos dos seus líderes na Câmara e no Senado. Evidentemente, o apaziguamento não depende dos desmoralizados acordos de velho estilo, com estéril troca de vantagens entre as correntes partidárias e crescente decepção para a opinião pública. Desarmar-se-iam naturalmente os espíritos, quando o govêrno, em vez de promover iníquas perseguições

a adversários, lhes propusesse medidas concretas de benefício para o país, e, em lugar de cuidar de si mesmo e da ruidosa propaganda de seus atos, agisse a sério em favor do povo e enfrentasse os seus problemas com sabedoria e circunspecção. São êsses os atos unilaterais que a U.D.N. reclama do Govêrno e que examinará com objetividade e altivez, como até aqui tem feito e continuará fazendo. Venham as medidas de combate à elevação do custo de vida, anunciadas demagógicamente; a reforma eleitoral, para evitar que continuem triunfantes a corrupção e a fraude; a nova lei sôbre o comércio exterior, que evite o confisco cambial; os esclarecimentos que fixem de vez a solução nacionalista do problema do petróleo sem os riscos que estão inquietando a Nação; a reforma bancária e a do ensino, — providências essas, entre muitas outras, que o Govêrno tem retardado e que, quando vierem, contarão com a crítica e a cooperação da U.D.N., mas, sem qualquer mudança na posição definitivamente assumida e sem quaisquer entendimentos que a enfraqueçam no cumprimento do seu dever. A oposição; na qual a U.D.N. está empenhada, é mais do que uma simples hostilidade aos métodos do Govêrno, porque é um serviço ao país e ao regime.

A MOÇA DA SEMANA



● Peggy Aubry, que vem demonstrando bom progresso artístico, como atestam as suas intervenções em TV-Para Crer, cartaz do teatrinho Jardim.

CRÔNICA

SOCIEDADE DOS AMIGOS DA ONÇA

Estava Manêzinho Araújo — das emboadas e dos quitutes nordestinos — posto em sandálias de couro e blusão de peito aberto, dedo em cãimbras de acionar a caixa registradora, quando foi procurado pela comissão da sociedade, a Sociedade Amigos da Lagoa. A lagoa Rodrigo de Freitas, como sabeis, é um dos mais belos recantos da cidade, que só vem ao noticiário quando acontecem as periódicas e inexplicáveis mortandades piscosas ou rapazes de bom viver perturbam a placidez de suas águas em dominicais competições motonáuticas. A Sociedade é formada pelos seus moradores mais antigos, amantes e preservadores de sua beleza, enamorados de suas águas e de sua moldura de verdejantes morros. O que, entretanto, noutras plagas seria atração turística, ponto de referência das maravilhas naturais da cidade, aqui, de notável mesmo, só havia a sede da Sociedade dos Amigos da Lagoa, uma plêiade de abnegados, buscando fazer, sem alardes, o que escapava aos poderes municipais, de si assoberbados com problemas mais urgentes. Talvez pela sua diretriz de elogiável modéstia — de fazer sem anunciar — de nada se saiba até hoje do que tenha feito a Sociedade pela sua lagoa-amiga... Manêzinho Araújo, porém, trouxe do seu nordeste um restaurante típico que, pela originalidade e pelo passado radiofônico do proprietário, foi, desde sua inauguração, notícia na noite vadia. Quando a comissão da Sociedade o procurou, o assunto já era do domínio público. A Sociedade queria e insistia que Manêzinho se mudasse e armasse a sua rede à beira da lagoa, levando quitutes e jangadas, carros-de-boi e pastoris. A Sociedade tinha prestígio junto à nossa gloriosa Prefeitura. Tudo seria resolvido num piscar d'olhos, um terreno, mesmo a título precário, seria conseguido. Era só requerer. Manêzinho foi fazendo plantas, maquetes, bolando bossas, enquanto a prestigiosa Sociedade, quase que diariamente, lhe trazia o andamento do processo, atas de reuniões «com o sr. Prefeito», pareceres dos chamados canais competentes, patati, patatá. Manêzinho, desconfiado como bom nordestino quando vê laranja madura na beira da estrada, refreava o seu entusiasmo e fazia sentir à Sociedade que existiam leis contrárias à concessão de terrenos municipais a particulares, mas a comissão, pelos argumentos apresentados, deixava entrever uma invejável posição, muito acima dessas leis. Tinha prestígio e prestígio na brasileira terra remove montanhas. Tantos meses se escoaram que Manêzinho Araújo resolveu, por conta própria, ir à presença do sr. Prefeito, a fim de ver como pairavam as modas. Pedida a audiência, D. Negrão não demorou em concedê-la. Recebeu o rolo e largado Manê com aquela elegância premiada pelos nossos inclitos colunistas sociais. Gentil e sorridente, o nosso Governador ouviu a história do Manê. Ouviu tudo com estranheza e espanto. Apesar das tais reuniões «com o sr. Prefeito», o Prefeito não sabia de nada, nem da existência da Sociedade dos Amigos da Lagoa. Disse que a concessão do terreno era impossível, pela sua ilegalidade. Manêzinho agradeceu muito o esclarecimento e deixou o gabinete prefetural com cara de bosta. A mesma cara do líder Vieira de Melo, quando foi negada a licença para processar o deputado Carlos Lacerda. Amigos da onça de toda maneira.

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

◆ Norte-americano com vinte e dois anos de carioquismo, o cantor Louis Cole, figura querida da noite vadia, morreu num leito de hospital. Segundo testemunho de pessoa presente ao desenlace, Louis Cole morreu como sempre viveu: cantando. Num último esforço,



CHINA
Faturando no «36»

trauteou uma canção de sua Baltimore distante. Depois se foi.

◆ Ex-garçons do bar Michel, Mário e Pino, hoje donos da noite, têm no seu Little Club, um dos mais gradáveis e animados «inferninhos». É lá que canta o Tito Madi.

◆ Luiz, «maitre» do Sacha's, diz-se aborrecido com o nosso colega Antônio Carlos Nogueira, porque, em recente reportagem, o apresentou como um «sujeito bonito». Mas intimamente, Luiz adorou.

◆ Embarcou para terras da Europa a bem nutrida Wilza Carla, Rainha do Carnaval. Os seus graciosos cento e dez quilos também foram.

◆ Noites de encantamento — e de faturamento — no Club 36, com

a presença cantante de Elizete Cardoso, a Magnífica. China, o «maitre», não tem mesas a medir.

◆ Miami está chamando insistentemente o sr. Carlos Machado para apresentar um dos seus magníficos «shows». Os norte-americanos estão indóceis por descobrir como se faz um bom espetáculo de «music-hall»...

◆ Bem perto do «Canico», lá na Barra da Tijuca, vai surgir o «Samburá». Ficam assim os notívagos bem equipados para as suas eventuais «pescarias».

◆ Ivon Curi — o garotão emperucado — sucesso nas noites da «boite» Fiesta. «Mise-en-scène» e tudo. Chil...

◆ Agnelo Martins está sendo sondado para um possível retorno

ao lar antigo. Acontece, porém, que a «boite» Arpège está em maré de bom faturar e «seu» Martins é mais vivo do que se pensava. Ou será consequência da notícia de que o Agnelo também iria montar «shows»? Nun xi xabe — como diria o marechal...



MÁRIO E PINO
Dupla forte no «Little Club»

A ARARA TOPOU

Está «fosfórica» — como diz o Oduvaldo Cozzi — e tem circulado bastante, com a animação reinante na noite vadia. Atracões nas «boites» e bares, teatros funcionando, gente na madrugada, movimento. A vedetíssima só não compreende por que o Zé não se contagia e não apressa a apresentação de «Mister Samba», pois aquele «show» da «Night and Day», embora tanta moça bonita, já esgotou o público da noite e está caindo aos pedaços. Como a Arara conhece bem o seu bravo salvador, sabe que o dele está garantido, pouco se lhe dando o respeitável público e... o dono da «boite», ora, ora!



A ARARA CHUTOU

A bichinha notável vai, por enquanto, chutar para a lateral, até ver em que param as modas. A verdade é que a Fundação Brasileira de Teatro, quando o teatro dela mais precisa, não se manifesta. São os particulares, são os jornalistas, são os críticos, são os amigos do teatro que se movimentam buscando soluções, como tem acontecido nos últimos dias, haja vista o incêndio do Ginástico, que deixou a «gata» sem teto. Como «poeira de estrelas» somente não resolve, a Arara chuta a Efebetê. Um chutinho, por enquanto. Depois, nós conversa...



ELAS E O MICROFONE NA NOITE VADIA



MARIA LOPES
Dominó



YVETTE MARCIA
Bacará



MALENA RODRIGUES
Ma Gulle



MIRIAM ROY
Little Club



MARINO PINTO — compositor popular — responde
PAO, PAO — QUEIJO, QUEIJO

«O MOTIVO DO ÊXITO DE MURLINHO DE ALMEIDA NO SACHA'S É A RENOVAÇÃO CONSTANTE DO SEU REPERTÓRIO DE... ANEDOTAS.»

Pão — Como você se fez compositor?
Queijo — Nasci compositor. Tornei-me, entretanto, compositor profissional, por necessidade. Isto é: para ganhar dinheirinho.
Pão — Você faz letra, música ou ambas as coisas?
QUEIJO — Faço, inclusive, as introduções das minhas músicas.
Pão — Quantas composições constam da sua bagagem musical?
QUEIJO — Gravadas, aproximadamente, quatrocentas.
Pão — Você também é parceiro do «Ninguém me Ama»?
QUEIJO — Não. Todavia, gostaria de ter feito a introdução...
Pão — Amigo que você foi de Noel Rosa, são justas as acusações de Flávio Cavalcanti?
QUEIJO — Absolutamente. Que culpa cabe ao saudoso Poeta da Vila de ter sido um fabuloso compositor e que, com a grande projeção que alcançou, ter ofuscado os seus parceiros?
Pão — A marchinha «Retrato do Velho» fez de você amigo pessoal do falecido Presidente Vargas?
QUEIJO — Não. Apenas, alicerçou essa amizade que já vinha de muito tempo.
Pão — Alguma composição sua já foi «achada» por outro compositor?
QUEIJO — Tentaram, mas eu gritei. E como gritei!...
Pão — E você já «achou» alguma?
QUEIJO — A única coisa que achei até hoje foi uma bolsa de carregador, contendo 20 mil réis. (Naquela época, não havia cruzeiros.) E eu tive que dividir com o J. Maia, que estava sem níquel e aparecera minutos depois.
Pão — Você é da escola do sambolero ou do samba com teleco-teco?
QUEIJO — Usando uma expressão do Alvaide, famoso sambista da Portela, o que vier eu traço.

Pão — Como velho frequentador da finada casa do «barão», você acha que já surgiu alguma «boite» que fizesse esquecer o Vogue?
QUEIJO — Qual! O Vogue foi um oásis nas noites cariocas.
Pão — Qual a influência dos editores Vitale na música popular brasileira?
QUEIJO — Nociva. Nefasta. Cuidaram apenas dos seus interesses particulares e não enriqueceram vendendo sabonetes. Os compositores continuam pobres.
Pão — A que você atribui a falta de «chance» do cantor Ernani Filho?
QUEIJO — Às suas excursões periódicas no estrangeiro. Nunca teve, grande cantor que é, uma atividade permanente no nosso rádio.
Pão — E a razão do êxito de Murilinho de Almeida no Sacha's?
QUEIJO — À renovação constante do seu repertório de... anedotas.
Pão — No momento, qual a melhor música da noite vadia?
QUEIJO — Depende. Em se tratando de composição musical, «Chove lá Fora» e «Fracassos de Amor», de autoria do colega Tito Madi. Se conjunto musical, voto em Carlinhos e seu Quarteto, que atuam presentemente no Club 36.
Pão — Entre Angela Maria e Elizete Cardoso, você escolheria Marly Sorel para gravar um samba seu?
QUEIJO — Como é? Quem é Marly Sorel?
Pão — Na sua opinião, qual o nosso maior compositor?
QUEIJO — Dorival, a quem chamo de São Caymmi.
Pão — E o mais injustiçado?
QUEIJO — Sem dúvida, um de música erudita: Vila-Lobos. Consagrado no exterior e quase desconhecido no Brasil.
Pão — Você conhece algum M. C. (mau caráter) na noite vadia?
QUEIJO — As pessoas, em geral, que vivem à noite, têm bom caráter. Há, entretanto, alguns que vivem «da noite». Os ladrões, por exemplo. Esses evidentemente são a fina flor dos emecês...
Pão — Finalmente, diga: você comporia a marcha da «Arara»?
QUEIJO — Ora se. Já fiz até o estribilho...

PÁGINAS DO GALO BRANCO

● Acordo ouvindo os passarinhos. Não estão cantando; fazem apenas ruído. Dão gritos, pequenos gritos simpáticos; agitam-se, parece que estão brigando, lutando uns com os outros, mas tudo isto com delicadeza, sem excesso. A manhã surgiu hoje um tanto enevoadas; o mar que contemplo por uma nesga, entre dois edifícios altos, apresenta um aspecto neutro. Não há grandes ondas; apenas soluços ligeiros sacodem as águas.

Lembro-me de repente do que não devo lembrar. Sinto que a vida é triste, estúpida, e que é inútil esperar alegria, sossêgo, paz... Mas vem-me logo à flor da memória algumas horas felizes que passei, o calor antigo do amor se apossa do meu ser e a ele volta. Revejo longe o canal pequeno e feio, a grande mangueira copada, generosa, e a adolescente com o seu chapéu de palha de Itália, enfeitado com cerejas. Depois volto-me para as viagens, para uma certa tarde em Estocolmo; tarde de princípio de outono, quando as árvores começavam a suspirar as suas primeiras folhas secas. Meu Deus, que hora inesquecível! Que caminhada pelas ruas e que conversa leve, delicada; pousavam as palavras, nas almas, muito de leve, como pássaros que não fazem mal às flores quando nelas descansam. Havia uma palpação, um segredo no céu precocemente escuro, um entendimento em todas as coisas mesmo entre as que estavam próximas à morte. A própria tristeza era doce, boa, cheia de dignidade, de pureza; tudo se processava num clima de poesia. E a poesia não se traduzia pela exaltação, pelo descomedimento das palavras, era antes tranqüila, lúcida, tecida para durar além do momento, muito além...



Leio nos jornais um aparte, numa discussão na Câmara, do meu desgarrado Cid, ao hoje patrono da Petrobrás, C. L., em que o problema do petróleo é nosso é chamado de **causa mater da nacionalidade**. Cid e C. L., adversários políticos,

comungam agora nos mesmos princípios nacionalistas; o primeiro por imaturidade, o segundo por renúncia absoluta a qualquer compromisso com as suas próprias idéias. Cid é um caso de não saber ver ainda as coisas; seu novo companheiro no **petróleo é nosso**, no entanto, conhece o problema, sabe do que se trata, mas segue submissamente, embora impávido, o caminho de Damasco de todo o mundo, o caminho do erro, da falsificação da realidade, que é o caminho da conquista ao poder. C. L. vêzes sem conta falou certo sobre o **petróleo é nosso**. Certa vez numa entrevista no rádio, onde dizia coisas que me pareciam absurdas e inutilmente cruéis, de repente abordou o caso nacional do combustível, e se manifestou de forma tão clara, tão consciente, tão civilizada que provocou em mim uma breve reação de esperança na possibilidade de recuperação dessa figura tão contraditória de agitador, a cujo respeito eu tenho numerosas razões de mal-querer. Agora, vejo que o **realismo**, a linha realista o conduziu a apoiar a orientação petebista, a tomar o partido da carta de Vargas, a aderir ao que ele com tanta constância e tão lúcida veemência tanto combateu.

Valerá a pena entregar-se alguém a duras penas, a tantos riscos, a lutas tão dramáticas, para não ter, como é o evidente caso de C.L., nem sequer o direito de defender as suas próprias idéias?



Minha carreira imaginária... Que liberdade, que consolo não querer voto de ninguém, não desejar apoio da massa, ter o direito de ficar contra a corrente e do lado da sua própria convicção!



Um conhecimento hoje profundo da política ensinou-me que se trata de alguma coisa de horrível, de triste.

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT



C. L. e Cid Carvalho, adversários no campo político se encontram na defesa do "Petróleo é nosso". Cid por imaturidade, por não saber ver as coisas; C. L. por renúncia absoluta a qualquer compromisso com as suas próprias idéias.

VARIG

MARCO INICIAL DA AVIAÇÃO COMERCIAL BRASILEIRA



◆ Cerca de trinta anos passados, no dia 7 de maio de 1927, em Porto Alegre, era fundada a S. A. Empresa de Viação Aérea Rio Grandense (VARIG), a primeira companhia brasileira de transporte aéreo. À frente do grupo de idealista da aviação figurava Otto Mayer, Alberto Bins e Rubem Berta, como elementos de maior destaque. A VARIG foi, assim, a pioneira dos transportes aéreos comerciais no nosso país e o seu crescente desenvolvimento até os dias atuais elevou-a à categoria de uma das maiores companhias de aviação comercial do mundo.

HOMENAGEADO O PREFEITO NEGRÃO DE LIMA



◆ Os engenheiros da Prefeitura do Distrito Federal homenagearam recentemente o Prefeito, Embaixador Negrão de Lima com um banquete que se realizou no Hotel Glória. Registrando o acontecimento com a publicação de um expressivo flagrante fotográfico colhido durante a homenagem prestada ao Governador da cidade, desejamos assinalar a presença do Engenheiro Adolfo Almeida Aguiar, digno e operoso diretor do Departamento de Estradas de Rodagem, que se vê na foto ao lado do homenageado.

FALANDO AO LEITOR

O SR. AGUINALDO CHAVES escreve «ansioso pela eleição do maior poeta vivo do Brasil». E pergunta qual o júri que vai elegê-lo. Já declaramos que o júri que elegerá o maior poeta vivo do Brasil será composto de mil personalidades de destaque da vida brasileira. Estamos organizando a lista e dentro em breve estaremos em condições de publicá-la.

★

A SENHORITA RUTE MORGADO pergunta se a REVISTA DA SEMANA não vai mais publicar capas com artistas de cinema. Vamos, senhorita Rute. Mas achamos que com tantas mulheres bonitas no Brasil, não precisamos recorrer eternamente as artistas de cinema.

★

NÃO ESTAMOS de «marcação» com o sr. Vieira de Melo, Dr. Armando Santos Ribeiro, conforme o sr. imagina. Não temos marcação com ninguém, não somos (e já o dissemos várias vezes) incondicionalmente contra ou a favor de ninguém. E se o sr. Vieira de Melo tem sido ultimamente muito visado pela REVISTA, a culpa é dele mesmo e da posição em que se colocou nos recentes acontecimentos políticos.

★

PARECE QUE SIM, sr. Martins Calheiros. A disposição da COFAP no momento se encaminha para a liberação do preço dos cinemas. E ordenada esta medida, os cinemas imediatamente majorarão os ingressos, sem oferecer ao público nenhuma melhoria nos seus serviços.

★

A SENHORA LAURINDA Santos Falcão, Presidente da Liga Feminina do Ceará, escreve longa carta. Louva a REVISTA, sua orientação, e principalmente a sua decisão de não explorar crimes, nem enveredar pelo terreno da sensação barata. Aplauda a nossa decisão de não tomar conhecimento (nem no noticiário) do triste caso do violinista e de sua jovem amiga. «Nem mesmo o suicídio de ambos mereceu reportagem da REVISTA DA SEMANA». A senhora Santos Falcão termina dizendo: «a REVISTA DA SEMANA tem livre curso em minha casa e é sempre esperada com ansiedade.»

★

DO RIO GRANDE DO SUL, o sr. Orlandino Machado pergunta os motivos da REVISTA chegar sempre com atraso. Transporte, sr. Machado. Estamos providenciando a regularização das remessas.

★

DENTRO EM POUCO iniciaremos uma série de reportagens (assinadas pelo nosso colaborador Mauro Braga) focalizando a situação política dos Estados. Os possíveis candidatos às sucessões estaduais, os acordos que estão sendo tentados, as alianças em vias de se desfazer, tudo será contado nessa série de reportagens. Aguardem.

★

ESTAMOS NA expectativa, sr. Oto Gonçalves. A nossa reportagem sobre Fernando de Noronha foi a mais completa da imprensa brasileira, transcrita inclusive nos EE.UU.. Vejamos agora o que acontece na ilha famosa. E quando acharmos conveniente, voltaremos a público.

★

A REVISTA DA SEMANA envia sentidos pêsames pela morte de Arnaldo Block, um dos diretores de «Manchete». Era um excelente sujeito, governado por um coração enorme que acabou por matá-lo. Um lutador, um batalhador incansável, dia e noite preocupado com a gráfica, chegando lá invariavelmente às 7 da manhã e saindo depois de todo mundo. Bom, sem sombra de ódios, sem que o prestígio e o poderio da organização que ajudou a construir, lhe subisse à cabeça, ou lhe modificasse as atitudes e a conduta. Aos Blocks que ficaram (Adolfo, Oscar, Bóris e a nova geração) as condolências sinceras da REVISTA DA SEMANA.



sob contrôle absoluto

Não é surpreendente que V. se admire das imagens tão reais do novo PHILIPS NEWVISION - porque NEWVISION é o mais prodigioso resultado da eletrônica em progresso.

Muitos foram os caminhos para tal realização. Entre inúmeros aperfeiçoamentos técnicos, merecem destaque especial:

- I) novo contrôle sintonizador automático de ganho, assegurando uma estabilidade excepcional da imagem;
- II) nova sincronização "Fly Wheel" (volante) que mantém a estabilidade da imagem mesmo quando existem condições desfavoráveis;
- III) novo sintonizador de torre, adaptável para transmissões de frequência ultra-elevada;
- IV) sistema "anti-reflexo" que impede a reflexão dos raios luminosos no cinescópio;
- V) novos sistemas de frequência modulada e de som, proporcionando reprodução sonora de realismo inédito.



PHILIPS NEW VISION

o televisor para a alegria da sua família

Literatura

e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

POESIA

POEMAS DE CARLOS FELIPE

a

A tarde respirava pelo quarto
O olhar do passarinho
Ensandeceu
Os olhos da máquina fotográfica
Ficaram mudos
Num bocejo de dor
A pressentida sombra entrou com a brisa
E a cortina pelas janelas
Na impotente espera
Ficou se agitando, trêmula

b

Eu gosto das bicicletas
Rolando abstratas no céu
E um poço d'água tão fundo
Que o balde lá embaixo não chega nunca
Oh! cubos de ar que me envolvem a cabeça
As almas das trapezistas virgens
Passeiam soberbas pela sala.

(de "Cadeira de Bronze")

ARTE

NOTAS

MÁRIO BARATA pronunciou, no PEN Clube, numa conferência sobre os Salões brasileiros, do Império à atualidade. Seguiu-se debate de que participaram Mário Pedrosa, Geza Heller, Anibal Machado, Abelardo Zaluar, Ferreira Gullar, Porciuncula de Moraes, etc. Entre Gullar e o pintor acadêmico Porciuncula, aliás, registrou-se pequenino, porém feio desentendimento, logo contornado.

NA GALERIA Oca, de Copacabana, Myra Landau expõe um grupo, pouco numeroso, de desenhos e gravuras. Goeldi, falando de My-

ra Landau, afirmou: «É uma personalidade forte, cheia de talento, que não se perderá nas encruzilhadas». E se Goeldi o diz, é porque assim é.

△

REUNIU-SE, na casa de Tereza Carneiro, o «Círculo de Amigos da Arte», para ouvir uma palestra do pintor Franck Schaeffer sobre sua viagem recente ao Peru. Na ocasião foram sorteadas telas do próprio Schaeffer, e gravuras de Lúcia Bittencourt e Darel. Na foto, o quadro de Schaeffer sorteado entre os sócios do «Círculo».

ARTES

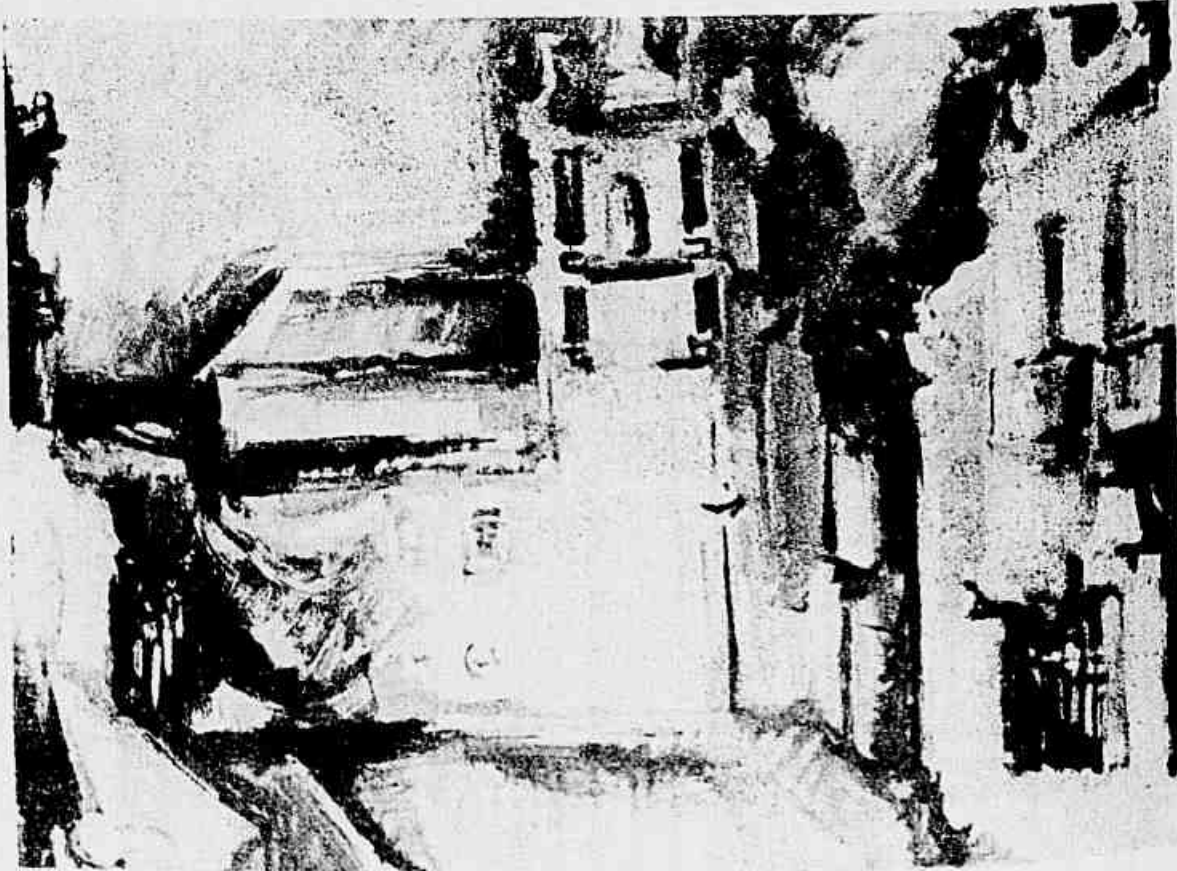
IMPERFEIÇÕES NA LEI DO SALÃO MODERNO

◆ CHEIA DE imperfeições está a lei 1.512, de 19 de dezembro de 1951, que criou o Salão Nacional de Arte Moderna. Algumas de tais imperfeições são ridículas, mas inofensivas — entre elas a que estabelece que do Júri Moderno participarão críticos de tendência moderna, e de Acadêmico, críticos de orientação tradicional... (artigo 4, parágrafo 1º); outras, porém, são denotadoras de um espírito antiquado e retrógrado, que não deveria mais prevalecer em nossa era — e é o caso de verdadeiro privilégio, de que desfrutam os pintores, de gozarem anualmente de um prêmio de viagem ao estrangeiro, enquanto que os demais artistas, sejam eles decoradores, desenhistas, arquitetos, gravadores ou escultores, têm de disputar entre si o prêmio de viagem restante (artigo 13, letras a e b), sendo de se notar, ainda, que um gravador, digamos, não poderá tirar o prêmio em determinado ano, se no anterior outro artista da mesma especialidade foi com ele contemplado (artigo 13, parágrafo 3º). Por esses dispositivos, vê-se como a Pintura leva, pelo menos aos olhos dos idealizadores do Salão Moderno nítida superioridade sobre a Escultura, a Gravura, a Arquitetura, etc. etc....

Dispositivo que esse ano deu muito pano para as mangas, e que continuará a dá-lo, se não for redigido de modo mais claro, é o parágrafo 1º desse mesmo malfadado artigo 13 (não fosse 13...) da lei 1.512. Diz ele, em sua ambiguidade: «Os prêmios instituídos por esse artigo somente serão conferidos a artistas brasileiros que tenham feito seus estudos no país, e os das letras a e b a artistas que houverem recebido o prêmio medalha de prata ou de ouro «certificado de isenção de Júri». Não afirma, portanto, que os artistas que já tenham saído do Brasil, por seus meios, se vejam por isso mesmo eliminados da lista de candidatos ao prêmio de viagem ao estrangeiro. Por isso, Djanira, munida de doze cartas de personalidades brasileiras, convenceu a Comissão Nacional de Belas Artes de que, de fato, esteve nos Estados Unidos, mas não estudou; por isso, Maria Leontina, que conhece toda a Europa, graças ao prêmio de viagem do marido, o pintor Dacosta, também solicitou sua inscrição no rol dos possíveis ganhadores do Prêmio; por isso Sérgio Camargo, que de certa feita viajou com o colunista para a Europa, onde aliás morou vários anos, solicitou participar igualmente, com seus colegas, de prêmio de viagem. Fizeram todos muito bem: a lei é confusa, e, na dúvida, quem sabe a coisa não pegava?...

Também um reparo deveria ser feito ao dispositivo que permite aos artistas participarem dos Júris. Um artista figurativo sempre olhará de soslaio para um trabalho não-figurativo, e vice-versa. Isso é humano, psicológico, não constitui desonestidade ou faccionismo. Melhor seria que somente críticos — mas críticos de verdade, não os que incrivelmente seguem, em arte, apenas a corrente concreta, ou o realismo social, ou o abstracionismo — participassem do Júri. A questão, porém, é saber se existem, no Brasil, três críticos em tais condições, isto é, capazes de julgarem, com isenção de ânimo, somente com seus conhecimentos estéticos, as obras que lhes forem apresentadas.

Mas isso é já outro problema. E Deus nos livre ventilá-lo, aqui...



◆ TIPO DA frase que o colunista não gosta de ouvir é a que em seguida reproduzimos, infelizmente por ele ouvida com certa frequência:

— Esse livro é de um grande amigo meu. Ele é um grande poeta. Queria que fizesses um bom registro, aí na tua coluna.

É no adjetivo «bom» que toda a trapalhada se dá. Porque em noventa e nove por cento dos casos, o «grande poeta» não passa de lógro enorme, safado, torpe. E «bom registro» deve ser assim uma coisa vasada em termos entusiásticos, de pai para filho, em suma. Se o registro, pelo contrário, aparece na sessão seguinte murchinho, discreto, quando não francamente contrário, corre-se o perigo de desagradar o amigo, ou de incorrer nas iras do autor.

O FATO LITERÁRIO

OS MALES DO OFÍCIO

que já recomendara aos conhecidos a leitura da coluna, com os elogios de encomenda...

Ainda recentemente deu-se o fato conosco. Não diremos o nome do «grande poeta», que provavelmente morrerá tão desconhecido como sempre viveu, nas rodas literárias. Pediram-nos um registro camarada. E o colunista, que não sabia que um registro camarada importava forçosa-

mente num elogio rasgado, honestamente emitiu sua opinião sobre a obra-prima. Amigo aborrecido, autor desesperado, colunista em apuros: o que desejavam era um elogio, não uma análise; buscavam a satisfação pura e simples de uma vaidade, não um possível conselho que permitisse, ao autor do livreco, um aperfeiçoamento, pequenino que fosse, em sua carreira. E o colunista, que perdeu seu tempo lendo, em consideração ao amigo, a «bomba» do ilustre poeta desconhecido, ainda passa (ora se...) por antipático, por «caxias», sabemos lá por que... Felizmente, ainda existe a frase consoladora, que lhe foi dita pelo amigo, após a leitura do registro:

— Qual... Vocês, «modernistas», não entendem mesmo de poesia... Tomara.

UM LIVRO

BANDEIRA, O FLAUTISTA



◆ O ÚLTIMO livro do grande poeta Manuel Bandeira chama-se, encantadoramente, «Flauta de Papel», e foi lançado há algumas semanas, em meio a um coquetel ao qual compareceu grande número de intelectuais e artistas, por Irineu Garcia, proprietário de «Alvorada — Edições de Arte», casa responsável pela edição (1). É uma flauta mágica — não fosse Bandeira um «mozarlesco», segundo a pitoresca divisão dos tipos humanos feita pelo fabuloso Jaime Ovalle —, afastadora de males, dissipadora de melancolias. Tom meigo e doce, como tudo quanto faz Bandeira, dela emana: é a voz de um grande artista, o instrumento disciplinadíssimo de um poeta na plena potência de seus dotes de criador. Límpida, serena, flui com simplicidade, paira — arabesco sutil — sobre os assuntos mais diversos, a todos enlaçando com o feitiço de sua melodia. Então quando trata de Ovalle, dos amigos do Curvelo, Ribeiro Couto e os outros, adquire tal tonalidade de comovida ternura, como dificilmente, muito dificilmente mesmo, poderemos encontrar outra.

Bandeira, o poeta; Bandeira, o tipo humano excepcional — culto, bom, irônico sem ser ferino; Bandeira, o flautista da melodia simples e encantadora (Suites de Bach, Concertos de Mozart...); Bandeira, o que toca nos assuntos mais triviais para — como Midas — transformá-los em ouro puro, graças ao encantamento da poesia, de que é, em nossa terra, o símbolo vivo; Bandeira, o grande, o altíssimo artista, dá-nos nesse livro despretenso uma lição de simplicidade, uma aula de estilo sóbrio e delicioso, um curso de delicadeza de sentimentos, todo um currículo de ternura e de humildade. E mais: vemos como ele, quando fala de música, denota para com ela maior compreensão do que muitos profissionais de música; se trata de Artes Plásticas, não fica atrás de nenhum crítico ou historiador de Artes do país; se analisa um livro, é o crítico lúcido e penetrante, justo, imparcial, capaz; se fixa no papel um episódio qualquer da vida, sabe compreendê-lo em todos os seus aspectos, mesmo os mais delicados, e dele tirar ensinamentos proveitosos.

Manuel Bandeira, mestre de poesia. Mestre de vida.

(1) — Manuel Bandeira: «Flauta de Papel». Alvorada Edições de Arte. Rio de Janeiro. 1957. 164 páginas. Capa de Carlos Drummond de Andrade.

GENTE

RIBEIRO COUTO



◆ RIBEIRO COUTO lançará em setembro ou outubro novo livro: uma seleção de poemas, escritos entre 1915 e o presente. ★ NO RECENTE coquetel organizado por Irineu Garcia para comemorar o lançamento de «Flauta de Papel», de Manuel Bandeira, o uísque correu abundante. A jovem poetisa Ruth Maria Chaves, porém, avessa ao líquido escocês, a dado instante solicitou ao garção embasbacado um copo de guaraná. E foi um custo, encontrar, em meio a tanta garrafa de «scotch», as garrafinhas contendo o inocente refrigerante brasileiro... ★ DI CAVALCANTI, grande pintor brasileiro, boêmio danado nos bons tempos e poeta bissexto — na classificação de Bandeira —, brevemente fará publicar o segundo volume de suas memórias. Recordar-se que o primeiro, «O Testamento da Alvorada», se não foi um sucesso literário, ao menos não deixou de ser um bom livro, curiosíssimo, ornado de gravuras do próprio Di, e com um texto muito saboroso. ★ POR ONDE andar o poeta Vinícius de Moraes? Encontrar-se-á ainda em Paris, ou já foi despachado para seu novo posto, na América Central? Dizem que o conhecido lírico caiu em desgraça com o atual Governo, daí a estranha remoção. ★ CARAVANA DE escritores cariocas visitou Caruaru, por ocasião do centenário dessa cidade pernambucana, onde nasceram Alvaro Lins, Austregésilo de Ataíde, e todos os «endibradados irmãos Condé», além de mestre Vitalino, o da cerâmica popular. ★ POR FALAR em Alvaro Lins, como andar, em Lisboa, nosso caro embaixador? Desde que nos comunicaram ter sido ele apelidado de «Toulouse-Lautrec» pelos lisboetas, nunca mais ouvimos nada sobre sua pessoa, nem sobre sua ação diplomática ou cultural. ★ HÁ TEMPOS, escrevendo sobre «A Lua Vem da Ásia», de Campos de Carvalho, dissemos ser essa novela «incongruente». Ora, segundo os dicionários, «incongruente» significa «inconveniente» — e não era nesse sentido que a utilizamos, no texto em questão. «A lua vem da Ásia» nada tem de inconveniente, cá para nós. Pelo menos, o advogado colunista ficou sabendo ao certo o significado de mais um vocábulo. Ah! última flor do Lácio, inculta e bela... ★ NO PANORAMA do Movimento Simbolista Brasileiro, de Andrade Murici, à página 13 do primeiro volume encontramos esse cochilo do admirável crítico: «Um organismo literário tem sempre muito de monstruoso. Pode um dragão possuir cauda de réptil e entretanto ser dotado de possantes asas de marsupial...» Será que o senhor Murici já viu algum canguru ou até algum gambá de asas?...

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



● O Campeão de «box» Jack La Motta e sua mulher. Ela foi candidata a «Miss Nova Iorque» representando o Bronx, mas não chegou a final. Na foto a mulher de La Motta havia passado pela primeira seleção e era cumprimentada por Jack.

● Kim Novak, uma das mulheres mais belas do mundo, examina ao espelho a vestimenta que usará em seu próximo filme. A preocupação de Kim se resume no seguinte: ela avisou ao estúdio que se interessa mais em exhibir seus atributos intelectuais do que seu talento físico. Opinião com a qual, infelizmente, não concordam os espectadores do mundo todo.



o Jack
didato
repre
a final
havia
primeiro
er Jack

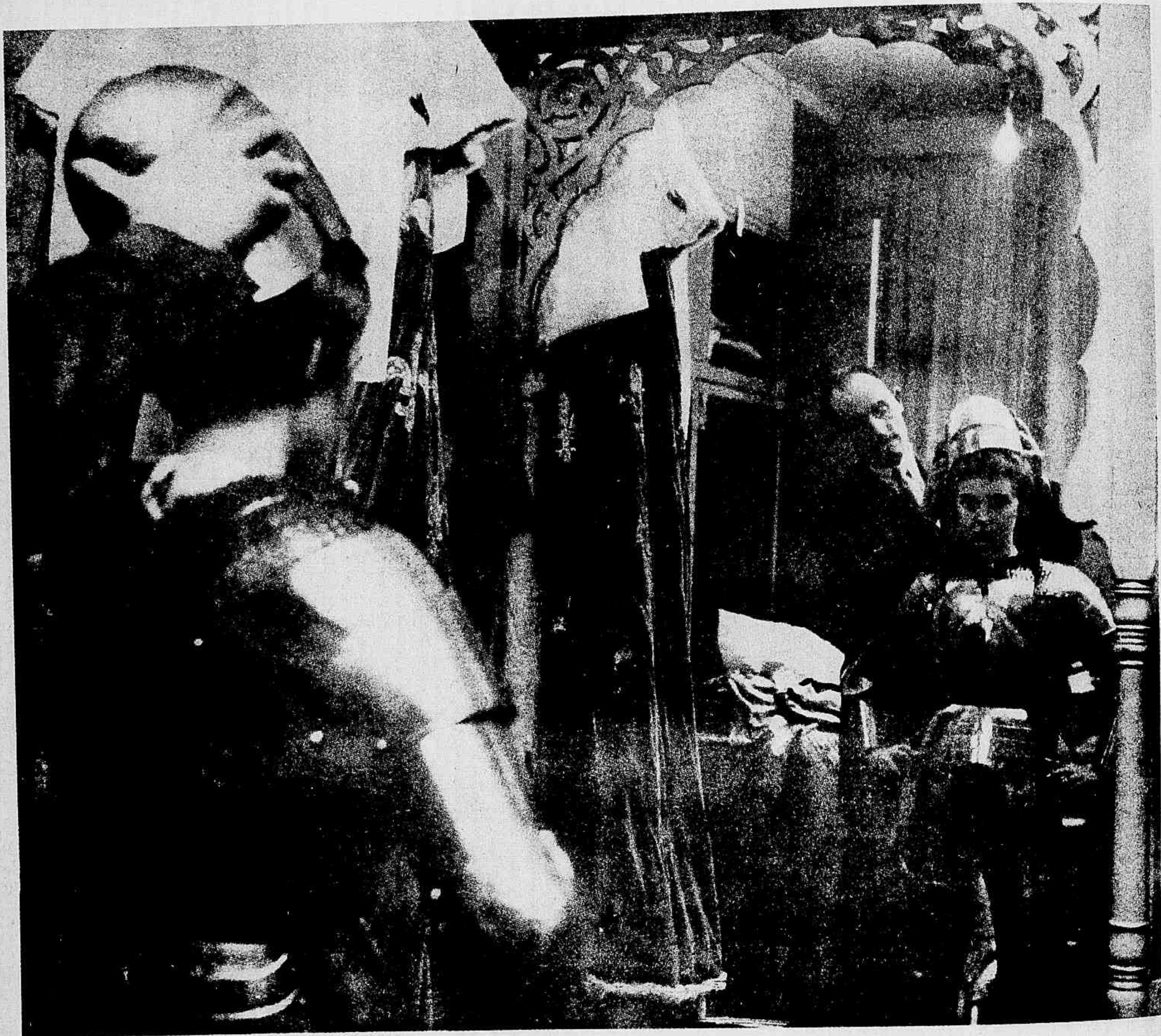
boles
ento

A PRIMEIRA FOTOGRAFIA DO NOVO FILME DE CHAPLIN

Uma cena do filme "Um Rei em Nova York". Chaplin apresentou em sessão privada, em 19 de Maio, o filme "Um Rei em Nova York". O filme é dirigido por Chaplin e seu filho é um garoto de 13 anos que dirige o jornalzinho de uma escola progressista. O filme é a mais terrível sátira já feita da América e às suas pretensões democráticas.

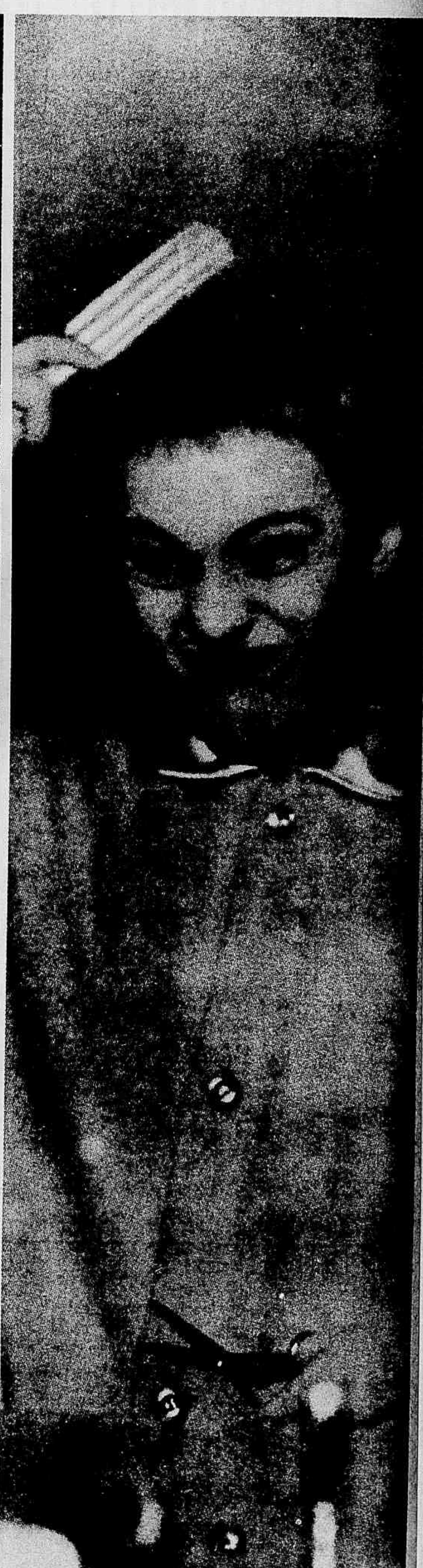
**POR ÊSSE
MUNDO
DE DEUS**

A ARMADURA E A CABELEIRA TRANSFORMAM JEAN EM JOANA



Em seu camarim, Jean Seberg veste a armadura de Joana D'Arc: pesa a bagatela de 8 quilos, e Jean levou 15 dias para se habituar a suportá-la. À direita: Jean Seberg sacrifica seus cabelos às necessidades do papel: «Otto Preminger tem sido muito exigente — disse ela — pois quer fazer de mim uma Joana perfeita.»

● No momento em que Jean Seberg, natural de Iowa, deixou sua farda de colegial americana por uma armadura estilo Século XV, tornou-se prisioneira do seu papel de Joana D'Arc. Durante o primeiro dia de filmagem, Jean, que se levantara às seis da manhã, não pôde comer coisa alguma. "Sinto uma forte indisposição do estômago" — revelou a Richard Widmark, que interpreta ao seu lado o papel de Carlos VII. Mas as repetições de cenas duraram mais de um mês, dirigidas por Otto Preminger, que encontrou em Jean a Joana D'Arc ideal; e cada vez que entravam em cena, Jean se repetia o conselho do seu diretor: "Esqueça de quem você é e de quem já foi: a partir deste instante, você é Santa Joana, a Donzela".





PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



APRENDA A DANÇAR

Chô-chô-chô — Dois e Um — Guaracha — Bolero —
Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango —
Mambo — Balão — Choro — Valsa — Fox — em ape-
nas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino For-
naciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já
em 8ª Edição, melhorada, contendo 160 gráficos, que
permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem pro-
fessor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Pos-
tal, 548 — São Paulo, Cr\$ 110,00. — Encontra-se também
à venda em todas as livrarias de Rio e de São Paulo.
O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado
de Aulas Particulares, diariamente, das 8 hs. às 22 hs.,
à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 —
São Paulo.

SEM COMPROMISSO

Por FERNANDO PAULO

BRIGITTE BARDOT
enviou um caloroso
telegrama de felicita-
ções ao seu ex-mari-
do, Roger Vadim, que
ora se encontra na
Dinamarca e às vés-
peras de um novo ma-
trimônio com a em-
baixatriz Annette
Stroyberg.



GIULETTA MASINA (foto) e Federico Fellini partiram para Nova York a fim de receber o «OSCAR» que lhes foi concedido pela direção e interpretação do filme «A Estrada».

ALDO FABRIZI partiu
de avião para Madrid
a fim de interpretar e
dirigir o filme de co-
produção italo-espa-
nhola «O Mestre».



ANNA MAGNANI ini-
ciará dentro em bre-
ve a filmar «Obses-
são». O filme é produ-
zido por Hall Wallis
para a Paramount. A
famosa atriz italiana
estará ao lado de
Anthony Quinn.

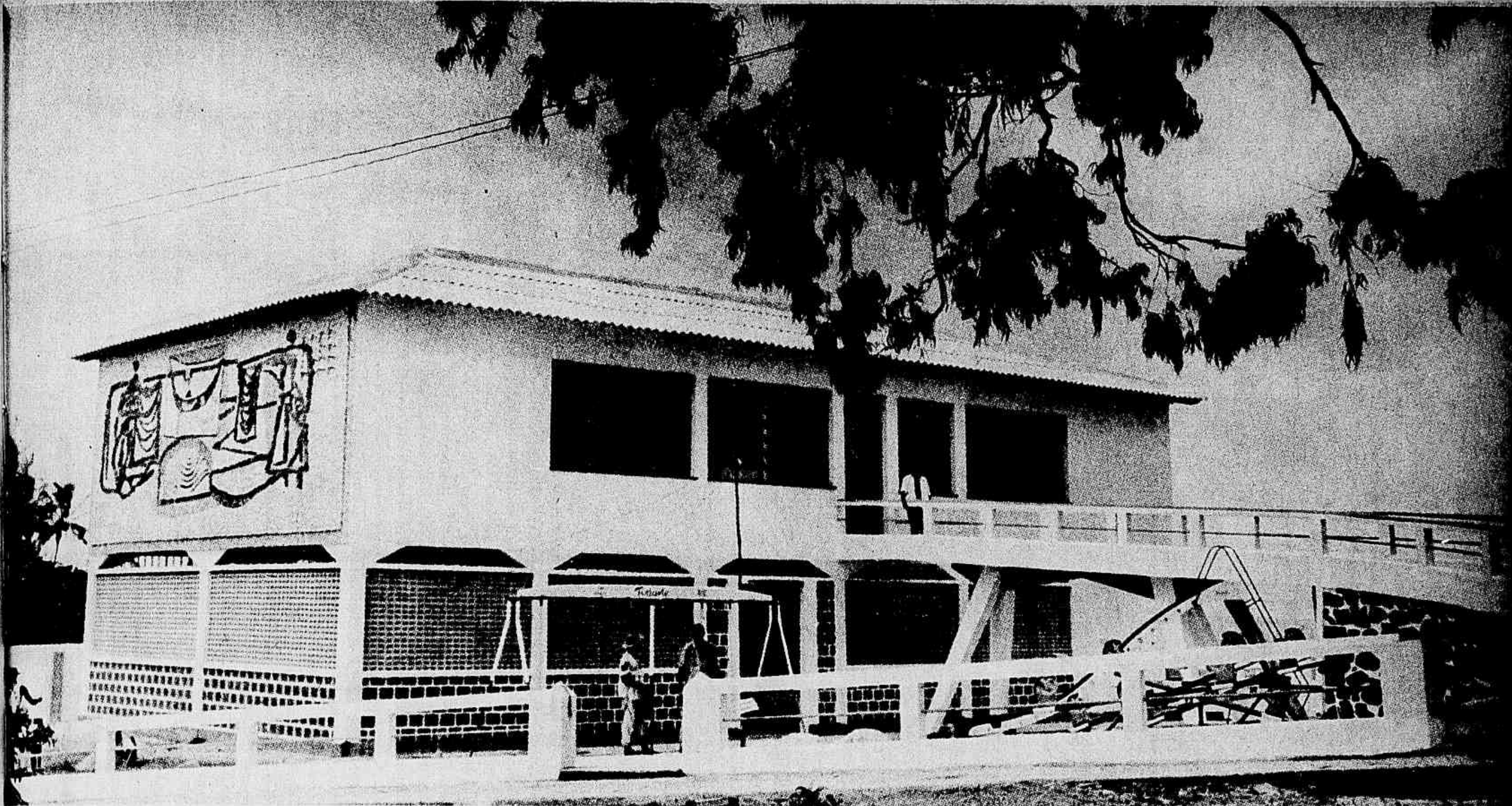
JOHN HUSTON (foto) não dirigirá o filme «Adeus às Armas», que
deverá ser rodado em Misurina, produção de O. Selznick. O diretor
abandonou inesperadamente os trabalhos iniciais de filmagem e
partiu para Roma. Parece que se desentendeu com Selznick por causa
de Jennifer Jones, mulher do produtor e protagonista do filme.

FRANCESCA B E R-
LINI, depois de ter
deixado a Itália há
cinco meses, em vir-
tude da pouca aten-
ção que lhe dava o
cinema italiano, esta-
beleceu sua residên-
cia em Paris. A ex-
atriz está escrevendo
suas memórias, que
serão publicadas por
uma grande editora
francesa no início do
ano vindouro.



YVONNE SANSON, (foto) a fim de atender às exigências de um filme
dirigido por René Clément, foi obrigada a tingir os cabelos, deixando
de ser loira para ser morena.

(Continua na pág. 36)

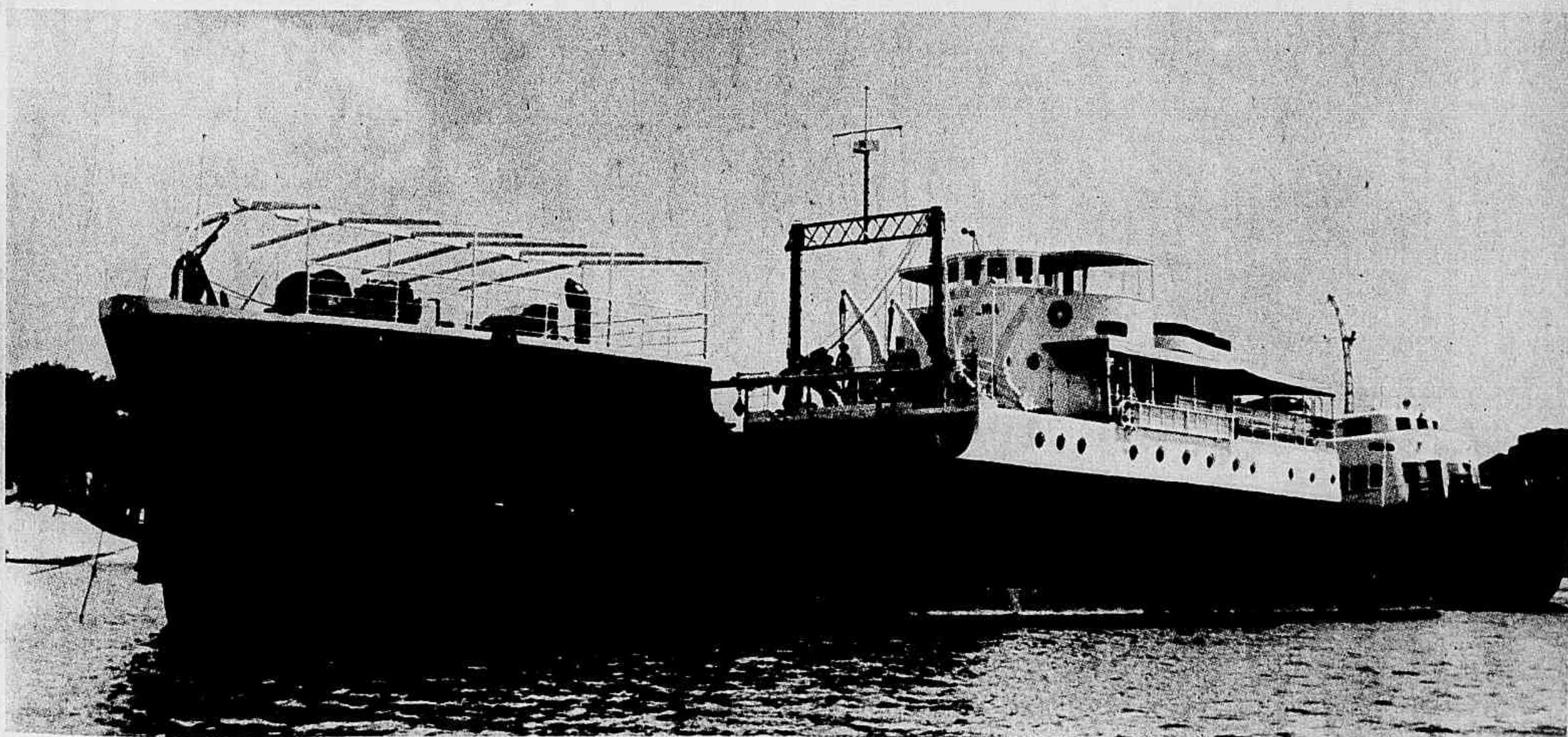


Conjunto assistencial «B. Lafont», erguido no bairro de S. Caetano, na Cidade do Salvador. Como os demais, presta à pobreza inestimáveis serviços, proporcionando à gente humilde médico, dentista, farmácia, enfermagem, escola, artesanato, diversões infantis, etc.

BALBINO TRABALHA PELA RECUPERAÇÃO DA BAHIA

No mês de abril último Antônio Balbino completou dois anos de governo na Bahia. Recebendo o Estado em situação das mais difíceis e com quase todos os seus serviços entravados pela inércia administrativa, Balbino empreendeu, com decisão e firmeza, a recuperação da terra baiana, mediante um programa de trabalho, e probidade e

justiça, cujos resultados se fazem sentir em todos os setores da atividade oficial. Saliente-se aqui o sentido profundamente humano da sua obra de assistência social, cuja beleza e grandiosidade dignificam um governante. Esta reportagem mostra a atividade do governo Balbino em alguns dos importantes serviços públicos de sua terra.



O navio «Cachoeira», da Navegação Baiana, que sofreu radical transformação no governo Balbino, do casernave à çonte de comando, inclusive unidade propulsora, camarotes, salão e bar, tendo aumentada também a sua capacidade de carga. Tudo feito nas oficinas da N. B.

NA BAHIA ATUAL: PROIBIDADE E TRABALHO

Em abril último foi inaugurado o aproveitamento da Cachoeira do Inferno. Ali foram executados serviços na barragem, no canal de alimentação, na tomada d'água e na tubulação adutora. Concluíram-se as ligações dos alternadores para o quadro e deste para os transformadores-elevadores, e linha de transmissão em 22.000 v. com uma extensão de 26 kms. Na subestação de Santa Inês foi instalado um transformador de 300 KVA. E prosseguem os estudos para transporte de energia, da mesma fonte, a Ubaita, Jaguaquara, Brejões e, provavelmente, Itaquara.

Continua em execução o plano regional de eletrificação da zona do recôncavo baiano, serviço este contratado com a Companhia Brasileira de Engenharia. Já estão iniciados os serviços da subestação abaixadora, linhas de transmissão e redes de distribuição para os municípios de Camaçari, Mata de S. João, Pojuca, Catu e S. Sebastião. Na área dos trabalhos já se encontra grande parte do material. Visa o Governo, com este plano, a abastecer de energia 46 municípios.

A administração cuida agora da regularização do Rio Paraguassu, o que aumentará a capacidade do sistema hidrelétrico de Bananeiras, evitando as enchentes que tantos males e prejuízos têm causado às cidades de Cachoeira e S. Felix. Já foi feito o levantamento aéreo-fotogramétrico da bacia do Santo Antônio, cobrindo uma área de aproximadamente 240 kms.2. Vão ser iniciadas as sondagens do boqueirão do Fertim, onde será implantada a barragem.

RODOVIAS

O Departamento de Estradas de Rodagem adotou, com o início do governo Antônio Balbino, rigorosa compressão de despesas, inclusive paralisando serviços atacados por mera inspiração política, sem projetos, sem cobertura orçamentária, sem sentido econômico. Elaborou, então, a Secretaria de Viação um intenso e criterioso programa de trabalho, coerente com as finanças estaduais, o que permitiu ao DER o retorno à sua posição de operosidade, mas condizente com a disciplina e a orientação sadia que o governo Balbino imprimiu aos negócios públicos. E passou a executar obras do mais alto interesse coletivo. Já foram abertas ao tráfego 414 kms. de estradas: Canavieiras-Vargito, 31 kms. — Maracani-Itapetinga, 48 kms. — Nilo Peçanha-Ituberá, 17 kms. — Valença-Taperóá, 19 kms. — Santo Antônio-Amargosa, 48 kms. — Amargosa-BR-4, 34 kms. — Serrinha-Coité, 32 kms. — Queimadas-Queluz, 41 kms. — Remanso-S. Raimundo de Nonato, 50 kms. — Petrolina-Casa Nova-Ramal de Sobrado-Eclusa, 94 kms. No decorrer deste ano serão abertos ao tráfego mais 744 kms. de estradas, que servirão a quase trinta municípios baianos. Nos trabalhos de pavimentação a asfalto das ligações Ilhéus-Itabuna e Salvador-Feira, o governo Antônio Balbino tem a seu crédito 64 kms. contra 23 das administrações anteriores.

Para 1957-1958 o governo da Bahia programou o asfaltamento das rodovias Catu-Alagoinhas (27 kms.) e Itabuna-Ibicaraí-Itamirim (96 kms.). E em convênio com a Petrobrás para 1957 será asfaltada a BR-28-Mataripe com 16 kms., e para 1957-1958 a BR-28-Catu com 57 kms. Convém esclarecer que o Estado da Bahia concorre com 30% e 70% das despesas totais de terraplenagem e pavimentação das estradas referidas, respondendo ainda exclusivamente pelas desapropriações necessárias às pistas de rolamento e pela orientação técnica da construção.

TRANSPORTE MARÍTIMO E FLUVIAL

Na Navegação Baiana fez-se sentir, de maneira enérgica, a ação do governo, não obstante o precário estado em que foi encontrada a sua frota. Esta foi prontamente recuperada, e hoje aquela empresa estatal de transportes marítimos cruza mares e rios com os seus navios, dando lucro apreciável. Nada menos de onze unidades sofreram reparos, inclusive de grande monta, como aconteceu com o «Bahia» e o «José Marcelino», que hoje fazem as linhas Salvador-Rio e Recife-Salvador-Rio com inteiro êxito, o «Cachoeira» e a lancha «Belanizian». O admirável progresso da Navegação no governo Balbino está demonstrado no espetacular aumento de receita verificado entre os anos de 1954 (governo Regis) e os dois anos da atual administração, conforme abaixo:

RECEITAS ARRECADADAS:

Governo Regis (1954)	Cr\$ 9.144.900,00
Governo atual (1955)	Cr\$ 14.521.747,20
Governo atual (1956)	Cr\$ 29.679.030,40

Em apenas dois anos a administração Antônio Balbino conseguiu elevar a receita da Navegação Baiana de 9 milhões para 29 milhões (diferença entre os anos 1954 e 1956), resultado realmente fabuloso, alcançado mediante a recuperação de toda a frota, que jazia em lamentável estado, e adoção de métodos de trabalho intenso e produtivo.

Quando Balbino assumiu o governo do Estado, a Viação Baiana do São Francisco estava praticamente inerte. Somente o cargueiro «Fernandes da Cunha» foi encontra-



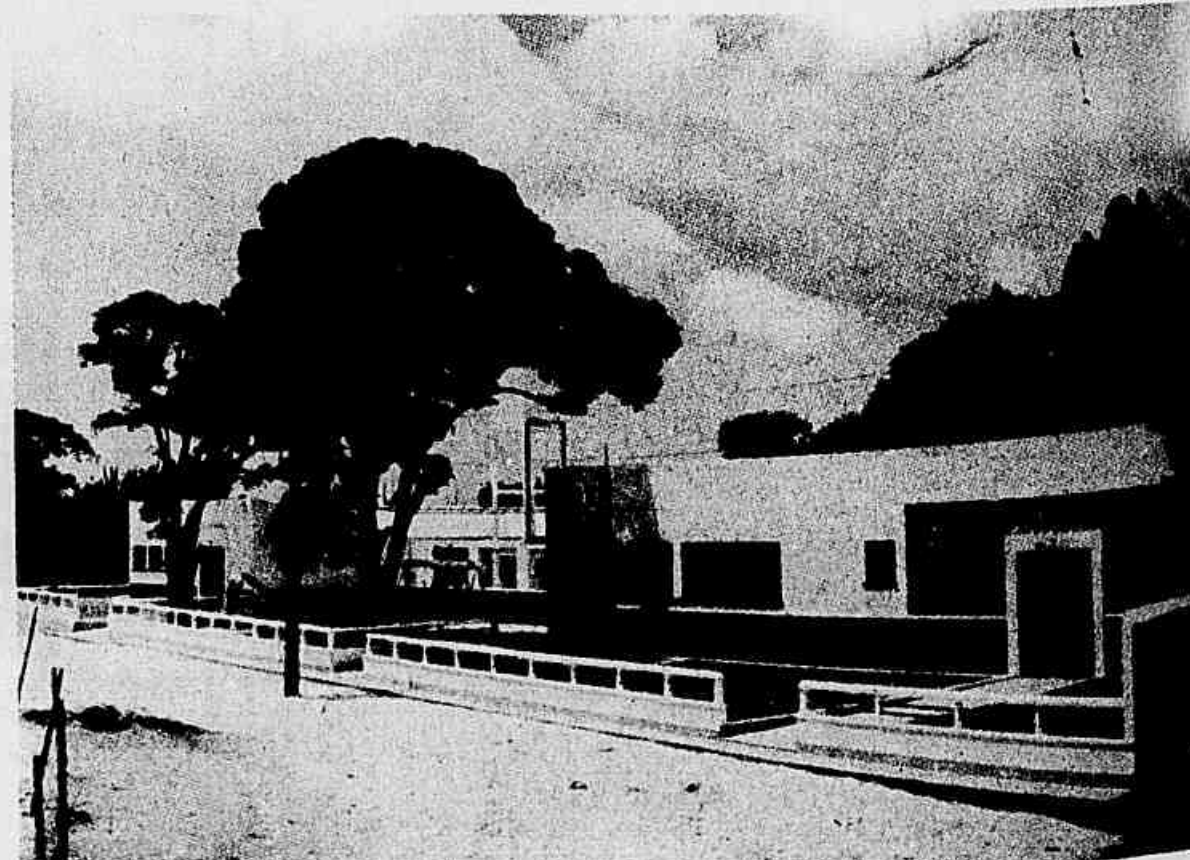
Aspecto parcial do Estádio da Ponte Nova, vendo-se três das seis torres que constituem o sistema de iluminação inaugurado a 6 de abril, possivelmente o melhor do país.

♦ **ENERGIA ELÉTRICA** — Neste setor da administração foi executada, em dois anos, uma série de importantes obras, visando ao aumento do potencial elétrico em várias partes do Estado. Em Itaparica foram construídos e instalados: os prédios da usina e administração; dois grupos geradores Bohn & Kahler, de 300 HP, e acessórios; tanque de refrigeração e montagem das bombas de alimentação e circulação d'água; transformador de saída. Foi completamente remodelada a rede primária de distribuição, em 2.200 v., e renovada e ampliada a rede secundária para atender a toda a cidade.

O sistema hidrelétrico de Pancada Grande, adquirido à S. A. Ind. e Com. Ituberá, mereceu grandes atenções do Governo. Suas duas turbinas de 300 e 360 KVA servem atualmente a Ituberá e às grandes empresas instaladas na zona — Matarazzo, Firestone e SAICI. Foi feita completa retificação da linha de transmissão entre a cachoeira e Ituberá, reduzida em mais de 2 kms. Iniciou-se o melhoramento da rede da cidade de Ituberá, prosseguindo os estudos para levar energia a Nilo Peçanha, Taperóá e Gandu, com a instalação de mais uma turbina de 800 HP.



Moderna estação de tratamento d'água (decantação e cloração), construída no bairro do Retiro (Salvador). Mais 8 milhões de litros diários para abastecerem a cidade baixa.

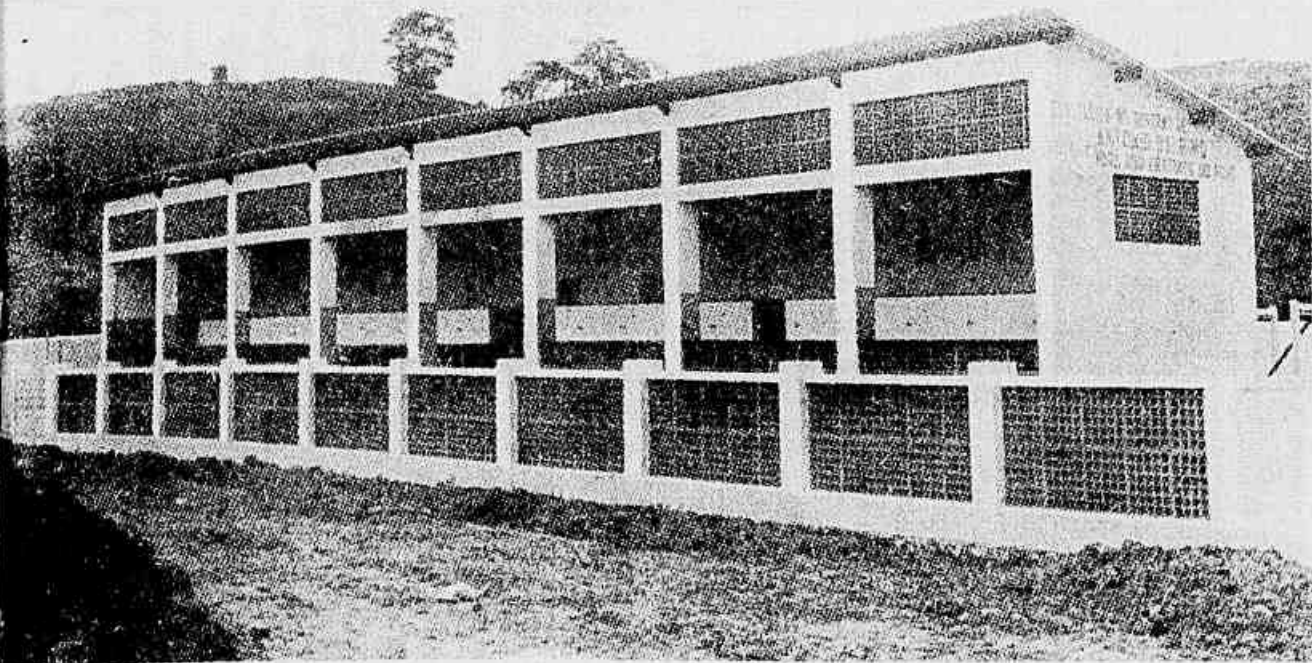


Conjunto assistencial «S. Judas Tadeu», levantado no bairro operário de Pau Miúdo, na Capital baiana. A obra social do governo Balbino dia a dia cresce de vulto.

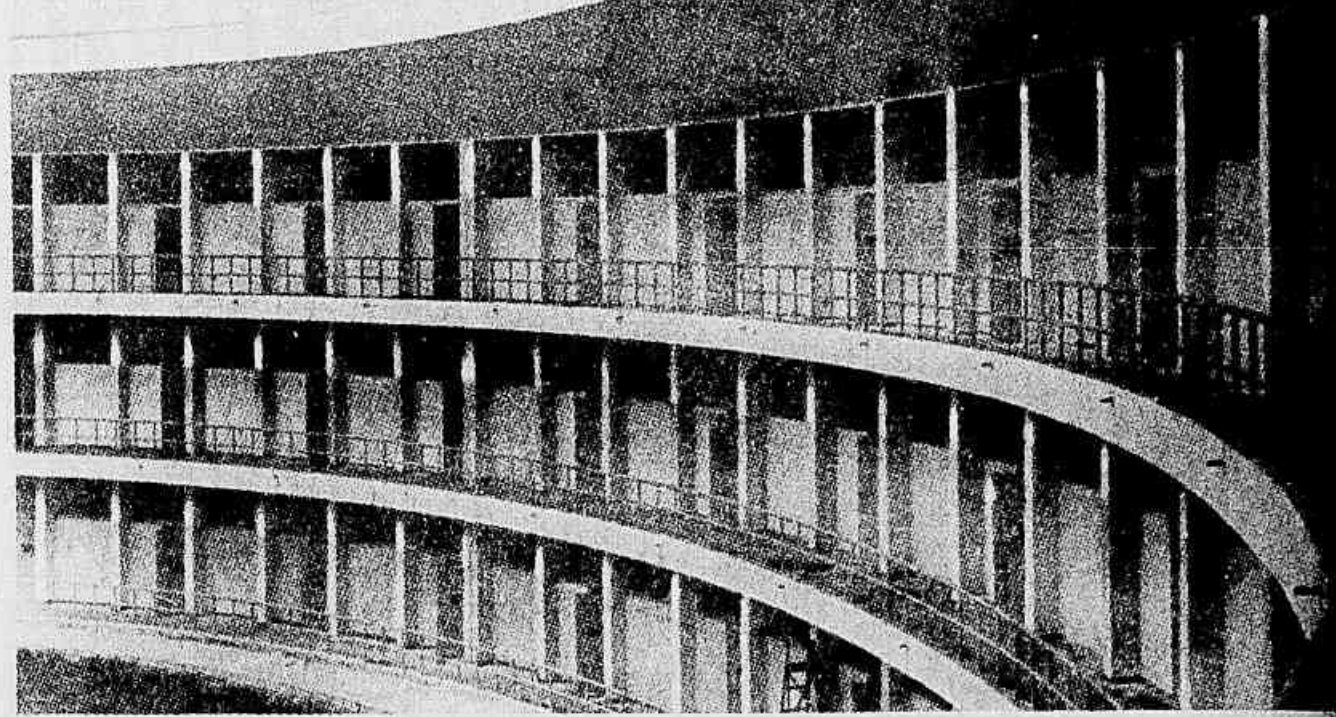
o. Al
água
adro
O va
rans-
r, de

cavo
estão
s de
e S.
sa o

men-
que
feito
área
o do



Lavanderia pública construída na cidade de Itabuna. Seis dessas já foram levantadas em cidades do interior baiano, e mais oito sê-lo-ão brevemente. Amplia-se o plano.



Vista parcial do Pavilhão IV da moderna Penitenciária Estadual de Salvador, com capacidade para 400 detentos, concluído e inteiramente instalado no governo Balbino.

ônio
cados
ntido
ogra-
retór-
tação
citar
estra-
anha-
kms.
s. -
rado-
s. de
pavi-
ônio

do em tráfego. Nos estaleiros jaziam abandonados e em precário estado 14 unidades: 8 vapores e 6 alvarengas. Os servidores com os salários atrasados e a empresa inteiramente desacreditada no comércio e no conceito público. Hoje se encontram recuperados 5 vapores, 3 alvarengas e 1 batelão, que trafegam regularmente nas linhas tronco e nas do Rio Grande e do Rio Preto.

TRANSPORTE FERROVIÁRIO

A Estrada de Ferro Nazaré passou por uma fase de intensa renovação. Foram reconstruídas e recuperadas 8 locomotivas, outras 7 sofreram reparos parciais, sendo duas delas transformadas para a queima de fuel-oil. As oficinas construíram um carro de passageiros e outro carro-chefe-correio-bagagem, além de haverem recuperado 24 vagões e 25 carros-passageiro, construindo igualmente 5 vagões de carga. A via permanente tem sido melhorada, na medida do possível, em suas condições de estabilidade. Tudo isso produziu um aumento de receita seguro e progressivo, conforme abaixo:

RECEITA ARRECADADA:

Governo Regis (1954)	Cr\$ 7.522.935,50
Governo Balbino (1955)	Cr\$ 12.745.694,30
Governo Balbino (1956)	Cr\$ 21.065.302,70

SANEAMENTO

Foi consideravelmente melhorado o serviço de abastecimento de água à Cidade do Salvador, que recebeu um reforço de 18 milhões de litros diários, com a limpeza das adutoras do Cobre e do Ipitanga e com a Estação de Tratamento do Retiro. Construiu-se um prolongamento de 31.000 metros nas linhas de distribuição para os bairros, e 104 novos chatearizes estão servindo gratuitamente o precioso líquido às populações dos núcleos operários. Fora da rede geral, foram construídos abastecimentos de água independentes para os bairros de Plataforma e Itapoan, estando em estudos mais quatro. O Governo do Estado construiu novos serviços de abastecimento de água nos municípios de Barreiras, Amargosa e Ribeira do Pombal, estando em construção os de São Felix e Angical e em estudos os de mais oito municípios.

OBRAS PÚBLICAS

Empenhado em satisfazer uma velha aspiração dos desportistas baianos, Balbino concluiu a primeira etapa do Estádio da Fonte Nova, mediante um volume de serviço excedente a tudo quanto fôra anteriormente realizado. São as seguintes as cifras aplicadas na construção daquela obra, desde o seu início: de 1947 a 1951 (governo Mangabeira) Cr\$ 18.689.800,00; de 1951 a 1955 (governo Regis) Cr\$ 17.804.884,20; de 1955 a 1957 (2 anos do governo Balbino) Cr\$ 37.313.442,80. A média anual foi de Cr\$ 4.561.835,00 para os períodos completos das duas administrações anteriores (1947 a 1955), enquanto que na atual foi dispendida anualmente a soma de Cr\$ 18.656.721,40 (7-4-55 a 7-4-57). Hoje a Cidade do Salvador dispõe de um estádio amplo e moderno, de bela feitura arquitetônica, com capacidade para 70.000 espectadores

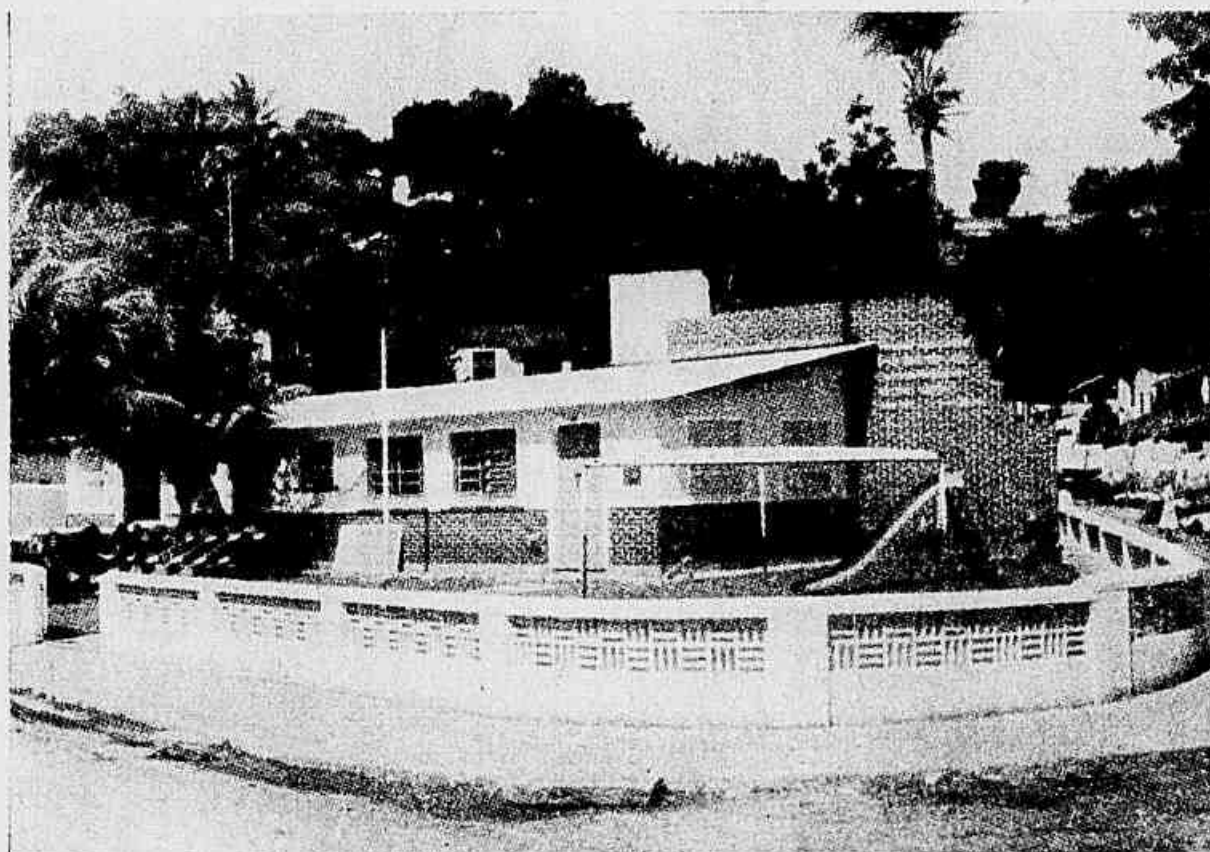
e com acomodações para atletas enquadradas nos mais avançados preceitos da técnica e da higiene. O sistema de iluminação será possivelmente o melhor do país, através de seis torres e de 144 refletores poderosíssimos. Além disso, Balbino dotará Salvador, dentro de doze meses, com o Ginásio dos Esportes, que atenderá ao desenvolvimento de várias outras modalidades esportivas.

Na nova e moderna penitenciária do Estado foram executados serviços de grande vulto, tais como: fabricação e assentamento de grades; revestimento interno, pavimentação das células; instalação de água e esgoto; terraplenagem em volta do edifício; instalação elétrica; torre de vigilância; canalização de águas pluviais e outros serviços. O pavilhão nº 4, já concluído, com capacidade para 400 detentos, pode desde agora abrigar a população carcerária do velho e antiquado casarão do Engenho da Conceição.

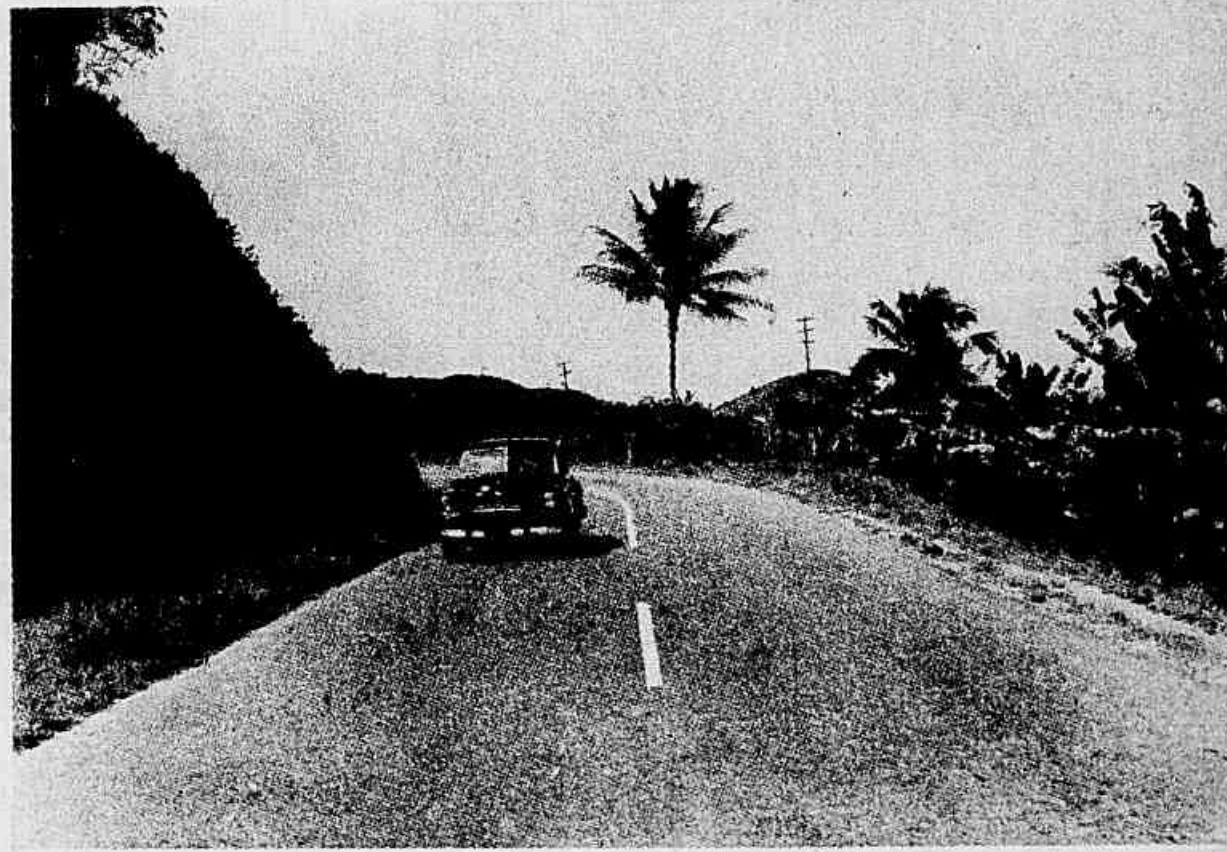
ASSISTENCIA SOCIAL

Deixamos proposadamente para o final desta reportagem o tópico referente a essa notável obra de amparo social, que é um dos pontos altos do atual governo baiano. Queremos nos referir aos conjuntos assistenciais que estão sendo levantados nos bairros pobres de Salvador. Quando Balbino começou a construir lavanderias públicas para as mulheres do povo, que se serviam de pântanos e charcos para as suas atividades, talvez não imaginasse que estava no limiar de uma realização que viria a se agigantar dali a pouco, e se transformar num dos movimentos de maior conteúdo social dos nossos tempos. Aquelas lavanderias, que de início se destinavam a proporcionar às lavadeiras um ambiente confortável e higiênico para o duro trabalho de cada dia, pouco a pouco mudaram-se em modernos e bem aparelhados centros de assistência social, que reúnem os elementos essenciais à vida de uma comunidade trabalhadora, tais como escola, médico, dentista, artesanato, enfermagem, assistência farmacêutica, lavanderia, parque para recreação infantil, tudo para uso gratuito do povo humilde. Das quatro lavanderias existentes ao fim do primeiro ano do governo Balbino, essa comovente jornada de solidariedade humana se ampliou de tal forma, que hoje estão em pleno funcionamento 16 conjuntos assistenciais somente em Salvador, enquanto no interior do Estado já foram construídas lavanderias nos municípios de Ilhéus, Itabuna, Barreiras, Geremoabo, Ribeira do Pombal e Amargosa, e outros como Nazaré, Valença, Jequié, Alagoinhas, Joazeiro, Santo Amaro, Acajutiba e Esplanada brevemente terão as suas. Pode-se prever, desde já, o desenvolvimento desse notável plano para todo o Estado da Bahia. Para tanto, Balbino trabalha num entusiasmo sem limites, no que é seguido por Josafá Borges, seu incansável secretário de Viação e Obras, ambos empolgados pela obra magnífica, que leva às populações heróicas e sofredoras dos bairros pobres um pouco de lenitivo às suas dores, um pouco de luz e vida, higiene e conforto às suas mulheres e crianças.

Ao fim de dois anos de governo, Antônio Balbino apresenta um acervo de realizações sempre orientada no sentido da recuperação econômica e financeira da Bahia, estimulando suas fontes de riqueza, atendendo aos problemas de higiene e aos aspectos sociais mais prementes, e ostentando um título que é um patrimônio moral inextinguível — o de grande benfeitor da gente humilde de sua terra.



O conjunto assistencial «Prof. Aristides Novis», construído no bairro do Dique (Capital) é um dos muitos destinados a levar aos pobres um pouco de lenitivo às suas dores.



Trecho da pavimentação asfáltica da estrada de rodagem Ilhéus-Itabuna, construída e sinalizada de acordo com as especificações da ONU. Serve à zona cacauzeira da Bahia.

rio de
ao dia



BRASIL E PORTUGAL NA VOZ DE ESTER DE ABREU

VEIO AO BRASIL PARA FICAR UM POUCO E NUNCA MAIS SAIU ★ A SUA MAIOR EMOÇÃO ★ APAIXONADA PELO BRASIL ★ OS MELHORES DO RÁDIO BRASILEIRO ★ HOMENAGEM A CRAVEIRO LOPES

Reportagem de CARLOS LEMOS

Fotos de ALBERTO FERREIRA

ESTER de Abreu, a cantora portuguesa que veio ao Brasil para passar três meses e ficou para sempre, é quem diz:

— O sucesso e vitória no rádio são mais fáceis de se obter no Brasil do que em Portugal.

E explica:

— Aqui, o campo é mais vasto e existem mais possibilidades. Em Portugal, todo cantor tem que atuar na Emissora Nacional de Lisboa, do governo, e as provas para admissão no seu "cast" são muito difíceis.

— Veja o meu caso — continua. Comecei a cantar muito cedo, como amadora, nos programas infantis da Emissora. Para me tornar profissional precisei

vencer um concurso com muitos candidatos, onde se exigia o canto em cinco idiomas e diferentes estilos de música. Representando a canção brasileira, cantei "Maringá".

Ester venceu o concurso e ficou como contratada da Emissora Nacional de Lisboa até 1949. Nessa época veio para o Brasil, contratada por Caribé da Rocha, para tomar parte no "show" "Sonho nas Berlengas", todo português, no Copacabana Palace.

● CANTORA AOS 13 ANOS

Desde os 13 anos que Ester canta. Começou nos programas infantis e nos recreios do colégio, quando gostava de

brincar de cantora de rádio. Em casa também era essa sua ocupação preferida.

Casou aos 15 anos e quando nasceu Manoela, sua filha, deixou o rádio por algum tempo, para voltar, já como profissional, depois de vencer o concurso.

● A NOITE MAIS EMOCIONANTE

Em 1949 veio para o "show" do Copa. Como foi a noite de estréia, ela conta:

— Foi a noite mais emocionante de minha carreira artística. Fiquei mais de uma hora no palco e cantei mais de 20 números, agradando mais do que poderia supor. Eu não estava acostumada em cantar para o público do "boite", que é



Ester de Abreu (cada dia mais bonita) é uma enamorada do Brasil e de suas belezas. Ei-la, em Copacabana, namorando o mar e sonhando na sua presença.

REVISTA
DA SEMANA

Ester de Abreu tem inspirado grandes paixões, tem vivido sempre em ternura, beleza e romantismo.



Elegantíssima, personalíssima e paremos por aqui para não abusar dos superlativos. Diga-se Ester de Abreu e não é preciso acrescentar mais nada.

ES

um de
agrad

Foi
meiro,
no Bra
do Rio
"que
vem d

Ven
contra
está a

● AP

— V
Ester
xonad
a rece
mais f
mãe e

— E
— C

destino
árduo.
de vo
o alme

— E
não v
depen
agir la
com o

● UN

Toda
porade
no O
aprese
pecial

— E

— N

pensa

Alén

pelo B

ofereci

Estado

a Espa

— E

— T

tamen

os me

família

Manoe

ta, ma

cia. V

mula

naque

● PA

Depo

vez E

quand

sa Ser

cesso

Fico

Reviu

dos".

desta

regres

ESTER DE ABREU

um dos mais exigentes. Não esperava agradar tanto.

Foi toda uma época de emoções. Primeiro, a satisfazer um desejo seu: cantar no Brasil. Depois, a chegada, com a vista do Rio e, especialmente, do Corcovado "que é como uma aparição para quem vem de fora".

Vencendo no Copacabana Palace, foi contratada para a Rádio Nacional, onde está até hoje.

● APAIXONADA PELO RIO

— Vim para ficar três meses — conta Ester de Abreu. Chegando, fiquei apaixonada pelo Rio. Além disso, comecei a receber ofertas de contratos e nunca mais fui embora. Mandei buscar minha mãe e minha filha.

— E qual foi a razão do seu sucesso?

— O sucesso depende da estrela e do destino de cada um, além do trabalho árduo. É preciso, também, muita força de vontade para vencer e se alcançar o almejado.

— Existe tanta gente com valor e que não vence, não consegue sucesso. Tudo depende daqueles fatores que devem agir logo no início da carreira, para que, com o trabalho, possamos vencer.

● UM VESTIDO POR DIA

Todo ano, Ester de Abreu faz uma temporada no Copacabana Palace e outra no Oásis, de São Paulo. Para essas apresentações, faz um guarda-roupa especial, com um vestido para cada dia.

— Então você tem prejuízo?

— Não, porque o que me pagam compensa.

Além disso, faz excursões artísticas pelo Brasil que já correu todo e tem dois oferecimentos de contratos: um para os Estados Unidos (6 meses) e outro para a Espanha.

— E por que não os aceita?

— Tenho vontade de ir, mas um afastamento tão grande modificaria, muito, os meus hábitos de vida. Tenho minha família aqui, e preciso tomar conta da Manoela, que é uma moça muito cordata, mas que precisa de minha assistência. Vamos ver se encontramos uma fórmula que possibilite a minha exibição naqueles países.

● PAGANDO PROMESSA

Depois que veio para o Brasil, só uma vez Ester voltou a Portugal. Em 1953, quando foi pagar uma promessa a Nossa Senhora de Fátima, "agradecer o sucesso feito no Brasil".

Ficou em Portugal durante um mês. Reviu Lisboa e "uns cantinhos queridos". Tem vontade de voltar à sua terra, desta vez contratada por algum tempo, regressando, depois, ao Brasil.



● OS MELHORES

Se perguntada pelos melhores nomes do rádio brasileiro, Ester responde que todos são bons, pois cada um tem o seu valor especial, "determinado ou pela voz, ou pela tenacidade ou pela estrela". O conjunto de todos esses valores formaria um cantor perfeito, o que é difícil.

De Portugal, destaca Maria Alice, Herícia Costa, Maria Albertina e Amália Rodrigues. De todas "a mais fadista foi Maria Alice". Não gosta de falar sobre Amália Rodrigues pois, certa vez, fizeram confusão com suas declarações. Assim mesmo, diz que "é boa cantora, se bem que com um estilo um tanto ultrapassado e cantando o fado de maneira espanholada".

● FADO E SAMBA (SENTIMENTAL) SE ENCONTRAM

— Qual é melhor. O samba ou o fado?

— Depende do sentimento. Toda música é boa quando vem da alma das pessoas, quando faz parte de nós mesmos. Outro dia fui assistir ao filme "Madame Butterfly". Chorei de emoção com a interpretação da cantora.

Em seguida, observei:

— O fado faz lembrar o samba. Entre os dois, quando são sentimentais, existem muitos pontos de contacto.

— E seu maior sucesso?

— "Coimbra", sem dúvida. Recebi essa música em Portugal, de Luiz Ferrão, que me disse ter muita esperança nela, se bem que não estivesse fazendo o sucesso que ele supunha. Lancei-a no Brasil e o sucesso foi feito. Nas minhas excursões à Argentina e ao Uruguai, todos a pediam. Nos Estados Unidos, tem 22 gravações. Cantei-a lá, com uns amigos, numa "boite".

● HOMENAGEM A CRAVEIRO

Agora, quando da chegada do sr. Craveiro Lopes ao Brasil, vai lançar a "Canção do Imigrante", em homenagem ao presidente português e dedicada a todos os imigrantes portugueses no Brasil. A música será apresentada, também, no filme "Pirata do Outro Mundo". (É o segundo filme de Ester. O primeiro foi "Vamos com calma". Tem oferta para estrelar um outro).

● A MAIOR ALEGRIA

A maior alegria de Ester de Abreu foi abraçar sua mãe e sua filha, quando escapou do desastre de avião em Belo Horizonte. (Não gosta de falar em tristezas.) Só faz o que tem vontade e não gosta de aventuras. (Acha que tem a responsabilidade de um nome formado.) Seleciona seu repertório, exigindo sentimento na música e poesia na letra. Já recebeu medalhas e troféus pelos seus sucessos, já comprou um automóvel e apartamento.

O ESPAÇO

Transcrito do livro «RACIONALISMO CRISTÃO»

(Continuação do número anterior)

Para a Inteligência Universal só há, com respeito a Espaço e Tempo, o que se poderia chamar de Presente Eterno, se essa idéia pudesse ser bem compreensível, neste mundo de limitações. Decorrentemente, as velocidades, por mais elevadas que sejam são sempre expressões relativas, subordinadas, igualmente, ao meio físico, pois no campo espiritual outras leis regem a Vida; o Espírito, na sua essência primordial, apenas como Fôrça, comparece tanto num mundo como noutra, dentro do seu raio de ação, instantaneamente, sem a influência das distâncias, servindo-se tão somente do campo imantado acima, da Fôrça Infinita, componente do Todo, que penetra e envolve todos os corpos do Universo e enche literalmente o Espaço. Quedando-se o ser humano na contemplação do Universo, em meditação sobre as grandezas incomensuráveis e sobre a significação do Infinito, a perscrutar o sentido espiritual da Vida e o poder insondável da Fôrça Criadora, há de perceber, se não estiver por demais absorvido pelas emoções terrenas, que a desproporção entre a partícula em evolução na Terra e a Fôrça Inteligente, para quem aquela partícula se dirige, é verdadeiramente descomunal. E então, se concordar com a realidade dessa desproporção, reconhecerá que muito precisa lutar para conseguir tudo quanto lhe falta e que se encontra, justamente, no interior dessa desproporção.

Os grandes espíritos que na Terra encarnaram para trabalhar pela evolução da grei humana, o fizeram pela ação consciente do dever, e nunca para atender a desejos de terceiros, como de um suposto pai celeste. Na esfera espiritual não há pais nem filhos; há uma infinita comunhão de espíritos, numa infinita graduação de estados espirituais, em que todos estes seres são constituídos de um mesmo princípio denominado Fôrça.

Nos mundos dispersos pelo Espaço, há, usando reduzidos números capazes de satisfazer a compreensão da mente humana, milhões e milhões de espíritos, em cada plano de evolução, e por isso, embora sejam raros aqueles que, muito evoluídos, tenham encarnado na Terra para ajudar o crescimento espiritual dos seus habitantes, inúmeros outros, do mesmo grau de evolução, estiveram e estão desenvolvendo, em outras regiões do Universo, as suas superiores atividades espirituais.

Quanto mais desenvolvido for o espírito, tanto maior será o desejo que alimenta de ajudar o seu semelhante a progredir, e daí a razão de se expor ao sacrifício de encarnar em mundos da espécie dêste, quando, nas camadas do seu adiantamento, a vida muito embora sempre trabalhosa, decorre num ambiente de incomparável bem-estar comum.

Negarem a Cristo o valor e a honra de haver êle próprio conquistado a sua evolução, o seu adiantamento espiritual, à custa de grandes lutas, trabalhos, sofrimentos, desencarnações e reencarnações, é além de grande injustiça, um erro fundamental que cometem.

Quem tem mais valor, o líder que ascendeu ao seu posto com esforço e merecimento próprios, depois de haver feito incursão por todas as etapas propícias ao fortalecimento da experiência e do saber, ou o que foi, singularmente, estabelecido nessa posição diretiva, com fundamento precipuo na hierarquia de antepassados?

Os adoradores de Cristo classificam-no, obsecadamente, neste segundo lugar, dominados pela falsa concepção deísta. Isto, principalmente, porque a mística religiosa embota o raciocínio e obscurece a razão. Para estes, o valor de Cristo, espírito grandemente evoluído, está mais na filiação ao hipotético deus-pai do que nêle próprio, quando, na verdade, Cristo deve, exclusivamente a si, tudo quanto adquiriu, na formação do seu valioso patrimônio moral.

Referindo-se aos espíritos de sua categoria ou grau de evolução, revelou êle aos seus discípulos não ser o único que podia externar aqueles poderes espirituais, pois outros, disse, eram portadores, dos mesmos poderes, e ainda outros, acrescentou, poderiam externar poderes maiores denunciando aí, não só a evolução do espírito, como a sua posição real no concerto Universal.

Cristo veio à Terra com o desejo de implantar uma Doutrina espiritualista, capaz de auxiliar o progresso das massas embrutecidas pelo sensualismo dominante, evitando que elas continuassem a perder, inutilmente, as suas encarnações; incalculáveis teriam sido os serviços prestados à humanidade pela sua doutrina, se não tivesse havido, para desvirtuá-la da sua pureza originária, a interferência sorrateira da pecúnia, introduzida por atilados locupletadores, na moldagem das peças estruturais do seu arcabouço espiritual.

Os espíritos que fazem a sua evolução neste planeta pertencem às primeiras dezessete classes de uma série de trinta e três. Os espíritos das classes restantes da série continuam a evoluir em meios adequados e mais adiantados do que êste do planeta Terra. Acima da classe décima-sétima só eventualmente algum espírito ou outro encarna, não por exigência de sua própria evolução, mas para auxiliar a humanidade a levantar-se espiritualmente, numa espontânea manifestação de abnegação e desprendimento. Milhões de outros destes, embora não encarnando, se dedicam, especialmente por intermédio das Casas Racionalistas Cristãs, a auxiliar o progresso dos seus semelhantes menos desenvolvidos e encarnados no planeta.

(Continua no próximo número).

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO
FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 179.107.824,70

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8986

End. Teleg.: «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MÉIER: Rua 24 de Maio, 135 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA SÃO CRISTÓVÃO: Rua São Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

SUCURSAL NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:
Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.

SEM COMPROMISSO

(continuação da pág. 26)



SIMEONE da Bulgária, pretendente ao trono de Sofia, segundo insistentes boatos, está noivo, com Isabel da França, filha do Conde de Paris.

ALI KHAN (foto) partiu de Paris para a Venezuela com a magnífica Bettina. Pretendem se casar em Caracas. A verdade é que a sentença de divórcio entre o príncipe e Rita Hayworth, pronunciada no Estado americano de Nevada, não é considerada válida na Europa, ao passo que é reconhecida na Venezuela.



O PRÍNCIPE VITTORIO MASSIMO e Dawn Addams partiram para Londres juntamente com seu filho, Stefano. Os príncipes, que passarão umas breves férias na Inglaterra, encontrar-se-ão com Charles Chaplin. Êste vai realizar um filme, que terá como protagonista Dawn Addams.

DIANA DORS (foto) recentemente definida como a «atômica londrina», irá à Itália em princípios de junho a fim de interpretar o filme «La Ragazza del Palio», ao lado de Vittorio Gassman. O filme, rodado em Siena, será dirigido por Mario Monicelli.



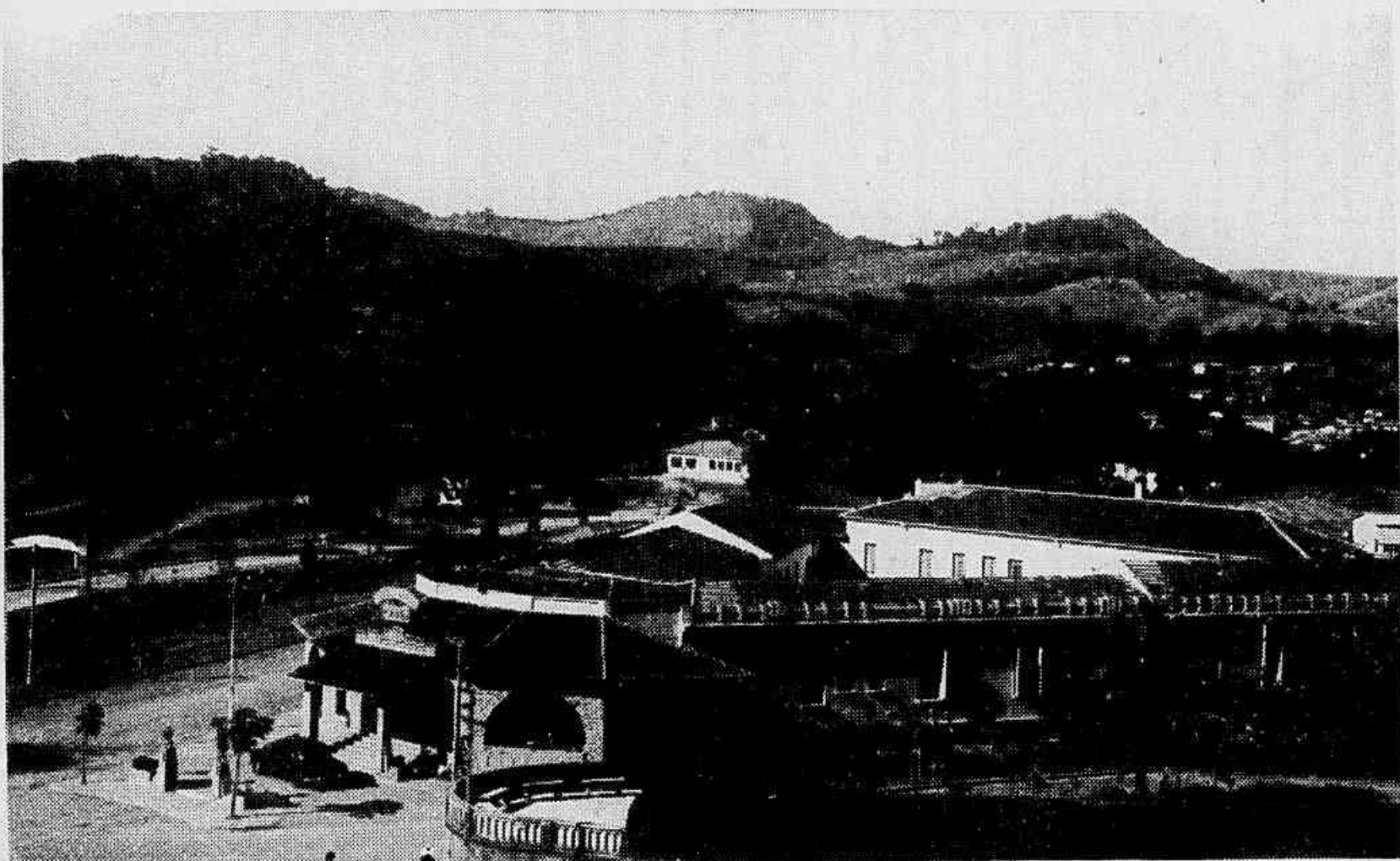
A DUQUESA ANNA DE AOSTA partiu na semana passada de Sorrento para Firenze. A duquesa será hóspede, na França, da sua primogênita, a qual, segundo algumas informações, está esperando o segundo filho.

SIMONE BALMAIN (foto) fará brevemente um filme na Itália. Há algum tempo, os jornais se ocuparam dela com muita insistência: Filha de artistas franceses, foi raptada na Argélia e colocada num harém de onde conseguiu fugir de maneira tanto ou quanto rocambolesca.

ETERNA PRIMAVERA

♦ Águas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num escritório de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernos. «ÁGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «ÁGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gôta.

AS DÁDIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACO- LHEDOR, O

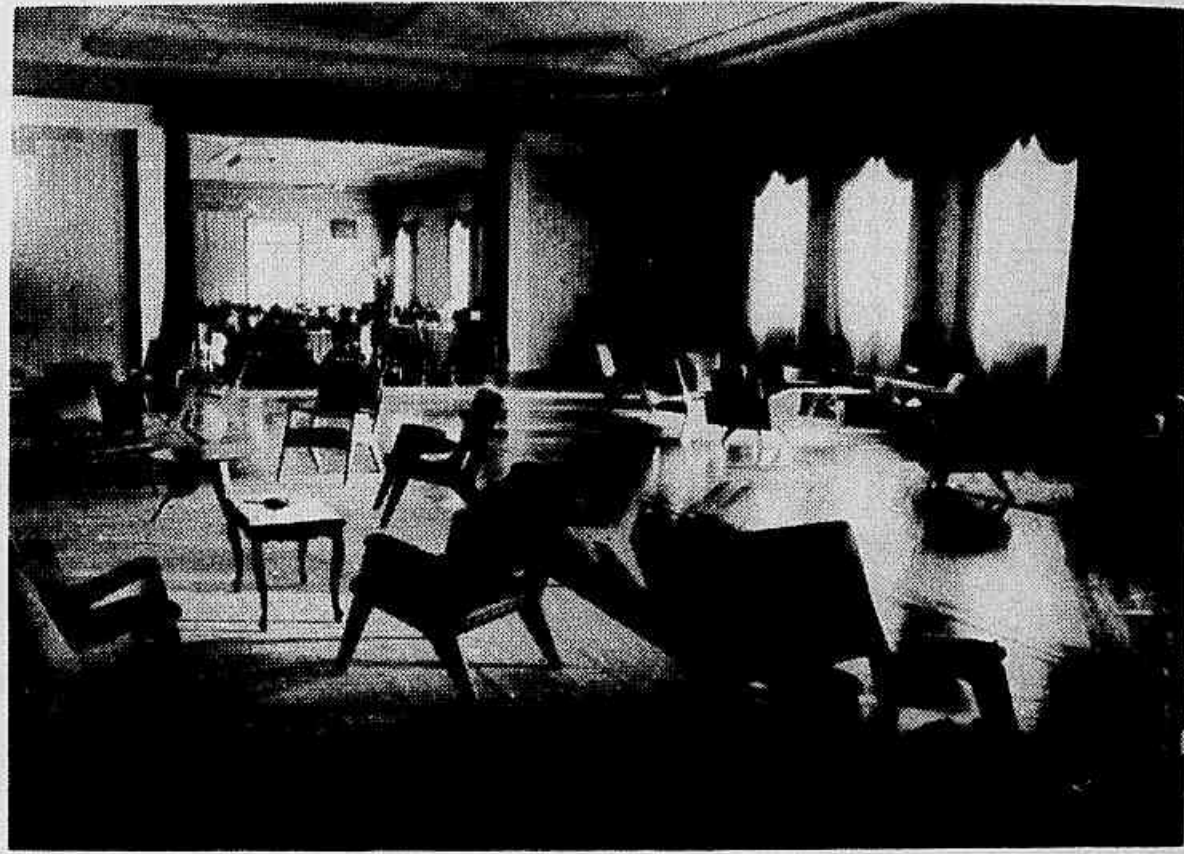


Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. À direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter», Av. Rio Branco, 57-A, Tel.: 23-5361 e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4. Águas da Prata, Est. S. Paulo. ♦ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

OS "CARTOLAS" ACONTECENDO DE "BLACK-TIE"

Vencedora e suplente: Suely Machado da Silva e Maria Juliana Luzardo, sendo apresentadas pelo muito conhecido Ribeiro Martins, que nesta noite recebeu um troféu oferecido pela Rádio Nacional.

PRIMEIRA CIRCULADA DA REPORTAGEM NUM CLUBE ★ O FLUMINENSE ABRIU SEUS SALÕES
★ VESTIDOS DECOTADOS, MULHERES BONITAS, NOITE DE BOM GÔSTO E ENCANTAMENTO
★ ESCOLHA DA MOÇA QUE REPRESENTARÁ O CLUBE NO CONCURSO DE MISS BANGU

Reportagem de HAROLDO DAMASIO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Em uma noite de «black-tie» e vestidos decotados, o Fluminense ofereceu para os seus sócios, convidados e inevitáveis penetras, uma noite de bom gosto, tendo como atração principal o «Primeiro Desfile Oficial Bangu», realizado no Rio em 1957. Nomes tradicionais da aristocrática família das Laranjeiras ali compareceram e, principalmente, a nova geração que tomou conta dessa simpática e elegante noite. Outro motivo que despertava interesse para os tricolores era a anunciada presença da srta. Maria Sônia Soares de Araújo que naquela noite faria sua «entrée» junto à família dos «Cartolas». O maior entusiasmo contido seria a escolha daquela que deveria na nova temporada representar a

elegância do clube, a moça que seria escolhida «Elegante Bangu do Fluminense». E o final da noite pertenceu decididamente à srta. Suely Machado Silva, a vencedora dentre 11 candidatas ao cobiçado título. Suely, além de bonita e elegante, tem a particularidade de ser parecidíssima com Sônia, da qual foi suplente no ano passado, mas convém que se diga, possuidora de uma beleza mais eugênica. E, agora, uns «flashes» dessa noite.

1) AS PRESENCAS mais cumprimentadas da noite foram: O Presidente do Fluminense e sra. Jorge Frias (êle o «gentleman» conhecido); o Presidente da Bangu e sra. Fausto Almeida (fazendo o seu «debut», ela bonita e elegantíssi-

ma); sr. e sra. Willand Gassenferd (o diretor da Bangu); o Vice-Presidente e sra. Paulo Tapajós; e o escritor e sra. Paulo Coelho Neto.

2) A NOVA GERAÇÃO muito bem representada, dominando. É pena que a maioria dos veteranos sócios do clube, venham pouco e pouco freqüentando o clube apenas na sua parte recreativa e fugindo às festas.

3) DECORAÇÃO sóbria, muito simples, contando apenas com folhagens colocadas discretamente, em alguns setores dos três salões.

4) O NOIVO da srta. Maria Sônia Soares de Araújo, o jovem industrial Gilberto (Aristolindo)

JBES

S"

DO

E"

a e Man
to con
um tro

ERREIRA

diretor
rulo Tap
Neto.

represent
aioria de
pouca
na sua

mples, con
das discre
salões.

Soares de
(Aristolino)



Sra. Suely Machado da Silva, a nova «Miss Elegante Bangu» do Fluminense, que no ano passado foi suplente de Maria Sônia Soares de Araújo, quando desfilava pela segunda vez.

OS "CARTOLAS" ACONTECENDO...

«Miss Bangu» depois da apresentação das concorrentes ao título de elegância, também desfilou para alegria dos sócios do Fluminense, e o fez com muita categoria.

Carvalho, fez «forfait», suscitando, como é óbvio, os mais variados comentários. Sabe-se que além de ter comprado um apartamento para se casar, o jovem e simpático Gilberto já estava na fase final da decoração. Esta, certamente, foi a nota de sensação da noite.

5) «MISS FLAMENGO», srta. Ana Maria Carneiro completamente «in love» com o jovem noivo, o nosso amigo Vilela.

6) AFFONSO ARGEU, o «play-boy», número um do Fluminense, como sempre saiu com o seu carro sem nenhum novo romance. Aliás, o rapaz que tem tendências e preocupações intelectuais, pensa em abandonar a sua rápida experiência na imprensa, para ingressar no Curso Rio Branco.

7) CONFIDENCIALMENTE: o jovem Aurimar Rocha, saiu do «Teatro de Bólso» (onde é simultaneamente, autor, ator e empresário de «Infidelidade «en Petit Comité») e tomou um taxi para o Fluminense, com o mesmo «smoking» que aparece na peça, e quase ao apagar das luzes, procurou por todos os três salões a sua ex-noiva (noivado rompido há três anos) e encontrou-a acompanhada. Não fez fé e disse: «Entre nós acontecem as pesadas cortinas do palco, mas... não acredito que esse seja o fim».

8) COMPLETAMENTE feliz, o muito conhecido Ribeiro Martins, mais uma vez, encontrou no Fluminense, uma homenagem à sua pessoa, desta vez dirigida ao homem de rádio, pelo direção da Rádio Nacional representada por um dos seus diretores, o Heron Domingues («doublé» de locutor e de cronista da vida noturna). Ribeiro, como sempre, «vivia» ao descrever os excelentes tecidos lançados pela Bangu, como se ele próprio fôsse o inventor da arte manufatureira. Aliás, o Ribeiro sozinho faz uma festa...

9) O ALFACEANO Pouchard (olhos verde que Deus lhe deu e umas novas bochechas adquiridas recentemente) encaminhando na direção de

Srtas. Maria Sônia Soares de Araújo e Ana Maria Carneiro, misses elegantes, respectivamente do Flu e do Fla, e inseparáveis amigas. À direita: os presidentes do Fluminense e do Bangu e srta. Sônia, filha do casal Fausto de Almeida.





As candidatas ao título de Miss Elegante Bangu, quando formavam no palco, momentos antes de ser dado o resultado da mais elegante do «tricolor».

determinada senhorita o seu último sorriso trazido de Paris. O simpático cronista saiu, como é sua expressão, «encaixotando sereno».

10) A SRTA. MARIA SONIA SOARES DE ARAUJO, saiu sòzinha da festa. E na porta perguntavam: E o noivo não veio nem buscá-la?

11) LAMENTADA a ausência do sr. Izidoro Domingues conhecido e proclamado como o maior «free-lancer» do tricolor. Estava acontecendo em São Paulo.

12) O FIGURINISTA e sra. José Ronaldo. Ele acompanhando de perto o sucesso do desfile, das padronagens e de suas criações.

13) «VAMOS MEU CHUCHUZINHO». — mas mesmo com êste carinhoso apêlo a elegante e jovem sra. Ribeiro Martins não conseguia fazer seu marido levá-la para casa, contente que estava comentando 1 hora depois da festa o sucesso do desfile.

14) FOI UMA NOITE, como diria Ibrahim, «very very kar». Aliás, comentando a ausência

do também alfaceano (olhos verdes e muito vivos) cronista, os comentários se dividiam: «Ele esnobou o Fluminense»; «Está certamente noivando», mas a verdade segundo o próprio famoso colunista me informou é que já havia marcado no seu «carnet» um jantar no «high-society».

15) Por hoje é só. Fazendo uma curvatura atenciosa aos dirigentes do Fluminense, principalmente ao sr. Jorge Frias, um perfeito Presidente e um excelente anfitrião.

O Presidente da Bangu e a sra. Fausto de Almeida, e Sônia, filha do casal, compareceram à primeira apresentação de «Desfiles Bangu» nesta cidade. À direita: um par característico dos sócios do clube das Laranjeiras é o que vemos. São eles: sr. e sra. Milton Pacheco.



O ROTEIRO DO PROGRESSO E A RIQUEZA CONDUZIRA' VOCÊ AO LOTEAMENTO CIDADE **BEIRA-MAR**

POR APENAS

Cr. \$ 100,00
MENSAL

Registrado e escrito no Decreto-Lei 58 sob o nº 1,
fólias 1 a 4 no Cartório do 2º Ofício de
Casimiro de Abreu.

Situado na mais linda Praia do Oceano Atlântico.

Cortado pela mais bela Rodovia do Estado do Rio.
A maravilhosa Amaral Peixoto, TÔDA ASFALTADA.

Onde você pode praticar a coqueluche do mo-
mento, a pesca submarina.

Caça em abundância. Matas, Rios e Florestas.

INFORMAÇÕES E VENDAS

Cia. Brasileira de Melhoramentos, Urbanização e
Planejamentos

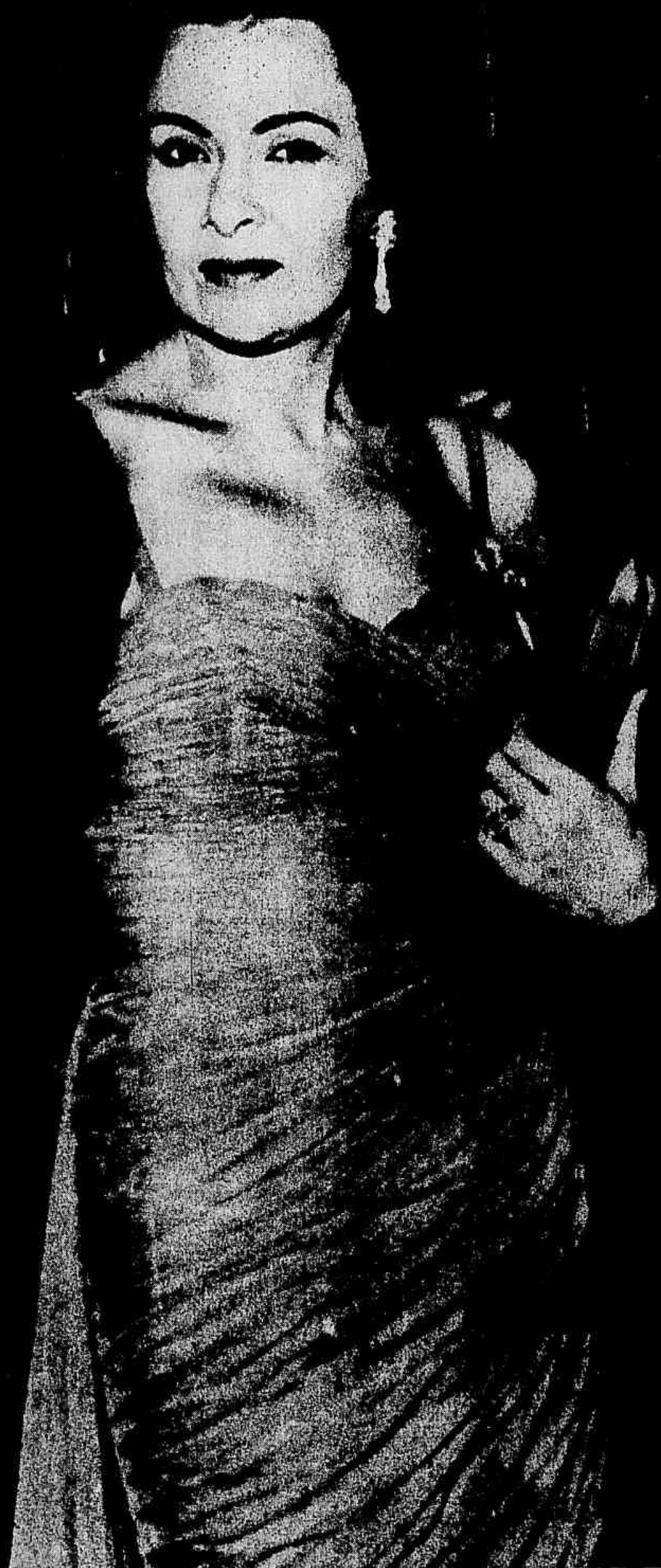
Rua Araújo Pôrto Alegre, 56, sobre-loja, g/2
Tel. 32-9933

V. TERA' SEU TERRENO!



SOCIEDADE

Por JEFF THOMAS



♦ O casal Alberto Birnchi, sem dúvida um dos mais simpáticos do «society». Olga, dona em S. Paulo, é senhora em Guarujá. «hostess» perfeita no Rio, figura atraente em qualquer parte. Alberto é sereno, tranquilo, ponderado, homem de grande visão e um empreendedor seguro.

BRILHANDO A SOCIEDADE PAULISTA EM BRANCO, VERMELHO E PRÊTO ▶

SOCIAL SET

CIRCULANDO EM SÃO PAULO

ESTIVE recentemente em São Paulo aonde fui participar de uma "soirée-snob" realmente "suspense", com a presença de todo o "estado-maior" do "High-Society" de paulistas quatrocentões. Essa noite, que foi organizada pelas senhoras Bea Coutinho,, May Lara Campos e Carmen Alves Lima, foi em benefício da "Criança Defeituosa". A cobertura jornalística desse acontecimento foi feita pelo "papa" do colunismo social paulista: José Tavares de Miranda. Nas minhas observações, as-sinalei: A senhora Maité D'Orey estava muito bonita, apesar de seu estado de saúde não andar bem; Maité comunicou ao colunista que ia operar-se; May Lara Campos, estava elegantíssima naquele seu modelo negro. Aliás, as mulheres compareceram exclusivamente vestidas de branco, vermelho ou preto; minha amiga Tânia Kowarick estava numa grande noite, vestindo rendas brancas. E sistematicamente para finalizar, informo que foi uma grande promoção do "society" paulista.

GOSSIPS

◆ OFICIALIZADO o noivado do jovem Márcio Barouquel com a srta. Maria Lúcia Gomes. O acontecimento foi devidamente comemorado na residência do casal Alfredo Thomé.

△

◆ A LOURA SENHORA Suzana Porto recebeu na «soirée» do dia 18 para um «dinner» no Sacha's, comemorando a sua «mudança-de-idade». O atual «date» de Suzana é o simpático sr. Stélio Belchior. Fala-se em casamento!

△

◆ O EUFÓRICO Conde D'Acovilã esteve no Rio e freqüentou devidamente a «soirée-snob». O Conde já «decolou» para Portugal.

△

◆ E A SENHORITA Liliam Souza Campos continua saindo muito pouco.

△

◆ BABY THOMAS informa de São Paulo que a ex-debutante Maria Alice Nogueira é o novo romance do milionário Decito Novais.

△

◆ A BONITA GILDA Chamma continua marcando «date» com determinada figura no Salão Verde do Copa. Será...

△

◆ GERALDO NÓBREGA, um dos bons partidos do Planalto, dificilmente será iscado pelas jovens que circulam na orla atlântica.

△

◆ A SENHORITA LORICE Maluff dificilmente é vista circulando nos salões elegantes do «High-Society» paulista. Trata-se de uma jovem muito retraída.

△

◆ AINDA SOBRE Lorice, comenta-se que, depois de ter terminado seu noivado com determinado senhor italiano, ainda não teve nenhum «date».

△

◆ MINHA AMIGA Maria Sônia Soares de Araújo voltou à pista sem nenhum romance. Trata-se da sensacional «Miss Bangu» de 56.

△

◆ E BEATRIZ Gallembach continua sem «date». Será mesmo promessa?...



A bonita e sensacional Maria Sônia Araújo está circulando sem «date». Mas não será por muito tempo.



João Batista Amaral Filho, voltou ao seu ex-«date» paulista. Trata-se do dono da «TV-Rio».



O jovem casal do «society» carioca Arnaldo Brenha, que atualmente reside em São Paulo esteve no Rio passando um «week-end».

PEQUENOS FLASHES

◆ O CASAL Spitzman Jordan, que funciona com muita categoria no «High-Society» carioca, recebeu para um «dinner» na semana que passou, em homenagem ao ex-governador do Paraná e senhora Adolfo de Oliveira Franco. A «hostess» senhora Josefina Jordan, uma das mulheres mais bonitas do Brasil, estava numa grande noite. A presença masculina mais comentada foi a do britânico senhor Charles Wilson. A mulher mais elegante presente era a senhora Leda Galiez, que vestia um Dior autêntico.

△

◆ O SIMPÁTICO casal Arnaldo Brenha, que atualmente reside em São Paulo, esteve aqui passando um «week-end». Heleninha mais bonita e com uma nova cor de cabelo. Trata-se de um casal de categoria.

△

◆ O NOSSO conhecido Tarso de Abreu deixou o hotel onde morava e montou um apartamento em Copacabana. A inauguração está marcada ainda para este mês.

△

◆ QUANDO ESTIVE recentemente no Planalto para assistir ao baile «Branco, Preto e Vermelho» na «boite» Oásis, fiquei hospedado no hotel Comodoro, que é um dos mais «suspense» de São Paulo. Aliás, o cantor carioca Blackout está atuando no «grill» do Comodoro.

△

◆ A CEGONHA acaba de visitar o lar do comandante e senhora Carlos Niemeyer. O casal está feliz.

△

◆ ESTA NO RIO, hospedado no Hotel Glória, o conhecido milionário do norte do país, Adolfo Roseblit.

△

◆ O CRONISTA Henrique Pongetti e senhora, «decolaram» para a Europa e Estados Unidos. Sua primeira escala foi Lisboa, onde ainda se encontra.

△

◆ O CANTOR Ivon Cury, atuando nas noites da «boite» Festa. Foi uma boa aquisição para a «boite» em questão.

△

◆ Diariamente estou com vocês na «A Noite» e, semanalmente, aqui na REVISTA DA SEMANA.

△

◆ ATÉ A PRÓXIMA. O Gélot está na pista...



As organizadoras da «soirée» do «Branco, Vermelho e Preto» num «flash» especial para esta coluna.



A muito elegante senhora Nelson Mendes Caldeira chegando ao «Oásis», onde é recebida por Marilu Vilas-Lobos.



A bonita Leila Limpo de Abreu, carioca circulando atualmente em São Paulo.

A bonita Maité D'Orey fotografada para a coluna de Jeff Thomas. Trata-se da mulher mais bonita de São Paulo.

A elegância britânica de Francis de Sousa Dantas Forbes, aparece na foto conversando com a senhora Bea Coutinho.



Jeff Thomas conversa com as senhoras May Lara Campos e Tânia Kovarick, durante essa «suspense» «soirée-snob».



CRÔNICA

MEU CARO ALMIRANTE

♦ Há muito que não nos encontramos. Aquê tempo de tomar um trem, seguir com Paulo Neto, Braguinha e Paulo Roberto, mastigar o frango com talharim no «Imparcial» do Méier já está morto. Corremos pela vida para a vida ganhar. Não há tempo para nada, muito menos para as conversas vadias. Mas, me acho inteiro e vejo você inteiro também de corpo e alma. Escrevo-lhe esta apenas para saber de coisas dêste tempo. Você que sabe mais que nós, homem sério, conservador e curioso, foi para mim sempre mais que amigo um conselheiro. Pois bem, Almirante Foreia, que me responda coisas e que me ensine caminhos, é a razão desta carta. Que acha você dêste tempo de agora, quando amigos irmãos nos apunham e fenômenos radiolônicos surgem, patrocinados e garantidos pelas direções, para insultar e macular o nome dos compositores brasileiros? Que me diz, desta forma de dizer coisas, de afirmar coisas e de mentir coisas sem que ninguém saiba como nem de que forma, arranje fórmula de passar uma boqracha em tanta miséria e tanto erro. Um dia dêsses vi na televisão um ministro do governo afirmar, sem tremer, que desde que ele entrou para a pasta, que «não entrou sequer uma garrafa de uísque quanto mais um automóvel fora da lei.» Você teria visto isso também e o que me responde? Vi também um moço declarando a todos desta cidade que Noel Rosa não era compositor. Vi também um outro moço que está sempre com o governo, falar de moças elegantes, dizer de gente bem sem olhar o seu cabelo pichaim nem a sua origem de coisa nenhuma. E mais as portas abertas das estações de rádio para moças de corpo roliço e fechada para cantores de fato. Chego a pensar, meu velho Almirnte, que estamos num fim de mundo. Ninguém se ama. Ninguém se quer. Cada um puxa a fatia mais gostosa para a sua bôca gulosa. Um homem normal, deve ter — a teoria é velha — casa, comida e roupa lavada. Os gulosos têm geralmente mais de uma casa, comem no restaurante e andam sempre com o colarinho cebento. Quem sabe se lá no Méier o bar «Imparcial» nos dará de novo aquê frango com talharim? Seria bom, que seguissemos de novo, eu, você, Paulo Roberto, Braguinha e Paulo Neto, como colegas, como moço que éramos. Seguiríamos para esquecer, ficar mais longe dessa podridão terrível que campeia esta zona daqui e mesmo que o «chopp» não fôsse o mesmo e o prato de meu gosto, mentiríamos a nós mesmos, essa mentira que não faz mal, de sermos outra vez juntos e mais e mais separados dêsses ilustres calhordas que para ganhar o pão se vestem até de baiana no Carnaval. Escreva-me meu grande Almirante e aqui fica êste sempre seu do peito Fernando Lobo.



RIBEIRO MARTINS E CINCO ANOS DE SUCESSO

♦ Foi no Fluminense Futebol Clube a festa de aniversário do programa «Desfiles Bangu». Há cinco anos que Ribeiro Martins vem fazendo êste programa na Nacional irradiando não só do Rio de Janeiro aquêles desfiles, bem como de todos os Estados do Brasil. O «boa praça», como o chamam os de rádio, recebeu na sua emissora um troféu pelo seu trabalho. Ribeiro Martins é dos homens que mais temem andar de avião e sua profissão exige que o faça quase tôdas as semanas. Um abraço.

QUATRO POSES SÃO NOTÍCIAS



♦ SILVIA TELES, uma das mais novas e uma das mais bonitas vozes que o rádio ganhou. Estêve na Mayrink, está agora fazendo um programa ao lado do marido Candinho na TV Rio. Silvinha espera a cegonha tôda.



♦ ROBERTO FAISSAL, o galã de mil e uma novelas, produz também vários programas para a Rádio Nacional. Um dos seus programas de mais sucesso que êle assina é «Música e Beleza».



♦ ADELAIDE CHIOZZO, uma das mais queridas estrêlas do rádio brasileiro, acabou de ser eleita pela revista «Radiolândia» a «Mãe Radialista de 1956». Aqui está ela ao lado dessa beleza de menina que tem nome bonito: Cristina Maria.



♦ ADEMILDE FONSECA, eleita pelo Brasil todo como a «rainha do chorinho». Tudo dito na voz ganha um tom de brejeirice sempre nova. Ademilde, que é da Odeon, vem aí com um LP. que só Aloísio de Oliveira sabe fazer.



Quando Carlos Lombardi estreou na Rádio Splendid de Buenos Aires estiveram presentes os maiores do tango: Fresedo, Donato, Firpo, Rivero, Tanturi e outros.

UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES

CARLOS LOMBARDI CANTA TANGOS

♦ O tango teve o seu prestígio enorme nesta terra, noutros tempos. Depois, por ter o bolero chegado, ou o samba tomado mais forma, o tango foi quase esquecido. Mas não deixou jamais de ter seus adeptos enormes e São Paulo sempre manteve a sua fiel admiração à música portenha. Quem desta terra que não bateu palmas à voz de Carlos e não chorou sentidamente a sua morte? Todos. De repente o tango ressurgiu e nessa hora presente tornou-se de tal maneira preferido do público brasileiro que já há compositores novos que a ele se dedicam. Em São Paulo nasceu um cantor brasileiro que se dedicou unicamente ao gênero da música argentina e ganhando de saída o prestígio que merecia, mal sabia que também na Argentina seu nome se projetava. Este jovem é Carlos Lombardi, que recentemente indo à terra de Gardel, recebeu lá os mais vivos e mais sinceros aplausos. As fotografias que ilustram essas páginas, são documentos do sucesso de Carlos Lombardi em Buenos Aires.



Este que está batendo «tim-tim» com Carlos Lombardi é considerado o mais famoso cantor de tangos da Argentina. O seu nome: Edmundo Rivero. A direita: Carlos Lombardi ao lado do Cônsul do Brasil e pelo seu carinho artístico o maestro Francisco Canaro. Um sucesso a presença de Lombardi.

10 MOTIVOS PARA SAIR-SE DE CASA À NOITE

- 1 — Edith Piaf, no Copacabana.
- 2 — Elizete Cardoso, no Club 36.
- 3 — "TV-Para Crer", no Jardel.
- 4 — Dolores Durand, no Bacará.
- 5 — Coquetéis de Aristides, no Sacha's.
- 6 — Frigideira de Siris, no Cabeça Chata.
- 7 — Waldyr Calmon e s/conjunto, na Arpège.
- 8 — Haydée Miranda, no Jirau.
- 9 — Tito Madi, no Little Club.
- 10 — Elizabeth Gasper, na Night and Day...

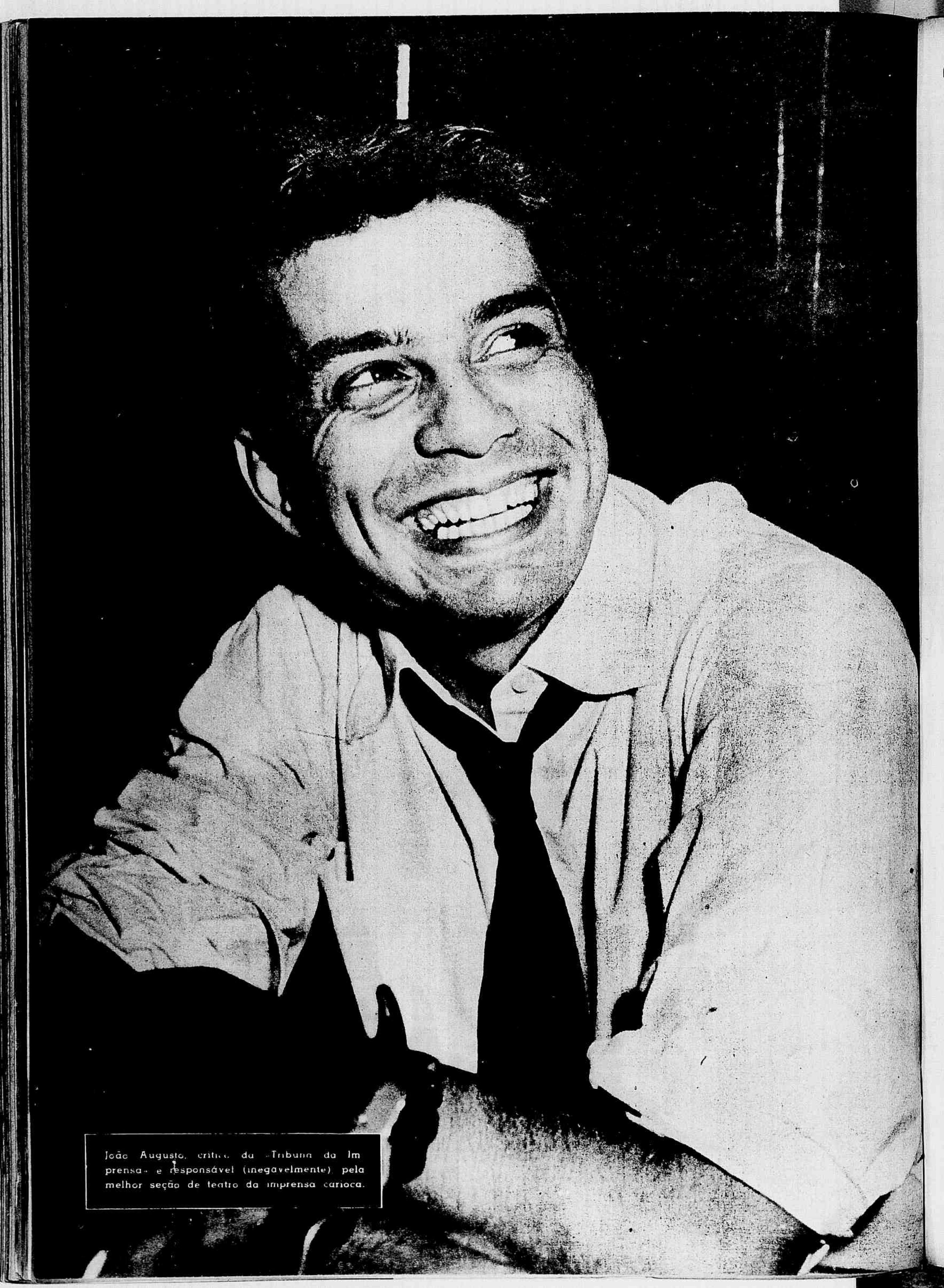
● EM MATERIA DE DISCOS

A "Columbia" nos manda comprar:

- A PERFECT LOVE — Jo Stafford com Paul Weston.
- ON LONDON BRIDGE — UNWANTED HEART — Eileen Rodgers com Ray Conniff.
- WE ALL NEED LOVE — Percy Faith.
- QUE SERA, SERA — Jacqueline François.

● CAIXINHA

Tôdas as cartas recebidas solicitando fotografias dos artistas de rádio já foram providenciadas. Sugerimos aos nossos leitores que peçam «um retrato de cada vez» e não enviem listas, pois isso dificulta bastante a nossa caixinha. Escrevam e recebam fotos gratuitamente.



João Augusto, crítico da «Tribuna da Imprensa» e responsável (inegavelmente) pela melhor seção de teatro da imprensa carioca.

"COMÉRCIO", "COLEGUISMO" E "AMIZADE" PREJUDICANDO O TEATRO BRASILEIRO

ENTREVISTA SÉRIA (E SERENA) DE JOÃO AUGUSTO, CRÍTICO DE TEATRO DA "TRIBUNA DA IMPRENSA" ★ UM CRÍTICO QUE SE RECUSA A MENTIR, QUE LUTA PARA NÃO ADERIR AOS "SLOGANS" DA MAIORIA

Reportagem de PAULO FRANCIS

Fotos de VITO VASCONCELOS

● Há praticamente ano e meio, João Augusto assumiu a crítica de teatro em «A Tribuna da Imprensa». Não desperdiçou espaço para obter resultados. João Augusto é o primeiro, em seu campo, a opinar sobre a matéria que divulga. Os demais, com uma ou duas exceções, apegam-se à distinção, já obsoleta em alguns países, há trinta e quatro anos, entre crítico e noticiário. Isto para estímulo do teatro e informação do público. Damos exemplo: «Ê Fogo na Bica», cuja frequência se resume aos namorados das coristas, vai anunciado por críticos que condenaram o espetáculo, como «divertindo multidões». Assim, o leitor, caso se deixe guiar pelo noticiário, enterra Cr\$ 150,00 na bilheteria. Poderíamos calar, aqui, e já estaria explicado porque «A Tribuna da Imprensa» é o jornal do teatro do Rio.

△

O Público se beneficia da coluna de João Augusto. A classe teatral toma conhecimento do que se passa consigo própria. Falamos ainda de noticiário. João Augusto antecipa-se, quase sempre, aos jornais com

que compete, na divulgação do movimento de bastidores. Não são raros os casos de atores virem a saber, através dele, os papéis que desempenharão em espetáculos ainda em planejamento. Isto tudo vem a nós em estilo que nada tem em comum com os clichês de vocabulário da profissão. Nada de «consagrada atriz» e de «interessante autor» para João Augusto. Ele transfere para o jornalismo os elementos de humor e de auto-crítica que lhe caracterizam a personalidade. Antes de ser profissional, João Augusto é pessoa civilizada.

△

João Augusto sofre ataques como crítico. Os motivos podem ser deduzidos da entrevista que ele nos concedeu. Os detratores de João Augusto: são eles os mercadores de pornografia do teatro revista, cujo porta-estandarte se chama Geysa Boscoli, e os vendilhões da crítica, capitaneados por Ney («Tiago») Machado. Ambos representam a mentalidade mumificada e comercial, a que se deve a estagnação do teatro, no Rio.

I — Que atitude deve assumir o crítico local em face de peças, espetáculos e público?

— O teatro entre nós está, no mínimo, com 50 anos de atraso, em relação às outras artes. Intelectualmente o meio teatral não existe. Artisticamente é ridículo. Os que pensam o contrário ou estão enganados ou estão enganando. Além de ter «ficado para trás», no último lugar entre as artes, o teatro, como não podia deixar de ser, é um reflexo das nossas condições, da nossa realidade, em última análise: da vergonha política em que temos vivido. Só há uma atitude possível — a de se recuperar, urgentemente, a autoridade e o sentido do teatro. Um «1922». Ação e Reação. O crítico não só deve reagir (esclarecendo e fiscalizando) como completar pela crítica a própria função de fazer teatro. Não é o que vemos na maioria. O que mais nos preocupa é pensar que há, cada vez mais, gente pensando que teatro é isso que a maioria louva e apregoa, defende e prestigia.

II — A Associação Brasileira de Críticos Teatrais cumpre sua missão?

— Absolutamente. A ABCT não serve ao teatro — se serve dele, para ter expressão política. Atualmente faz concessões a certos críticos para sobreviver. Esses críticos preferem tentar modificar uma mentalidade a participar de um movimento de renovação. Até que tirem a ABCT do

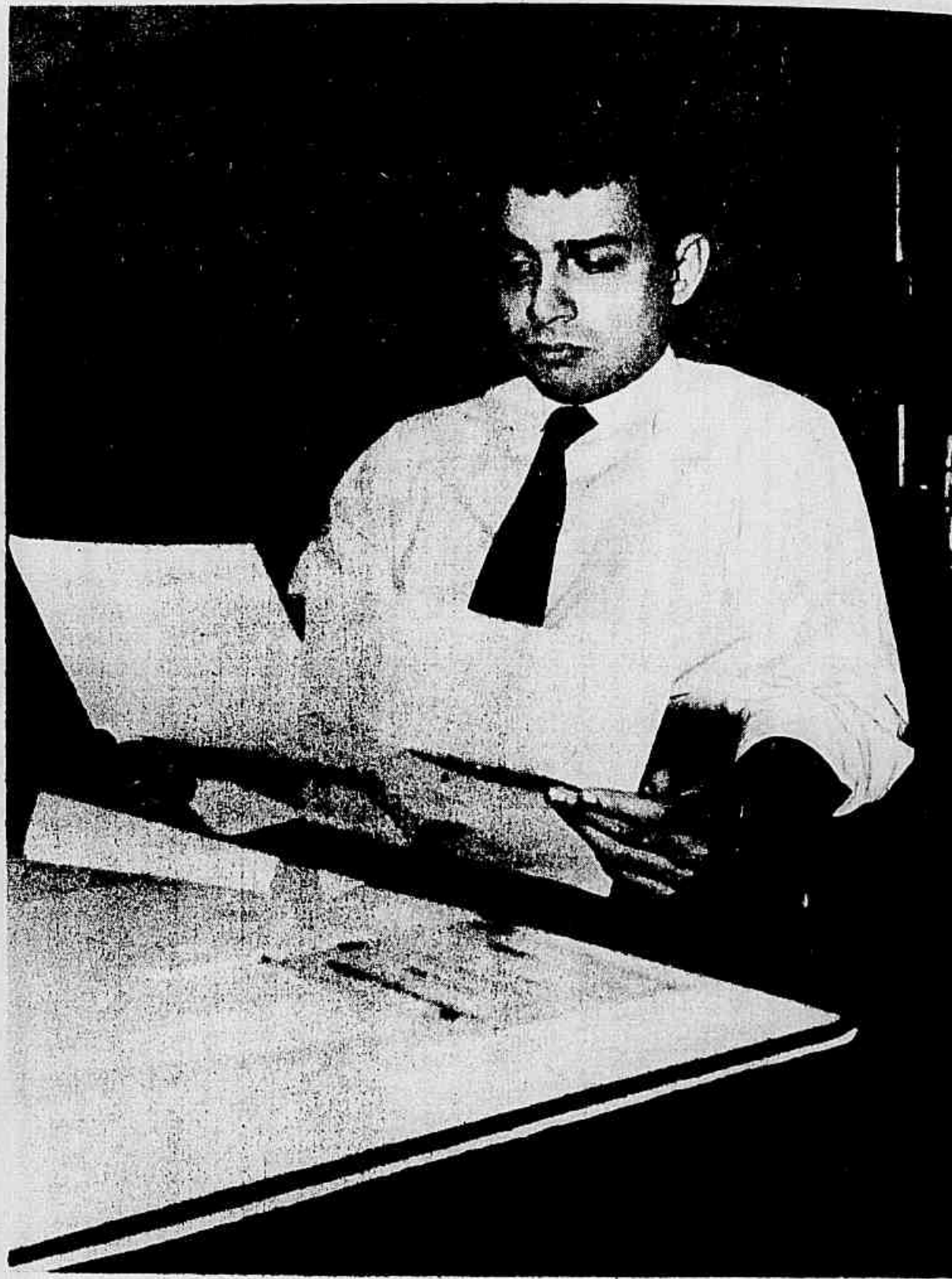
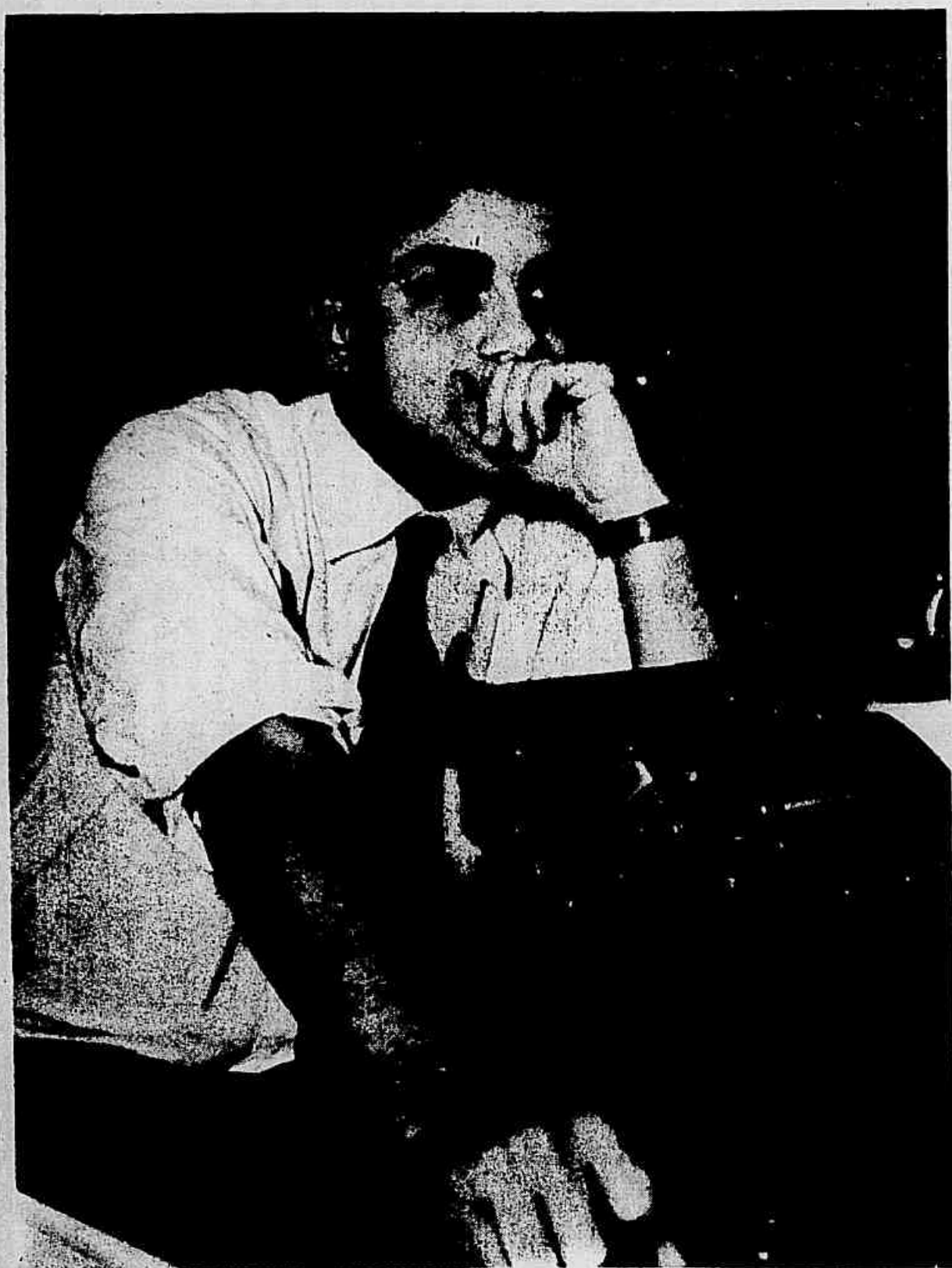
gagaísmo e da inexpressividade em que vive, esses críticos ou terão barbas brancas ou estarão às portas de um enfarto.

III — Que acha do crítico-publicista?

— O crítico-publicista pertence à 5ª classe dos críticos em todos os grandes jornais do mundo, que os empregam e tiram partido deles. São em última análise: colonistas. Empregados que demoram mais na contabilidade do que nas redações dos jornais. Entre nós, essa escória, se arvora em elite. Antes de serem caso de polícia, são caso de escola pública ou de Instituto Pestalozzi. Há, entre eles, os que defendem a teoria de que o crítico não deve conhecer a peça a que vai assistir para «sofrer o mesmo impacto que o público». Em duas horas opinam, levianamente, sobre um trabalho de meses. Há os que não sabem ler nem escrever, os que confundem, por exemplo, «thriller» com «trailer». Quando, na «oposição», nos defrontamos com um deles respondendo pela «maioria», nos sentimos muito Otávio Mangabeira diante de uma Ivete Vargas.

IV — Quais seriam suas sugestões para melhorar o panorama crítico?

— A crítica, entre nós, é lida, primeiro pelos atores, depois pelo público. A maioria dos nossos atores não se interessa por quem é julgada, quer



«A Associação Brasileira de Críticos Teatrais não serve ao teatro. SE serve dele para ter expressão política. Atualmente faz concessões a certos críticos para sobreviver». «O crítico publicista, antes de ser um caso de polícia é um caso de escola pública. E muitos deles ainda se arvoram em elite.»

elogios. O crítico não é aquele que pode contribuir para seu trabalho. Não é um amigo. É aquele que elogia ou «arrasa». A mentalidade é essa. O público, menos avisado, acredita no que lê. Há um verso de Ezra Pound que se presta para ilustrar, muito bem, a situação da maioria da crítica em relação ao público: «Dar! Que lhes foi dado? Cera. Veneno e cera para os ouvidos». Uma das regras de qualquer jogo é não deixar-se enganar: ganhar regulamentadamente. Enganam-nos regulamentadamente. A permissão para esse «complot» se chama — para os empresários «comércio», para os críticos «coleguismo»; para os atores «amizade». Por «comércio», «coleguismo» e «amizade» querem obrigar-nos a calar a boca, passar por cima, a ser «bons moços», a tirar vantagem, a ser prestigiado e reconhecido. O fundamental para vencer tudo isso é — «se acreditamos no que somos, no que queremos: não nos mentirmos, sermos sinceros à nossa custa».

V — Existe uma ala-nova e uma ala-velha na crítica?

— A divisão das águas está bem clara hoje em dia: de um lado há novos-velhos e velhos imaturos. De outro velhos-novos e novos amadurecidos. Infelizmente a crítica que se pode considerar, a que «pesa», é feita em estilo sorna e estafado. Ou não têm sangue ou estão todos cansados de glória. Há os que descobrem a pólvora dizendo que o teatro brasileiro «cresce apesar de tudo». E daí? Crescer é uma consequência, desde que se viva. Cresce-se de qualquer jeito. Catajastes, retardados e delinquentes crescem, em todos os sentidos, todos os dias. O que interessa é orientação e assistência para se EXISTIR.

VI — A obrigatoriedade do autor nacional. Qual a companhia realmente atingida pela lei?

— Num país como o nosso, onde campeia o analfabetismo, um dos propósitos do governo deveria ser educá-lo: propiciar e estimular a parte cultural que lhe falta. O decreto-caranguejo restringe o repertório estrangeiro na esperança ingênua, e no falso nacionalismo, de que favore-

cerá o aparecimento de AUTORES nacionais. Tira é o estímulo que devia haver para o autor que começa, sem competidor que tenha um nível cultural superior. Não há autores estrangeiros para um verdadeiro autor. Há peças, situações, idéias, sugestões, desenvolvimentos, diálogos, exemplos, situações que lhes servem e ajudam, que lhes são úteis. O governo com esse «caranguejo» tira os professores das escolas: alunos ensinam os alunos — e viva o Brasil! Isso para falar do problema «autor». Não vamos abordar o golpe que essa lei é para as companhias particulares, para a iniciativa própria. Esse verde-amarelismo de agora encobre as verdadeiras intenções dos autores da lei, que visaram apenas o TBC.

VII — Que acha do mercado de pornografia do teatro revista?

— Um sintoma de teatro declamado. Uma espécie de Raio-X. O que existe é a receita usada e abusada. A pornografia é o mólho que encobre deficiências maiores. Por exemplo: musicalmente não existe teatro musicalizado — as orquestrações na Praça são exercícios que seriam recusados, mesmo no Instituto de Música. Não há um Sinhô, um Custódio Mesquita, um Henrique Vogeler na revista, como antigamente. O Rádio impera com sua vulgaridade. Coreografia, texto, cenários, equipe, «girls» é tudo humilhante. Há apenas alguns bons atores do gênero. Quando contratarem um diretor, um Haroldo Barbosa, um Millor Fernandes, um Sérgio Porto; quando descobrirem um coreógrafo (até hoje só vimos um Ismael Guiser) — estaremos começando alguma coisa.

VIII — Quais as companhias que constituem uma força cultural positiva?

— Nenhuma. Todos vivem com o problema «comércio» para ser resolvido. O TBC é a única que procura equilibrar a situação, assim mesmo, hoje em dia, sem muita consciência. As outras refletem a confusão sentimental, e intelectual em que vivem. O Tablado começou bem; se resente, atualmente, de continuidade. O Teatro de Arena em São Paulo é ainda o movimento mais promissor (apesar de comédias como a que encena, no momento).

TEATRO BRASILEIRO

IX — Que acha do elemento estrangeiro em nosso teatro?

— É necessário e imprescindível, com todos os problemas que cria. Evidentemente alguns ou são aventureiros que querem «lazer a América», ou têm pouco para dar. Mas com o tempo, em muito menos tempo que pensam, eles mesmos se desmascaram. Um Gianni Ratto, entretanto, honra qualquer teatro em que esteja. O problema é nosso e devemos encarar-lo com estudo, cuidado e superioridade. É saber separar o joio do trigo.

X — E as «Escolas», o Teatro Amador?

— As escolas e academias estão fazendo desaparecer o movimento amadorístico entre nós. O princípio é certo: é necessário haver escolas. Mas — ESCOLAS. Parece-nos uma questão de «saber educar». A escola, reconhecida, entre nós, age como o pai que, força e desrespeita a personalidade do filho e quer que ele seja uma continuação sua. Elimina a personalidade dos alunos e subordina, à sua maneira, seus sentimentos íntimos. Apaga a sensibilidade do ator e nivela todos os temperamentos. Vive dos métodos rotineiros e convencionais. Se em cada uma das que existem entre nós encontrarmos dois professores autênticos, dignos, capazes — encontraremos muito.

XI — Qual a idade mental do público de «TV-Para Crer», «É fogo na boca», «Rumo à Brasília», «Mulher de Verdade», «A vida não é nossa», «Chuveiro», «Infidelidades em petit-comité» e «Loucuras de Mamãe»?

— Três a cinco anos, se a tanto chegar. Alguns só mesmo para retardados. Escapam apenas «TV-Para Crer», que tem um ou outro quadro inteligente, adulto, e «As loucuras de mamãe», pela produção.

XII — Existe algum espetáculo para adultos, em cartaz?

— «Gata num telhado quente de zinco» tem até palavrão.

XIII — E o Teatro Brasileiro de Comédia?

— Atravessa uma crise que muito nos preocupa, resultado de sua desorganização interna, de seu crescimento e da política de bastidores e falta de visão de seu diretor-fundador. O TBC, que sempre foi um teatro de «novos ricos», afastado do povo e servindo a uma elite sofisticada e quarententona — ressentida agora da saída de Adolfo Celi — seu organizador. Está entregue ao Deus dará. E à uma desenfreada sede de bilheteria. Não é à-toa que vão montar a peça de Abílio Pereira de Almeida. Perderam a única pessoa que poderia dirigi-lo, depois da saída de Celi, o sr. Gianni Ratto. A culpa? Bem — isso não interessa ainda. Fica para mais tarde.

XIV — Qual seria sua profissão de fé como crítico?

— Em relação à crítica o que me interessa não é provocar a adesão do público para um espetáculo positivo, mas sua não-compactação com um espetáculo negativo. Para mim é mais importante dizer: «Não vá ali», do que «Aqui vale a pena». A crítica deve orientar e preservar o público, tratá-lo como a uma pessoa: conquistar sua confiança, não mentir-lhe. Se for preciso enganar o leitor para que a bilheteria de certos teatros funcione é preferível falar a verdade e que elas vivam às moscas. Quem não combate o mal, ordena que se o pratique. Quem não o vê é incapaz. Quem não quer vê-lo é desonesto. Fazer crítica, tecer comentários, publicar notícias, deve ser, diariamente, não uma maçada ou uma obrigação, um meio de vida — mas uma demonstração de amor, um ato de fé, de criação. O que interessa não é a gente — é o que fica da gente. Nós não temos importância, absolutamente, nenhuma. O que fazemos pode ou não valer alguma coisa. Devemos pensar que vale. E lutar por isso.

XV — O assunto mais importante de nosso teatro: o autor nacional visto sem pseudo-nacionalismo.

— A solução para um teatro «nacional» é um Abbey Theatre entre nós. Só os esforços de um grupo idealista, disposto a não escrever para o sentimentalismo borato de que se alimenta o público corrompido pelo teatro comercial; só um grupo que saiba o que quer e o que está fazendo, que procure na pesquisa e no trabalho, nas fontes, no material extraordinário que temos e que se propenha à tarefa de recriar nossos costumes, nosso ambiente e nossa gente, cujo lema seria: «o que interessa, antes de tudo, é escrever assunto brasileiro». Só um grupo capaz de vencer nossas pobres condições políticas e sociais, e desenvolver uma atividade teatral brilhante, como foi a de Synge, Moore, Martyn, Lady Gregory, Yeats e Sean O'Casey, em Dublin; só um grupo assim poderá resolver o problema «nacional». Isto, individualmente, começa a ser feito por alguns escritores anti-caranguejos. O difícil é reuni-los, dar-lhes esse propósito. Vão dizer, todos, que seria «encomenda».

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE
DE SEU FILHO

REVISTA DA SEMANA

8 Cruzeiros

Em todo o Brasil

Loção
XAMBÚ
DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO



A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BEL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON»

Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

Há quasi
UM SÉCULO
MILHARES DE HOMENS
EM TODO O BRASIL
PREFEREM ESTE
CALÇADO

Calçado SOUTO



UMA
TRADIÇÃO
DE
ELEGÂNCIA
E
QUALIDADE

“Mil” lhe oferece:

**PORTA MALAS
SUPER LUXO
CROMADOS-PINTADOS**

REMOVIVEL - COLOCAÇÃO FACIL

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO



CUIDADOS PARTICULARES PARA CONSEGUIR A BELEZA

• Os franceses dizem que uma mulher é "soignée" quando a mesma é agradável, atraente e harmônica. A beleza não é um todo compacto, mas consiste em numerosos pequenos elementos, que somados criam o complexo estético que deslumbra os olhos. A negligência de um detalhe pode quebrar a formosura do conjunto. Por isso, as mulheres devem cuidar-se o máximo.



O colo deve ser branco e macio. Ao menos uma vez por semana, cremes e massagens devem ser aplicados, partindo do centro na direção do busto e vice-versa



As massagens no pescoço devem ser diárias. Podem ser aplicadas em dois sentidos: de cima para baixo e vice-versa. Isto torna o pescoço mais redondo e macio



Para a nutrição da pele do pescoço que, em virtude de massagens mal aplicadas, se enche de vincos, aconselha-se o emprego de uma espátula de matéria plástica



O mesmo sistema deve ser usado para os cuidados dos braços, cuja pele, em 90% dos casos, não absorve o creme. Os braços são de grande importância

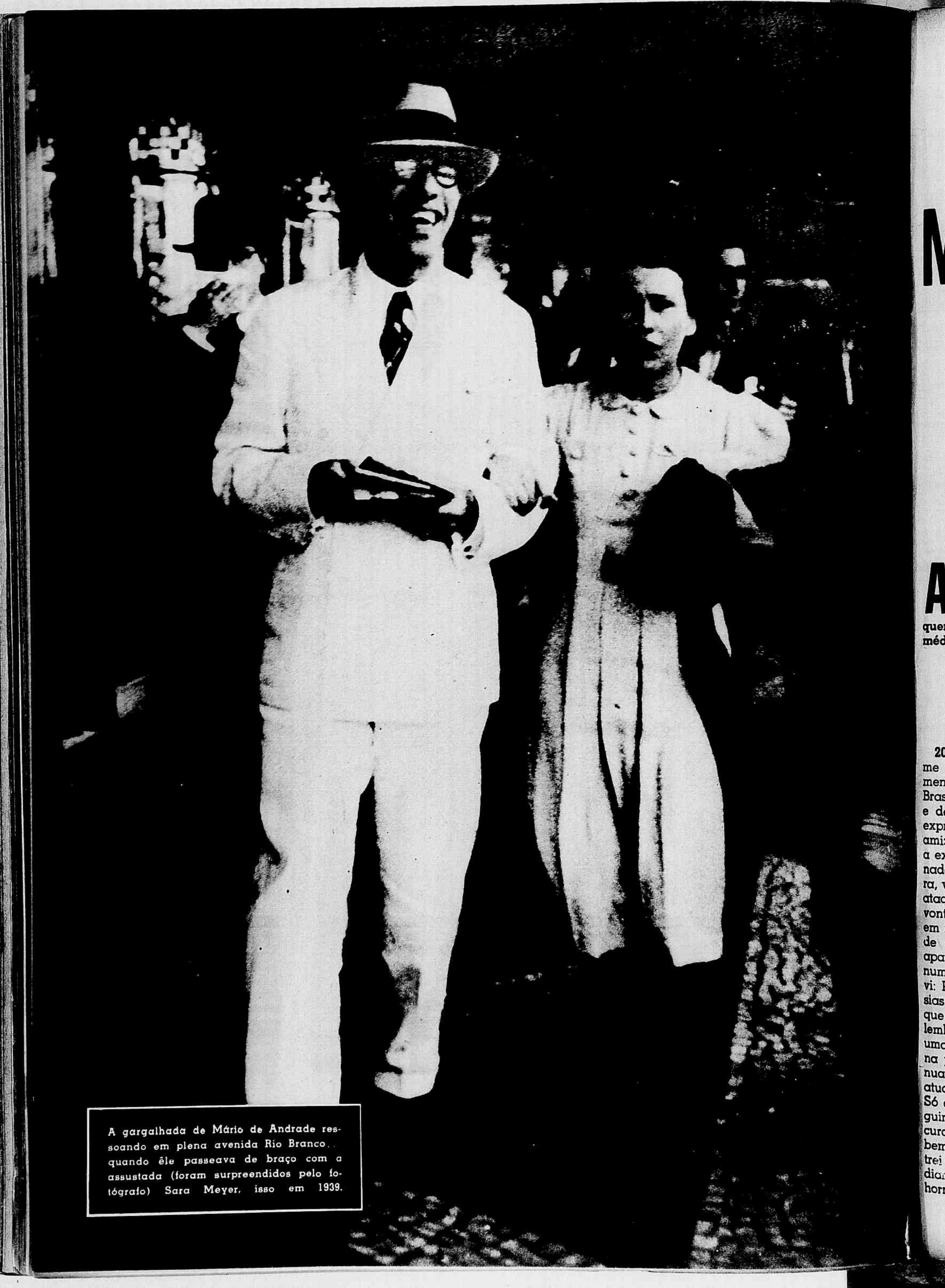


As pontas dos dedos são vulneráveis ao fumo dos cigarros, e se estragam facilmente por força dos trabalhos domésticos e das ocupações manuais. A fim de evitar esse inconveniente, e conservar a beleza das mãos, deve-se adotar o sistema de friccionar as unhas e a ponta dos dedos com um movimento circular e rotatório acompanhado de um limão partido ao meio



Um olho inflamado ou irritado é desagradável. Caso os olhos amanheçam vermelhos, devemos banhá-los com colírio comum, ou com simples água fervida

A moda aconselha traçar uma linha escura ao longo da pálpebra superior, prolongando-a bem de leve para o lado. Esse cuidado embeleza e fortalece os cílios



A gargalhada de Mário de Andrade ressoando em plena avenida Rio Branco, quando ele passeava de braço com a assustada (foram surpreendidos pelo fotógrafo) Sara Meyer, isso em 1939.

ENCONTRO COM MÁRIO DE ANDRADE... VIVO!

CONVERSA DOCUMENTADA E ASSINADA POR MÁRIO DE ANDRADE, CONTANDO COISAS, CRITICANDO E CRITICANDO-SE ★ DEZ ANOS DE LUTAS...

Por AUGUSTO SOUZA MEYER

A BRINDO o gavetão meio arquivo, meio cemitério, encontrei Mário de Andrade, digo, sua gargalhada primeiro, em plena avenida Rio Branco, vivíssimo... Duvidam? Pois logo abaixo apareceu mesmo, foi falando. Estranhe quem quiser, que eu estranhei um pouco, nem pensem que sou médium, mas é um fato e o repórter jura em cruz que Mário

de Andrade está vivo. Para os leitores não mais duvidarem, segue a conversa documentada e assinada do próprio punho do poeta, um grande bateador de papos, tão grande mesmo, que este durou muitos anos seguidos, com Augusto Meyer, tanto que fomos obrigados a citar trechos somente, na ordem cronológica, num esforço considerável de reportagem.

«PAULICÉIA DESVAIRADA»

20.5.1928... Começou falando em... "quê que hei de fazer, me explico esparramadamente: minha formação foi inteiramente francesa, por assim dizer. Depois foi parnasiana do Brasil, continuou desnacionalizada. Me enjoei dessas coisas e de Bilac e Cia... Desde 1915, Anita Malfatti, modernista, expressionista germânica na obra, e eu, ficamos amigos. Essa amizade conto como importantíssima na minha formação. Fêz a exposição dela que toda a gente arrenegou e fiquei apaixonado sem saber direito porquê. Bem, Brasil entrando na guerra, vai, escrevo uns versos já meio livres e publico. 1917. Muito ataque, uns elogiozinhos bêstas é o enjão provocando mais vontade de fazer coisa nova. Não saiu nada seis meses. Luta em família por causa de minhas idéias e jeitos, falta medonha de dinheiro, enjão fatigado das literaturas, de sopetão me apareceu na idéia a frase: "paulicéia desvairada". Peguei num livro em branco já com umas escrituras ensaiantes, escrevi: Paulicéia desvairada e principiei escrevendo frases e poesias num estado, palavra, que quando recordo êle, me parece que o desvairado era mesmo eu. Escrevi feito maluco não me lembro quantos dias, uns seis. Escrevendo um poema, me vinha uma idéia pra outro poema já escrito, eu passava um risco na página, escrevia a tal idéia, passava outro risco e continuava no poema, assim. Acabado o livro, dava uns três de atual! Era enorme e nunca jamais não vi tanta besteira junta. Só o Noturno que está na Paulicéia, foi escrito no janeiro seguinte. Influência de uma noite pasmosa de ardor sexual, procurando uma mulherzinha no bairro do Cambuci. Agora veja bem como o meu destino se orientou. Escrevi Paulicéia e mostrei pros amigos. Gostaram. Nem podia deixar de ser assim diante da ebulição e do elogio mútuo em que vivíamos. Ficava horrorizado com o escândalo que ia de certo causar. E causou

de fato. Mas percebi a necessidade de publicação do livro diante da hesitação dos outros em seguirem o caminho por causa do medo. Friamente, publiquei. Tomei uma feição abridora de caminho que me satisfez enormemente. Percebi uma coisa que em geral a gente não percebe bem: meu destino. Sou um indivíduo egoísta. Posso confessar isto porque o meu egoísmo é engraçado: sou egoísta pelo que dou pros outros e desprendido como ninguém, isso juro. Tanto mais que um livro maluco daqueles tornava aceitáveis as tendências novas quando apareciam moderadas pelos outros. E eu sou um danado dum sujeito feliz. Se forcei a nota de linguagem brasileiro, forcei de propósito. Sabia também isto irritava (melhor sistema de marcar) e chamava a atenção. Chamei ou não? Libertei ou não? O Amor tinha sido como tema abandonado pelos modernistas. Publiquei conscientemente o Losango Cáqui. Repare como depois dêle a mulher gostada e gozada reentrou na temática do modernismo brasileiro. Arte, Augusto, agora Macunaíma pra você. Esse sim, é uma coisa tremenda... Não sei, mas esse livro está virando uma verdadeira obsessão pra mim. Tem momentos em que acho êle horrível. Tem momentos em que acho muito bom. Uma coisa me parece certo: é que êle não é a aparência de pândega que tem. Se foi escrito brincando, ou melhor, divertidamente, por causa da graça que eu achara de um herói ameríndio tão sem caráter, além do incaracterístico físico duma raça inda em formação, a releitura do livro me principiou doendo fundo em seguida. Hoje êle me parece uma sátira perversa. Por outro lado não tive intenção de fazer Macunaíma um símbolo do Brasileiro. Mas se êle não é o Brasileiro ninguém não poderá negar que êle é um Brasileiro e bem Brasileiro por sinal...."

ANTROPÓFAGOS

5.4.1929... Sem dar a menor satisfação, Mário de Andrade passou para... "Inda por cima encontrei a literatura e as artes em plena m... por aqui. Osvaldo de Andrade intrigante, danado comigo porque eu não quero ser da escola antropófaga que ele inventou, e trabalhando para me destruir. Tudo em São Paulo agora são grupinhos modernistas se batalhando, se intrigando, direitinho como o Rio. Vivo enjoado e triste

(sem ataidices também). A Briga neo-católico-antropofagia resultou em nada. Aliás seria ridículo que pessoas como Tristão, estudiosos e sabentes de verdade, andarem discutindo com o pessoal antropofágico, que lê metade dos livros e não sabe nada. Estou zangado com o ambiente geral da literatura moderna, liberdade nenhuma e intrigalhada bêsta, vôte!..."

REVOLUÇÃO

5.9.1930... E meio zangado continuou já agora em plena revolução... "Deus te ouça companheiro. O descalabro moral a que atingiu isso que faz o Brasil como organização humana, é inconcebível. Tem momentos agora que me vem uma pergunta infame: Pelo quê a gente trabalha? Palavra que sinto desejo de fazer como Manuel Bandeira, como Drumond, fazer isso, ir-me embora pra pasárgada... E vai, escrevo antes censurando isso mesmo do que fazendo o que desejo... Mas pelo que eu trabalho! Este monstro de hipocrisia que afinal sou eu, contando o que imagina útil, fazendo o que imagina útil, se sacrificando em si, pelo quê? Por uma coisa que afinal das contas é o Washington Luiz, é o Júlio Prestes, é a defesa

do café e outras misérias humanas e nacionais, é horrível. Revolução? Besteira! Revolução que não educa ninguém e sacrifica gente do povo, acovardados seres do povo, descaracterizados porque a república só tem cuidado em desmoralizar o ser do povo e só nisso foi eficaz, é horrível. Não sou anarquista não, não sou nada! No fundo o que eu sou mas é mesmo um livre e ingênuo poeta, no sentido mais virginal, mais anti-social da palavra. No fundo eu sou tudo o que sacrifiquei em mim. E agora é tarde pra recomeçar. Não penso e sigo pra diante. Minha esperança é também o "tudo vai mudar", que um dia, seja de que jeito fôr há de vir mesmo....."

AINDA REVOLUÇÃO

18.7.1931... Meio melancólico passou para..... "Como talvez você saiba, pra índole paulista que transformou o bandeirismo aventureiro em comercialismo aventureiro, a Revolução foi uma desilusão amarga. De guerra nada fizeram os paulistas e nada podiam fazer, com o trono do P. R. P. aqui, e nós, os capazes de guerra por ainda aventureiros de briga, amordaçados de início, como meu mano que foi prêso no primeiro dia de revolução, e guardava munições, escondia Siquei-

ra Campos e outras coisas perigosíssimas aqui. Mas veio o resultado infame pra nós, da revolução. Interventor tudo ignorando de nós e a implantação de estranhos em centenas dos empregos públicos paulistas. Fiz e não me arrependo, campanha paulistanista, pra levantar um brio abatido. Mas recusei entrar na Liga de Defesa Paulista porque cheirava a separatismo....."

DEPARTAMENTO DE CULTURA: ENTUSIASMO

6.9.1935..... Mário de Andrade chateou-se do tempo das revoluções e entusiasmado passou para alguns anos de trabalho intenso..... "Sem que houvesse pedido meu de espécie alguma fui surpreendido com o convite pra ocupar um lugar altíssimo na municipalidade, e resolvi aceitar. Sou agora Diretor do Departamento de Cultura e Recreação. Dirijo o diabo, teatros, uma rádio-escola, uma discoteca pública, as diversas bibliotecas municipais, parques infantis, campos esportivos populares, arquivo histórico do Município e sua revista e uma seção de pesquisas sociais pra levantamento de

nível da população. Você bem pode imaginar a minha vida desde a criação do departamento. Mas já achei jeito de criar uma biblioteca circulante, uma biblioteca proletária, pôr em ordem o Teatro Municipal, que estava em pandarecos, criar a Discoteca Municipal, um Museu de Instrumentos Populares, fixação de mais dois parques infantis, reiniciar a publicação dos documentos históricos do Arquivo, uma sociedade de Sociologia e uma sociedade de Filologia. Um ano assim e arreberto....."

DEPARTAMENTO DE CULTURA: RAIVA E DESILUSÃO

26.5.1938..... mas não arreberto. Agüentou três anos, terminando com uma bruta raiva..... "fui substituído no pôsto de diretor. Mas o que me abateu muito foi o nenhum respeito pela minha integridade e honestidade. Fui o único diretor mudado no mesmo dia. Esses filhos da p... estavam com sanha. O Dep. era um covil de safados onde se faziam tôdas as roubalheiras e canalhices. Precisavam impedir arranjinhas de papéis e disfarces possíveis. Mudaram no mesmo

dia o diretor. Não acharam nenhum desvio de dinheiros, nenhuma canalhice. Sim, mas nada disso me tira o engasgo em que vou me morrendo na mais desvirilizada das pasmaceiras. Estou um deserto, imensamente estagnado por dentro. Mas isso passa....."

... e Mário de Andrade foi para o mais fundo do gavetão, bocejando.....

Rogé Ferreira, excelente deputado, revelou-se também um grande chefe de delegação. E pena que em 58 não possa ir à Suécia, pois tem que defender a reeleição, nas eleições de São Paulo.



**FOMOS À SUÍÇA PARA VENCER
E STÁBILE FOI QUEM LUCROU**

FOMOS À SUÍÇA PARA VENCER

O TÉCNICO ARGENTINO, NA COPA DO MUNDO DE 54, NÃO PASSAVA DE SIMPLES EXPECTADOR E ALUNO ★ DEFENDE O DEPUTADO ROGÊ FERREIRA, CHEFE DE NOSSA DELEGAÇÃO EM LIMA: «NUNCA ESTIVEMOS TÃO BEM NO SEGUNDO LUGAR!» ★ VAMOS REFORMAR O FUTEBOL BRASILEIRO? ★ ZIZINHO: NOTA 10... ★ SÉRIA ADVERTÊNCIA: PARA A SUÉCIA, MUITO FEIJÃO (PRÊTO PARA OS CARIOCAS, E MULATINHO PARA OS PAULISTAS)

Reportagem de LUIZ AMARAL

Foto "Tribuna da Imprensa"

FOMOS à Suíça, em 54, para ganhar um campeonato e quem acabou tirando os melhores proveitos da lição foi um expectador chamado Guilherme Stábile, da Associação de Futebol Argentina. — Quem nos fala é o deputado Rogê Ferreira, chefe da delegação da C. B. D., que esteve, há pouco, no Continental de Lima, Peru. Embora estranhando alguma coisa, em matéria de organização, ou mais por causa disso, observou bastante e terminou por concluir que não andamos como devíamos andar, não progredimos como podíamos progredir, não estamos vencendo, ainda, como merecíamos vencer. Mas, segue, taxativo: "— Nunca estivemos tão bem num segundo lugar, como desta vez em Lima. Porque, explico, a Argentina, de 10 sul-americanos oficiais de 30 para cá venceu 4. Dos outros 6, 2 não disputou — Rio, 49, e Lima, 53 — os outros 4 foram vencidos pelo Uruguai, Brasil, Peru, Paraguai. Nenhum conseguiu sequer 2. Isso é estatística. E a Argentina, desta feita, estava presente. E nós, não há por onde negar esta verdade, ainda não conseguimos nos ombrear com os portenhos em organização e eficiência conjunta. Vira e mexe, Angelillo ou Maschio estava cara a cara com Gilmar. Era a famosa tabelinha húngara, vista na Suíça. Precisamos aprender muito com os portenhos. Desde a forma de encarar o profissionalismo até à maneira altiva de um jogador entrar em campo, depois do rigoroso preparo psicológico a que se submete..." Passeia de lado para outro, sob os olhares curiosos e atentos do filho, Rogê Ferreira Júnior, e indica no caminhar a forma como entram em campo os argentinos (cabeça erguida) e como entram os nossos, fitando o chão, medindo o passo para pisar com o pé direito.

● **REFORMA QUE TODOS ESPERAM.** "— Há uma reforma que está a exigir imediata ação dos dirigentes dos esportes nacionais. Não sou eu quem diz, são todos, são todos aqueles que acompanham de perto, ou pelo noticiário de jornais e emissoras, os vaivéns de quadros representativos da Confederação Brasileira de Desportos, prossegue. Mas a reforma, é bom frisar, conquanto pareça, sendo de base, tem que começar de cima. Da maneira atual, está tudo errado. Do princípio ao fim. Antes de mais nada, a escolha primeira da CBD haveria de ser a do chefe da delegação. Aí, seriam indispensáveis determinados requisitos não só de conhecimento dos problemas esportivos, em seus mínimos detalhes, como, também, de trato com jogadores, paredros, etc. Em segundo lugar, um conselho técnico de, no máximo, três pessoas, perfeitamente entrosadas com a chefia. A seguir, o técnico. E, juntos, escolheriam os jogadores, com médico, massagista, roupeiro, auxiliares, enfim. Os elementos encarregados de dirigir acompanhariam os jogadores a todos os lugares por onde passassem, sentindo com eles os problemas mais íntimo de sua vida profissional diária. Não se separariam deles em momento algum, indo à Suécia, inclusive, a fim de aplicar no instante decisivo o conhecimento acumulado na fase de treinamento."

● **DESCENTRALIZAÇÃO DE RESPONSABILIDADES.** "— Desses cinco elementos de direção surgiriam as deliberações relacionadas com o quadro. Programa de treinamento, escolha do conjunto principal, do capitão, táticas e estratégias para dentro do campo. Não há que contestar: cinco cabeças encontrarão mais facilmente a solução procurada do que uma só — de um técnico, como até agora — para tantos problemas. Sobre esse aspecto, para atualizar um pouco a digressão, não

podemos nos perder em discussões a respeito da nacionalidade do técnico. Desde que esteja integrado em nosso ambiente esportivo e tenha prestado serviços, manter uma posição chauvinista seria uma deturpação do nacionalismo que devemos afirmar em outros setores da vida nacional, como o faço. Ser técnico nos dias que correm é muito difícil. De tal forma abarrotam o homem de encargo que, ao meio da jornada, a tensão nervosa, os acontecimentos inesperados, a vida de concentração transformam-no em vítima das circunstâncias. Ao contrário disso e a exemplo do que fazem outros centros mais adiantados, o preparador, depois de escolhido, em harmonia com os demais, seria realmente o encarregado da preparação física e técnica dos "scratchmen", oferecendo relatórios sobre o modo como conduzia os treinos e colocando em relação direta plantel e conselho técnico."

● **ESCOLA DE CAPITÃES.** "— Vi Obdulio Varela, vi Nestor Rossi, continua o conhecido parlamentar. Rossi é maior que Obdulio. Concordo que orientadores de renome despontem, ou tenham despontado do próprio seio dos quadros. Não se nega, entretanto, que, com um objetivo prefixado — como seja, de fazer um capitão, paulatinamente — se deixe, igualmente, de formar um grande condutor. Sou pelas escolas de capitães. No Brasil sempre tivemos aqueles jogadores cuja força moral aparece em meio às fortes e incompreendidas debacles para tirar o time do fracasso. Cito, assim de momento, o dr. Luiz Mesquita — Luizinho, o "gerente" da seleção de São Paulo e integrante do "scratch" brasileiro de 38. Era um verdadeiro capitão. Conhecia as leis do jogo, conhecia psicologia, reclamava nos instantes precisos, fazia, enfim, o que faz ainda hoje um Rossi e fez, aqui, no Maracanã, em 50, o comentado Obdulio Varela. Li que Zizinho não concordaria com tal missão, para não ser "tachado" de "mascarado" pelos mais novos. Isso, contudo, deve ser levado à conta de pergunta indiscreta, em ambiente de forma alguma recomendável à pronta frutificação da idéia. Com o tempo, acabaríamos vendo que um líder dentro de uma cancha tem muita importância, tanto quanto os líderes ou chefes ou gerentes de outros setores de atividade. Há os que orientam e os que precisam ser orientados, visando todos um único porto de salvação comum."

● **O JOGADOR DE SELECIONADO.** "— Quanto ao jogador de futebol, uns nascem, outros, já não, para selecionados. Sou de opinião que o praticante há de reunir qualidades que reputo indispensáveis para integrar equipes nacionais. São virtudes técnicas que o recomendam como sendo craque. Além destas, outras o caracterizam como tal e talhado para a seleção. Beline, por exemplo, me serve. Supera o que dele se espera, como diriam por aí. E por que? Pergunte-lhe, firme, se deseja jogar numa seleção. Garanto que a única resposta é que sim. Isto é essencial. O "player" que não tem disposição, não tem vontade, não tem o espírito de seleção, não possui, de outra parte, o poder de assimilação que só os voluntários e espontâneos apresentam. Desta turma que foi para Lima, quais os que servem? Muitos... Mas o escopo de agora é depor para o futuro. Nada mais que isso. Logo, o passado que seja tido como lição ensinada (e estudada, se quiser). Daqui para diante, sim, julgo que a perguntinha deve tornar-se obrigatória: "Você gosta ou não gosta de jogar no selecionado? Quer ou não quer?..." De sua resposta sairá o futuro defensor da camiseta nacional."

E STÁBIL E FOI QUEM LUCROU

● ZIZINHO, NOTA 10... — O que pude verificar nesta viagem a Lima seria material de sobra para uma longa exposição, cujo resumo estou preparando para ser entregue à CBD. Posso assegurar com firmeza a vocês da imprensa e ao público brasileiro que, lá, não houve "casos", de jeito algum. Muito inversamente, fiquei empolgado por vários motivos. Com o dr. Hilton Gosling, por exemplo, pela maneira como exerce a profissão junto ao plantel. É um grande profissional. O pessoal do conselho, boa gente, todos se saíram muito bem. E, entre os jogadores, não tenho por onde começar qualquer censura. O "irrequieto", o "mandão", o "arruaceiro" de outras vezes — era isso o que entendíamos pelos relatórios feitos, após aquela célebre viagem de volta da mesma cidade de Lima — o "indesejável" Zizinho daquela expedição de 53, teve conduta das mais exemplares, tendo as melhores referências de toda a delegação. Se me competisse dar notas de aplicação e comportamento aos jogadores que estiveram sob minha responsabilidade na capital peruana, o veterano jogador teria, indiscutivelmente, 10 com louvor."

● PAULISTISMO E CARIOQUISMO. — Muito me foi lembrado em conversa com amigos do esporte e da política, antes de aceitar a incumbência, acerca da rivalidade (doentia) existente de paulista para carioca e de carioca para paulista. Eu, que tinha surgido repentinamente na história da chefia — depois de várias guerras, para a escolha do técnico, para a escolha do plantel pelo Conselho Técnico e para aprovação do técnico aos nomes apontados pelo Conselho — poderia me sentir meio isolado de jogadores e dirigentes, a quem pouco conhecia. Não me senti assim, ainda que o clima mandasse nesse sentido. Entrei logo, uma semana com carnaval no meio, em entendimento com cada um e com todos, conseguindo, sincronizadamente, salvar o possível. Lá, em Huampani, fizemos questão de colocar misturados os do Rio e os de São Paulo. Um quarto para dois, com um de cada lugar. Os grupinhos de outras seleções não mais davam o ar (prejudicial) de sua graça. Tínhamos acabado com o regionalismo. Já havíamos dado um grande, um considerabilíssimo passo à frente. E, na derrota, ninguém culpava ninguém. Se algo rebentou por aqui como sendo forma de clubismo ou isolacionismo, acredito que tenha sido apenas no modo de aproveitar ou distribuir o noticiário. Os do Rio (repórteres e correspondentes), explorando mais Nilton Santos, Didi e Zizinho. E os de São Paulo, comentando mais assiduamente fatos relacionados com Djalma Santos, Gilmar ou Dino. O pormenor não chega a ser, todavia, sinal acusador de regionalismo. Nem de longe..."

● DOS FOTÓGRAFOS O PAPEL DESTACADO. — Não posso esquecer aqui, diz o deputado Rogê Ferreira, um acontecimento que me traz a mais grata recordação de como a gente procura se unir em país estranho, quando entra em jogo o nome esportivo do Brasil. Não quero esquecer para formular, ao mesmo tempo, um agradecimento à classe dos fotógrafos brasileiros, que nos acompanharam nesta viagem. Eles são dignos de nossa admiração. Quando do "match" Brasil x Peru, que terminou antes do tempo, no meio da confusão (enorme) que reinava no gramado — minha luta maior, como dos demais membros da CBD, era a súmula do jogo, conforme direi, oportunamente. Estávamos com a atenção todinha voltada para esse lado da "questão". Até que um grupo de fotógrafos se acercou de mim para informar em segredo: "Eles querem substituir os dois jogadores que foram expulsos. Entrarão outros, descansados..." Foi, então, que pedi a colaboração de cada um deles, para que ficassem fazendo "cera" junto ao juiz e outros próceres peruanos, acendendo o "flash" toda vez que fôsse possível, para documentar a "cantada". Com isso, Mr. Lynch não nos fugiria e os outros problemas, de solução rápida que deveriam ter, ganhariam um fim mais favorável (aos nossos interesses, claro). Os rapazes, no dia seguinte, deviam estar sem bateria para sua "cobertura" rotineira, pois nunca vi em toda minha vida tamanha harmonia em matéria de guerra de nervos e tanta lâmpada queimada. Eles merecem minha palavra de reconhecimento."

● VITÓRIA DE "RAÇA" DA CHEFIA. — Devido aos nossos patrícios e amigos da imprensa, pudemos terminar o trabalho de bastidor que significou a homologação de nosso triunfo sobre o Peru, por falta de garantia. O relatório do britânico Lynch, logicamente estava redigido em inglês. Ainda no vestiário, Romeu Santos esperou que ele contasse por escrito as ocorrências, assinasse, para, depois levar a súmula para o hotel antes que os "vivos" peruanos o fizessem. Lá, estudamos a com acurada preocupação e carinho. Mr. Lynch usava indistintamente os verbos "terminar" e "suspender". Mas, em determinada altura da exposição, colocou que "havia suspenso definitivamente o "match"... Ora, suspender em caráter definitivo era, em outros termos, terminar, encerrar o jogo — e com a vitória brasileira. Defendemos nossa tese, apontando o advérbio definitivo e categórico, tendo, também no tribunal, a confirmação do resultado de 1 x 0, final, a nosso favor. Não escondo. Falto agora com a modéstia, a fim de voltar a um ponto abordado no início de minhas palavras. A chefia necessita de ter um certo esclarecimento, uma certa dose de cultura e conhecimentos, polidez, até, para alguns momentos. Confesso: agora não falo do chefe, mas da chefia, composta também de Romeu Santos, Marum Jasbik, Almir de Barros e Luiz Vinhais. Aquela da súmula em inglês foi uma autêntica vitória. Vitória de "raça" da chefia da delegação!"

● OPA! FEIJÃO É PROBLEMA SÉRIO... — Se até ali, só tocamos em problemas sérios do futebol brasileiro, resta não deixar de lado um outro, que tem sido tomado como brincadeira. O que não pode ser reformado e nem eu ousaria imaginar tanto atrevimento — é o regime do feijão. Mesmo aqui, o dirigente tem obrigação de se colocar ao corrente dos reclamos dos jogadores, dand-lhes feijão bastante para que não sintam falta da alimentação habitual, assegurando-lhes a serenidade indispensável para a finalidade a que se destinam as concentrações. O feijão tem que se fazer presente. É tão útil quanto o treinamento sistematizado que, às vezes, nos falta. Por isso, na minha rápida ausência de Lima, tratei logo de providenciar feijão para os rapazes. Paguei excesso de bagagem, mas lá cheguei, de retorno com o feijão, com muito feijão. E, o importante, com feijão de dois tipos: o feijão preto para os cariocas, e o feijão mulatinho, para os paulistas. A harmonia, dando o brinquedo desejado a cada um, foi mantida. Não houve ciúme..."

ROGÊ FERREIRA MOSTRA O CAMINHO

- 1 — Reforma de base para formar a pirâmide de orientação:
 - a) Chefe
 - b) 3 Conselheiros
 - c) 1 preparador.
- 2 — Definição de funções, notadamente do técnico.
- 3 — Pesquisa em torno da disposição do futuro "scratchman".
- 4 — Criação de uma "escola de capitães".
- 5 — Extinção dos "ismos" (carioquismo, paulistismo, clubismo...)

HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

O governo de Alberta, Canadá, acaba de tomar a seguinte decisão: distribuir um terço da renda obtida com o petróleo, entre os cidadãos maiores de 21 anos que residam há mais de 5 anos na cidade. A população de Alberta é de 2 milhões e 400 mil pessoas e calcula-se que metade estará em condições de gozar o benefício. Razões apresentadas pelo governo: (1) incentivar o interesse da população pela produção do petróleo; (2) fazer com que o cidadão sinta que contribui diretamente para o progresso da cidade; (3) pôr um paradeiro a tendência dos cidadãos de depender do Estado.

★

O sr. Vasco Pezzi vai contratar o advogado Sobral Pinto para assisti-lo no caso de sua demissão do INIC. Conta-se a propósito que o inquérito feito pelo Conselheiro Azeredo está terminado, mas as conclusões são de tal ordem contra o sr. Paulo Almeida, que o governo ficará em posição insustentável.

★

Muito boa a nova seção (social e noturna), do «Correio da Manhã». Leve, bem escrita, bem informada e agradando bastante ao leitor. Autor: Chuck Woodward.

★

A cada dia o doutor Prado Kelly se parece mais com Silveira Sampaio. E não há nenhuma razão para o ator se considerar mais engraçado que o Deputado. Para modificar sua opinião, basta que Silveira assista aos discursos e apartes do sr. Prado Kelly.

★

Henrique Mindlin, Vladimir Murinho, Jaime Maurício, Flexa Ribeiro e Vera Mindlin estiveram em casa de Milor Fernandes (Vão Gogo), viram os trabalhos já realizados e resolveram: a exposição será no Museu de Arte Moderna. Data: a ser escolhida entre julho e agosto.

★

Juscelino com bom aspecto (e muito satisfeito), na inauguração do Monte Líbano. Comentário de Washington Chamas: «este é o Presidente que o Brasil precisava».

★

Adauto Lúcio Cardoso telegrafou da Argentina dizendo que traz material definitivo sobre a questão do pinho e a participação do sr. João Goulart. Esse telegrama está movendo a maioria e a minoria. A primeira (agora), deseja encerrar o caso Brandi. A segunda deseja levá-lo à frente a todo custo.

★

O Senado já escolheu o orador que saudará o Presidente Craveiro Lopes. Seu nome: Bernardes Filho. Boa escolha, principalmente porque o senador mineiro já viveu muito tempo em Portugal, e conhece a fundo os costumes e alma da gente portuguesa.

★

João Augusto, Paulo Francis e Francisco Pereira da Silva estão fundando uma Associação (decente) de críticos Teatrais. Falta a adesão (quase certa) de Henrique Oscar e Gustavo Dória para a idéia se transformar em realidade.

O deputado Emílio Carlos conversando com o sr. Eduardo Bahouth, afirmou: «dentro de 4 meses estarei comendo o Ademar por uma perna, em São Paulo. Vou tirar as noites de sono dele».

★

O sr. Pereira Braga ainda não está liquidado. Concedida a exoneração ficou assentado que ele só sairá depois do regresso do Presidente Craveiro Lopes. Mas até lá... Essa decisão do Prefeito Negrão de Lima não agradou a Câmara Municipal.

★

O jornalista Murilo Melo Filho será candidato a deputado pelo Distrito Federal. Murilo tem uma coluna diária na Tribuna, um programa semanal na televisão, e muito espírito público. Será recomendado pela revista «Maquis».

★

Os últimos números da revista «O Cruzeiro» têm sido muito bons. Razões da melhora: 1º — Errico Bianco assumiu a direção artística; 2º — Ieddo Mendonça é o novo Chefe de Reportagem; 3º — José Amadio entrou em férias. Aliás, quanto a este último item (importantíssimo), a revista lucraria muito se nomeasse o sr. José Amadio correspondente fixo em Poços de Caldas.

★

Ibrahim Sued e Glôrinha Drumond dançavam no Monte Líbano, quando ao passar em frente a mesa do Presidente Juscelino, são surpreendidos pela pergunta: «Já se decidiram?» Ao lado, Negrão responde logo ao Presidente: «O Ibrahim já decidiu. Agora falta ela». Enquanto os dois paravam de dançar e ficavam na expectativa da fala presidencial, Juscelino arrematava para Glôrinha: «Você não tem porque hesitar. Casa logo».

★

O sr. Paulo de Andrade Lima foi nomeado e tomou posse do cargo de Conselheiro da Usina de Capuava.

★

Excelente a repercussão nas forças armadas da decisão de Juscelino de não beneficiar mais ninguém com a chamada «lei Denys». De agora em diante quem atingir a idade limite, irá para casa, sem crise, sem apelos, sem que o regime fique em perigo. É pena que em outros setores, o sr. Juscelino não use a energia e a coragem cívica que usou no caso Zenóbio.

★ Tutsi Bertrand, notícia permanente, ganhou primeiras páginas esta semana. Tomou parte numa corrida de lambretas, foi acidentada, machucou um pé e o rosto. Esta foto de Yllen Kerr foi batida antes do acidente. Mas em se tratando de Tutsi Bertrand, um pequeno detalhe não tem importância. Antes ou depois, o que importa? Tutsi Bertrand está aí. A lambreta pode ser encontrada «em qualquer boa casa do ramo».

afirmou:
Paulo.

so ficou
Lopes.
Câmara

rito Fe-
na tele-
».

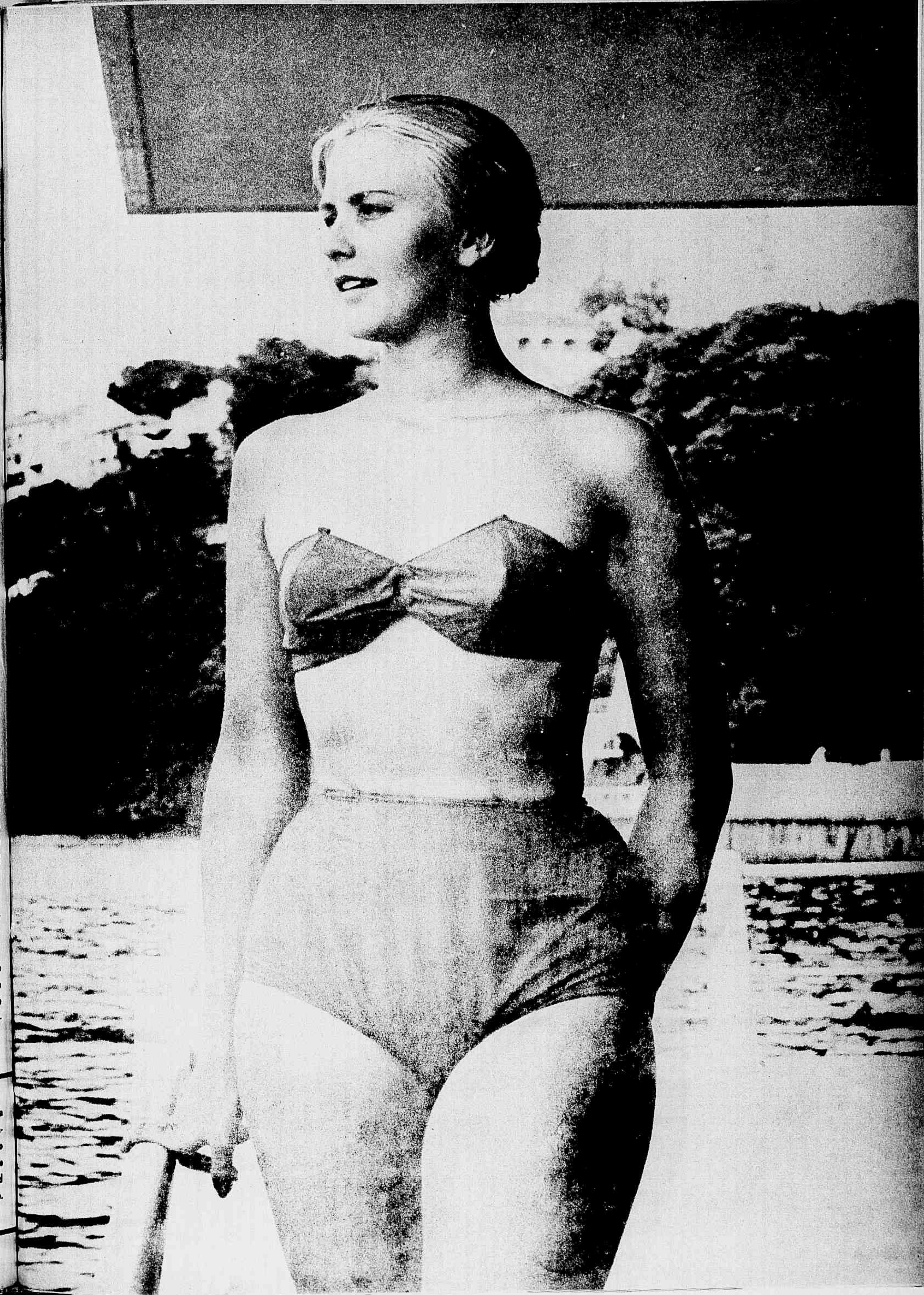
ções de
endonça
s. Aliás,
nomeas-

ndo ao
ergunta:
Ibrahim
avam na
«Você

de Con-

de não
te quem
regime
o ener-

nas esta
da, ma-
ntes do
detalhe
Bertrand
o ramos.



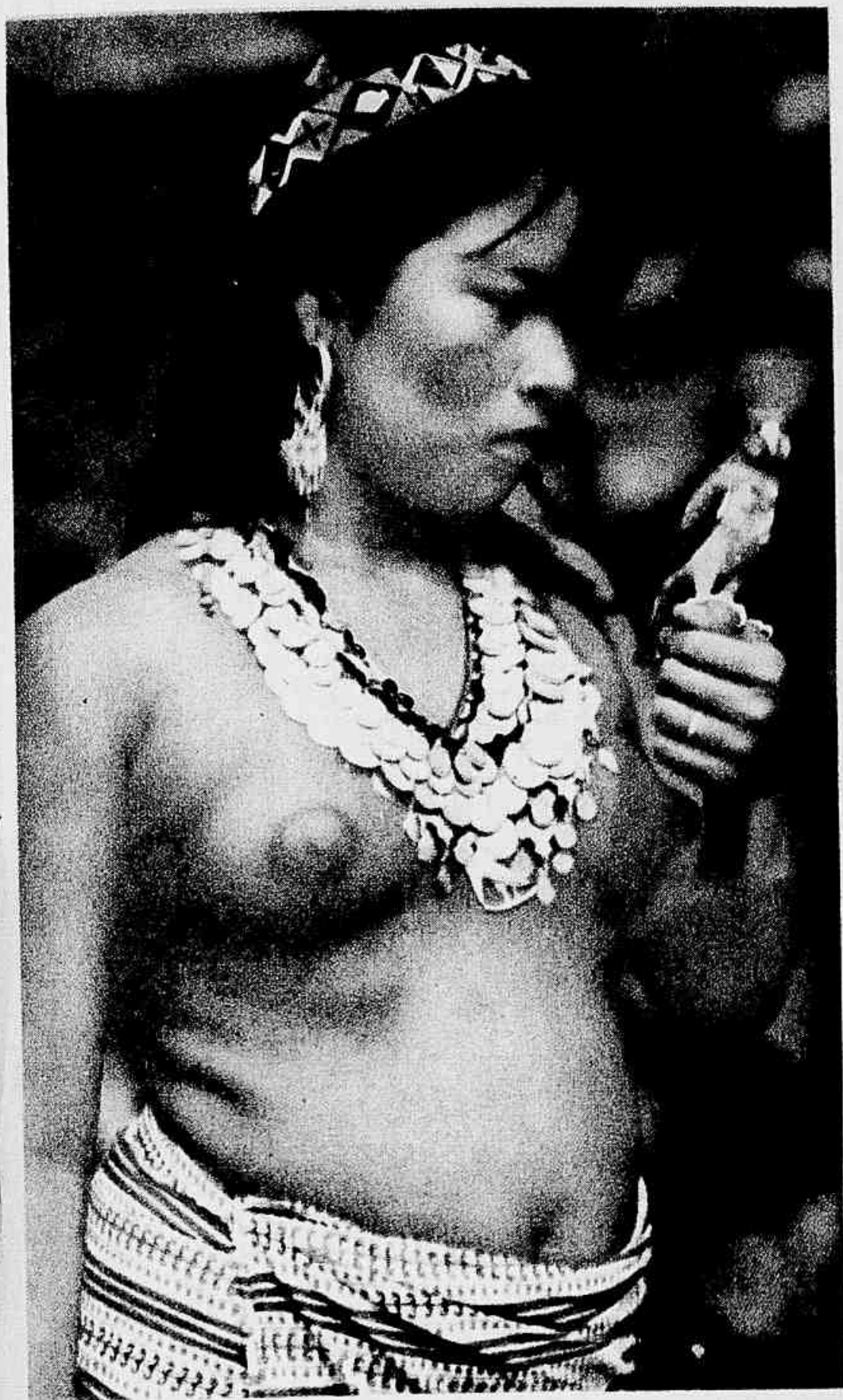
**ÚLTIMO
FLASH**



CAIU GUY MOLLET

★ Derrotado no crédito de confiança que solicitara à Assembléia francesa, Guy Mollet caiu esta semana. Seu governo foi o mais prolongado do após-guerra. Durou exatamente 15 meses, 3 semanas e dois dias, superando por 3 meses e 4 dias o que anteriormente mais resistira. 250 deputados votaram contra Mollet e 213 a favor. 50 votaram em branco e como na votação do caso Lacerda, foram êsses votos que decidiram a questão. (Fenômeno curioso de se constatar é que as Assembléias parecem ser dominadas pelos que se omitem e não pelos que atuam). Como efeito imediato da queda de Mollet, o Presidente Coty cancelou a viagem aos EE.UU. Começará agora o mesmo movimento tantas vêzes repetido: busca do homem para o lugar, consultas, convites, recusa ou aceitação, formação do governo, etc.

**A FIGURA
EM FOCO**



MARECHAL RONDON

À sua obra contempla,
Silencioso, calado.
Sabe que a vida gastou
Num grande bem conquistado.

LEIAM EM

EU SEI TUDO

DE JUNHO

- UTILIDADES DOS DETRITOS DA INDÚSTRIA ATÔMICA
- ESTÃO FALANDO DE OUTROS PLANETAS
- NÃO HÁ DIFICULDADES COM OS «FILHOS PREMATUROS»!
- COMO FUNCIONA UM DISCO VOADOR?
- QUANTOS GERMES SÃO TROCADOS NUM BEIJO?
- VITÓRIA AMARGA DE ISRAEL, A «OPERAÇÃO KADESH»

Cr\$10,00

• ROMANCE, CONTOS, LEITURA PARA DISTRAIR, GRAMÁTICA, CHARADAS, DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS E UMA CENTENA DE INFORMAÇÕES DE UTILIDADE PARA TODOS

RUA VISC. DE MARANGUAPE, 15 – LAPA